



Instituto Politécnico de Beja
Escola Superior de Educação

Mestrado em Educação Especial – especialização no Domínio Cognitivo e Motor

Os interesses e aptidões dos jovens com dificuldades intelectuais

Manuela de Jesus Pinto Raminhos

Beja, 2012



Instituto Politécnico de Beja
Escola Superior de Educação

Mestrado em Educação Especial – especialização no Domínio Cognitivo e Motor

Os interesses e aptidões dos jovens com dificuldades intelectuais

Orientadora: Professora Doutora Maria Teresa Pereira dos Santos

Manuela de Jesus Pinto Raminhos

Beja, 2012

“Considero que estamos num momento importante. Já não se pode continuar a ensinar sem pensar na pessoa do aluno, já não se pode estudar sem pensar no futuro e já não se pode fingir que nada temos a ver com a escola.” (Sampaio, 1996:9).

Dedicatória

Dedico muito especialmente àqueles que mais amo, que ao longo de todo este percurso me incentivaram, ajudaram e compreenderam. Dedico aos meus pais pelo grande e sábio papel que desempenharam na qualidade de verdadeiros pais e avós extremosos. Sem eles, eu jamais seria quem sou. Estou-vos eternamente grata. Ao meu marido por toda a compreensão e papel desempenhado na minha ausência. Mas é sobretudo ao meu filho Gabriel, que dedico todo este trabalho, esperando que me tenha perdoado por todos os momentos que não pude estar presente, nem para lhe secar as lágrimas em todas as vezes que chorou pela ausência da mãe. Amo-te muito filho, és o meu verdadeiro tesouro.

Agradecimentos

Agradeço muito especialmente à minha orientadora, Professora Doutora Maria Teresa Santos, que orientou este projecto demonstrando sempre disponibilidade para ajudar. Que o soube orientar sempre com rigor científico, contribuindo, assim para o seu enriquecimento global.

Agradeço também a confiança depositada em mim, que contribuiu, sem dúvida para a minha motivação na realização deste projecto.

Agradeço a todos os professores que fizeram parte deste mestrado, pela sua dedicação na forma como nos transmitiram os conteúdos destinados a este campo do saber.

Um muito obrigado à Escola Secundária Pública Hortênsia de Castro, pela enorme disponibilidade nos pedidos que lhe foram endereçados e que muito contribuíram para a conclusão deste projecto.

Agradeço particularmente ao Professor Rui Sá, director da escola, por ter tornado realidade este sonho, o de conhecer algum do trabalho na Educação Especial, daquela que para mim é uma escola pela qual tenho um enorme carinho, “é simplesmente a minha escola”, aquela onde passei toda a minha adolescência.

Um muito obrigado pela disponibilidade, amabilidade e simpatia do professor Francisco Mendes, adjunto do director e da colega de Educação Especial, professora Helena Curvo, que desde o início se prontificaram em colaborar com este projecto. Foram simplesmente impecáveis.

O meu muito obrigado a todos, sem esquecer é claro alguns colegas extraordinários, que gostei de conhecer. Jamais te esquecerei Ana Pires, obrigada por estares sempre ao meu lado, em todos os momentos no decorrer deste processo. Para além de ter tido uma excelente colega, sei que ganhei uma amiga para a vida.

Resumo

O presente projecto de investigação pretendeu estudar a resposta educativa aos interesses/aptidões dos alunos com dificuldades intelectuais que frequentam a Escola Secundária Pública Hortênsia de Castro de Vila Viçosa.

A abordagem teórica debruça-se sobre o tema das Necessidades Educativas Especiais-dificuldades intelectuais, reflecte acerca da educação inclusiva e foca a atenção na transição para a vida activa, assim como na importância do conhecimento das aptidões/interesses dos jovens com dificuldades intelectuais.

As temáticas em análise no quadro teórico permitiram o abrir de portas para novos conhecimentos acerca das necessidades educativas especiais, tendo em conta a opinião dos mais diversos autores.

O modelo de investigação-acção enquadra metodologicamente este estudo que procurou fazer o levantamento dos interesses e aptidões desses alunos. A recolha de dados foi realizada através da aplicação de questionários e de entrevistas. A amostra foi composta por dez alunos com dificuldades intelectuais e dois professores da escola Secundária Pública Hortênsia de Castro.

Através desta pesquisa identificaram-se as barreiras que a escola em estudo enfrenta, como o insuficiente número de professores de Educação Especial e técnicos da área da psicologia.

Verificou-se também a dificuldade em envolver empresas locais, para a integração de jovens em processo de transição para a vida activa.

A análise dos questionários tornou possível o conhecimento de inúmeras actividades do interesse dos alunos, assim como dos sonhos que todos gostariam de ver realizados.

Palavras – Chave- Dificuldades intelectuais; Aptidões/interesses; Escola Inclusiva; Transição para a vida activa.

Abstract

This research project aims to study the educational response to the interests / skills of students with intellectual difficulties who attend the High School Públia Hortense de Castro in Vila Viçosa.

The theoretical approach addresses the issue of special educational needs - intellectual difficulties, reflects upon inclusive education and focus on the transition to working life, as well as on the importance of the knowledge of skills / interests of youngsters with intellectual disabilities.

The look into the issues addressed in the theoretical part of this study allowed the opening of doors to new knowledge about the special educational needs, taking into account the opinion of various authors.

Having as a framework the action-research approach, a survey of interests and skills of these students was made. The survey was conducted through questionnaires and interviews. The sample consisted of ten students with intellectual difficulties and two secondary school teachers of the above school.

Through this study we identified barriers experienced by the school under study, such as insufficient number of Special Education teachers and experts in the field of psychology. It was also verified the difficulty in engaging local businesses to integrate young people in the transition process to working life. By analyzing the questionnaires, it became clear the many activities of interest to students, as well as their dreams which they would like to become truth.

Key-words: Intellectual Difficulties; Skills/Interests; Inclusive School; Transition to Working Life

Índice

Introdução	14
Parte I- Fundamentação Teórica	18
Capítulo I- Necessidades Educativas Especiais – Dificuldades Intelectuais.....	18
1. Crianças/jovens com necessidades educativas especiais.....	18
2. Definição e Caracterização das Dificuldades Intelectuais	21
Capítulo II- A Inclusão.....	25
1. A Inclusão	25
2. A educação na escola inclusiva.....	29
Capítulo III- A transição para a vida activa	32
1. A importância do conhecimento das aptidões/ interesses dos jovens com dificuldades intelectuais.....	32
2. O conceito de transição para a vida activa	34
3. Dificuldades intelectuais e a transição para a vida activa	38
Parte II – Estudo Empírico	41
Capítulo IV- Metodologia e desenho da investigação.....	41
1. Caracterização do campo de estudo	41
1.1. Escola secundária Pública Hortênsia de Castro	41
1.2. Protocolos com instituições laborais da Comunidade	42
2. Problemática.....	44
3. Modelo de investigação.....	45
4. Objecto e Objectivos de Estudo	46
5. Amostra: Constituição e Caracterização	48
6. Instrumentos e Procedimentos	50
6.1. Entrevistas	51
6.2. Questionários.....	52
7. Tratamento de dados	53

Capítulo V – Análise e interpretação dos resultados.....	55
1.Opiniões dos docentes.....	55
2.Interesses dos jovens inquiridos.....	62
3.Aptidões profissionais dos jovens inquiridos.....	72
4.Sonhos para a vida futura dos jovens inquiridos.....	77
Capítulo VI – Projecto de Intervenção.....	81
1. Projecto para a mudança.....	81
Conclusões.....	87
Referências bibliográficas.....	92
Legislação.....	97

Anexos.....	98
Cartas de pedidos de autorização dirigidas à direcção.	99
Guião da Entrevista - Professores de Educação Especial/Adjunto do Director da Escola.....	103
Transcrição da Entrevista.....	107
Questionário De Interesses e Aptidões.....	113
Anexos - Quadros.....	119
Quadro 1- Caracterização dos entrevistados, professor/coordenador de Educação Especial e professor adjunto da direcção:.....	120
Quadro 2- Análise de Conteúdo da Entrevista feita à professora/coordenadora de Educação Especial e ao professor adjunto da direcção.....	121
Quadro 3- Caracterização dos alunos com dificuldades intelectuais a frequentar a Escola Secundária Pública Hortênsia de Castro.	124
Quadro 4- Resultados do questionário de interesses e aptidões profissionais dos alunos com dificuldades intelectuais: “Quanto Gosto?”	125
Quadro 5 – Resultados do questionário de interesses e aptidões profissionais dos alunos com dificuldades intelectuais: “Lista de actividades nas quais o aluno tenha tido alguma experiência pessoal.”	127
Quadro 6 - Resultados do questionário de interesses e aptidões profissionais dos alunos com dificuldades intelectuais: questão aberta – “Quais os sonhos que gostarias de ver realizados no futuro?”	129
Quadro 7- Planificação com proposta de actividades para integração na transição para a vida activa.	130
Anexos - Gráficos	139
Gráfico 1- Faixa etária dos alunos.....	140
Gráfico 2- Quantitativo de alunos por género.	140
Gráfico 3- Níveis de escolaridade dos alunos.	141
Gráfico 4: Níveis de interesse relativamente ao item 1 “Sair numa excursão”.....	142
Gráfico 5: Níveis de interesse/aptidão dos alunos: 2 “Armar ou desarmar objectos mecânicos”.	142
Gráfico 6: Níveis de interesse e aptidões dos alunos: 3 “Desenhar e pintar.”.....	143
Gráfico7: Níveis de interesse e aptidões dos alunos: 4 “Cantar num grupo coral.”.....	143
Gráfico 8: Níveis de interesse relativamente ao item 5 “Cuidar de crianças”.....	144

Gráfico 9: Níveis de interesse relativamente ao item 6 “Cuidar de idosos”.....	144
Gráfico 10: Níveis de interesse relativamente ao item 7 “Ser membro de um conjunto musical”.	145
Gráfico 11: Níveis de interesse relativamente ao item 8 “Construir objectos de madeira”.....	145
Gráfico 12: Níveis de interesse relativamente ao item 9 “Aprender a classificar e arquivar documento”.	146
Gráfico 13: Níveis de interesse relativamente ao item 10 “Reparar as avarias dos electrodomésticos ou das instalações eléctricas”.	146
Gráfico 14: Níveis de interesse relativamente ao item 11 “Tentar perceber o funcionamento de um relógio electrónico ou de um brinquedo electrónico”.	147
Gráfico 15: Níveis de interesse relativamente ao item 12 “Trabalhar num bar”.....	147
Gráfico 16: Níveis de interesse relativamente ao item 13 “Trabalhar numa cozinha de Restaurante”.	148
Gráfico 17: Níveis de interesse relativamente ao item 14 “Modelar em barro”.....	148
Gráfico 18: Níveis de interesse relativamente ao item 15 “Representar um papel numa peça de teatro”.....	149
Gráfico 19: Níveis de interesse relativamente ao item 16 “Desenhar o vestuário para uma representação teatral ou para uma passagem de modelos”.....	149
Gráfico 20: Níveis de interesse relativamente ao item 17 “Ser Locutor de rádio”	150
Gráfico 21: Níveis de interesse relativamente ao item 18 “Viver fora da cidade, fazer campismo e outras actividades de ar livre”	150
Gráfico 22: Níveis de interesse relativamente ao item 19 “Escutar música moderna ou clássica”	151
Gráfico 23: Níveis de interesse relativamente ao item 20 “Conhecer e cuidar das plantas”.....	151
Gráfico 24: Níveis de interesse relativamente ao item 21 “Plantar árvores ou colher frutos numa herdade em férias”.....	152
Gráfico 25: Níveis de interesse relativamente ao item 22 “Criar ou tratar de animais numa quinta, nas férias.”	152
Gráfico 26: Níveis de interesse relativamente ao item 23 “Aprender a tocar um instrumento musical.”.....	153
Gráfico 27: Níveis de interesse relativamente ao item 24 “Aprender a funcionar com os principais programas do computador.”	153
Gráfico 28: Níveis de interesse relativamente ao item 25 “Manejar ferramentas e maquinaria.”	154

Gráfico 29: Níveis de interesse relativamente ao item 26 “Ser membro de uma associação musical”	154
Gráfico 30: Níveis de interesse relativamente ao item 27 “ser mecânico numa grande oficina.”	155
Gráfico 31: Níveis de interesse relativamente ao item 28 “Praticar desportos em recinto aberto, como actividade de lazer.”	155
Gráfico 32: Níveis de interesse relativamente ao item 29 “Ordenar e classificar os livros de uma biblioteca.”	156
Gráfico 33: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 1 “Encarregar-se de uma exposição escolar.”	157
Gráfico 34: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 2 “Escrever contos, histórias juvenis.”	157
Gráfico 35: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 3 “Ler revistas e livros.”	158
Gráfico 36: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 4 “Para escrever composições ou artigos para um jornal?”	158
Gráfico 37: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 5 “Para tirar fotografias de qualidade?”	159
Gráfico 38: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 6 “Para escrever contos, narrativas, histórias?”	159
Gráfico 39: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 7 “Para fazer traçados geométricos com régua e esquadro?”	160
Gráfico 40: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 8 “Para ouvires os outros quando estão com problemas?”	160
Gráfico 41: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 9 “Para aprender a usar o computador?”	161
Gráfico 42: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 10 “Para montar e desmontar brinquedos complicados?”	161
Gráfico 43: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 11 “Para arrumar e meter em ordem papeis?”	162
Gráfico 44: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 12 “Para ser um membro activo de um clube ou associação?”	162
Gráfico 45: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 13 “Para fazer jogos de palavras, trocadilhos, etc?”	163
Gráfico 46: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 14 “Para modelar barro, plasticina, etc?”	163

Gráfico 47: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 15 “Para inventar e realizar um cenário de teatro?	164
Gráfico 48: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 16 “Para desenhar casas, objectos, pessoas?”	164
Gráfico 49: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 17 “Para inventar e criar roupa?”	165
Gráfico 50: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 18 “Para vender objectos?”	165
Gráfico 51: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 19 “Para armar e compor objectos mecânicos?”	166
Gráfico 52: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 20 “Para perceber o funcionamento de certos mecanismos como motores, relógios, etc?”	166
Gráfico 53: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 21 “Para tocar um instrumento musical?”	167
Gráfico 54: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 22 “Para manejar ferramentas como martelo, serrote, berbequim?”	167
Gráfico 55: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 23 “Para perceber que alguém desafina quando canta?”	168
Gráfico 56: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 24 “Para distinguir diferentes instrumentos numa música?”	168
Gráfico 57: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 25 “Para tratar de alguém doente?”	169
Gráfico 58: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 26 “Para trabalhar com ferramentas como chave inglesa etc. na reparação de um motor?”	169
Gráfico 59: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 27 “Para cantar?” ..	170
Gráfico 60: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 28 “Para colaborar com os teus colegas em trabalhos de grupo?”	170
Gráfico 61: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 29 “Para cortar, coser, tecer, forrar um sofá?”	171
Gráfico 62: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 30 “Para reparar uma tomada de corrente ou um interruptor?”	171
Gráfico 63: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 31 “Para ordenar e classificar papeis correspondência ou documentos?”	172

Introdução

Através deste trabalho de investigação pretendeu-se aprofundar o conhecimento sobre situações educativas que são alvo das minhas preocupações enquanto docente, pois através da minha experiência sei que as escolas ainda têm um longo caminho a percorrer, no sentido de se ir ao encontro das necessidades/interesses e até mesmo das aptidões dos jovens com necessidades educativas especiais e muito particularmente das que apresentam dificuldades intelectuais.

Considero essencial incluir os jovens na comunidade escolar, pois será a escola o pilar para mais tarde suportar a sua inclusão na sociedade.

Será importante que as instituições educativas disponham de recursos humanos e materiais, para orientar os alunos com dificuldades intelectuais, indo de encontro aos seus interesses e aptidões, dando assim, um contributo fundamental no campo da evolução humana e favorecendo uma melhor integração na comunidade em geral, contribuindo sem dúvida, para uma sociedade mais justa e mais desperta para a aceitação da diferença.

A melhor maneira de chegar a todos os intervenientes deste processo de investigação, passará pelo conhecimento das suas realidades, necessidades, interesses, aptidões, dando-lhe a oportunidade de realizar novas aprendizagens que lhes proporcionem prazer na sua execução, possibilitando-lhe também, o desenvolvimento da sua auto-estima/motivação.

Parece óbvio, que ao falar-se de interesses e aptidões dos jovens com dificuldades intelectuais, surja uma inquietação, a de os ajudar no processo de transição para a vida activa.

Mesmo quando se verifica que o aluno é tratado à revelia da própria sorte, este continua a ter sonhos como qualquer outro jovem “dito normal”. Alimentar esses sonhos é sentir que tal como os outros, consegue realizar algo de construtivo na sua vida, procurando dar-lhe sentido, procurando ser útil para a sociedade e mantendo assim a sua auto-estima.

Estes sonhos demonstram que os jovens com dificuldades intelectuais também olham e pensam no seu futuro. Têm ideais, que precisam de ser levados em conta, para que estes sejam não só integrados mas também incluídos na sociedade à qual pertencem.

É urgente que a escola e toda a comunidade em redor se envolvam neste processo de inclusão.

Estes jovens necessitam de ser ajudados no seu processo de busca pela autonomia e independência e que lhes seja dada a oportunidade de desempenharem uma actividade que lhes dê satisfação pessoal, contribua para a sua produtividade e assegure a sua subsistência.

Com este estudo pretendeu-se conhecer os verdadeiros interesses e aptidões dos jovens com dificuldades intelectuais, no sentido de promover respostas capazes de os ajudar no desenvolvimento das suas competências.

Procurou-se dar atenção às opiniões destes jovens, acerca das actividades que pretendem desempenhar, motivá-los para que consigam alcançar os seus desejos e sonhos.

Constituiu também uma preocupação valorizar estes alunos com dificuldades intelectuais, enquanto pessoas que podem ser produtivas.

Ao longo desta investigação, foram aplicados questionários de interesses e aptidões aos alunos com dificuldades intelectuais e realizadas entrevistas aos professores com o

objectivo de conhecer as respostas que a escola oferece em relação a esses interesses e aptidões.

Este estudo visou, assim, investigar como estão a ser organizadas as respostas aos interesses e aptidões destes alunos, observando e analisando a realidade da Escola Secundária Pública Hortênsia de Castro de Vila Viçosa e confrontando-a com aquilo que seria o ideal, segundo alguns autores. Numa fase posterior foram delineadas estratégias no sentido de melhorar e tornar possível o desenvolvimento das aptidões/interesses destes jovens.

Considerou-se fundamental possibilitar a reflexão sobre esta realidade, que por sua vez poderá originar mudanças, dos objectivos e estratégias do processo de ensino-aprendizagem dos alunos com dificuldades intelectuais, levando em conta as suas verdadeiras necessidades e possibilidades reais para o desempenho de uma profissão.

Para uma apresentação adequada do projecto, delineou-se uma estrutura composta por duas partes – a componente teórica e a empírica – organizadas no total em seis capítulos. No quadro teórico, a revisão da literatura abordou o tema das necessidades educativas especiais, definindo e caracterizando as dificuldades intelectuais. De seguida, considerou-se relevante fazer referência à Inclusão, com especial atenção para a temática da educação e escola inclusivas. Pelo seu significado para a investigação procedeu-se ainda à reflexão em torno do Processo da Transição para a Vida Activa e do seu conceito, assim como, do conhecimento das aptidões/interesses dos jovens com dificuldades intelectuais.

Relativamente à segunda parte, no capítulo da Metodologia e Desenho da Investigação, caracterizou-se o campo de estudo - a Escola Secundária Pública Hortênsia de Castro, onde se considerou pertinente inscrever os Protocolos com Instituições Laborais na Comunidade.

Procedeu-se de seguida à explicação e fundamentação da problemática, do modelo de investigação, objectivo e objectivos de estudo, amostra, instrumentos e procedimentos e tratamento de dados.

À análise e interpretação dos dados recolhidos através das entrevistas e questionários, seguiu-se a proposta de um do Projecto de Intervenção, onde foi elaborada uma planificação com o objectivo de responder adequadamente às necessidades diagnosticadas com vista à aproximação da situação ideal.

Por último, as conclusões permitiram colocar em perspectiva todo o trabalho desenvolvido, reflectir sobre o que foi alcançado, as limitações do estudo e as possibilidades da sua expansão futura.

Parte I- Fundamentação Teórica

Capítulo I- Necessidades Educativas Especiais – Dificuldades

Intelectuais

1. Crianças/jovens com necessidades educativas especiais

Foi nos anos 70 que se abordou pela primeira vez o conceito de Necessidades Educativas Especiais, (NEE) no *Warnock Report – Report of the Warnock Committee of Enquiry into the Education of Handicapped Children and Young People*, no Reino Unido, e na *Public Law 94/142* nos Estados Unidos da América.

O Relatório Warnock (Warnock, 1978:4), refere-se a um desfasamento entre o nível de realização da criança e o que dela é esperado. Como forma de atenuar o desfasamento, apresenta três tipos de necessidades educativas especiais:

- a) A necessidade de se encontrarem meios específicos de acesso ao currículo;
- b) A necessidade de lhe ser facultado um currículo especial ou modificado;
- c) A necessidade de dar uma especial atenção à estrutura social e ao clima emocional na qual a educação decorre.

O conceito de NEE é retomado na Declaração de Salamanca, e redefinido como abrangente de todas " as crianças e jovens cujas carências se relacionam com deficiências ou dificuldades escolares e, conseqüentemente, têm necessidades educativas especiais em determinado momento da sua escolaridade", incluindo nesta definição as "crianças com deficiência ou sobredotadas, crianças da rua ou crianças que trabalham, crianças de populações remotas ou nômadas, crianças de minorias linguísticas, étnicas ou culturais e crianças de áreas ou grupos desfavorecidos ou marginais" (UNESCO,1994:6).

Segundo Bénard da Costa (2005:57), a nova perspectiva “escola inclusiva” foi o grande legado da Declaração de Salamanca, na medida em que “questiona todo o sistema de ensino e todos os seus intervenientes tendo em vista uma escola que responda da melhor forma a todos os alunos e que contribua para uma sociedade solidária e também ela inclusiva”.

São alunos com necessidades educativas especiais quando estes têm uma incapacidade, sobredotação ou qualquer outra circunstância ligada e que limitam as suas capacidades pessoais.

O conceito de necessidades educativas especiais está relacionado com as ajudas ou serviços educativos que determinados alunos possam necessitar ao longo da sua escolarização, para obter o máximo crescimento pessoal e social (Bautista, 1997: 17).

Alguns alunos precisam de aprender coisas diferentes das do currículo “normal”, de modo a ampliar competências.

Por isso, considera-se importante que a escola tenha em consideração os interesses dos seus alunos, assim como as suas aptidões.

De notar que, frequentemente, a pessoa deficiente depara-se com obstáculos, quer ao nível do seu desenvolvimento pessoal e social, quer na sua inserção no mundo que o rodeia. Aqui, desde cedo a escola tem um papel fulcral na forma como actua perante estas crianças. Importa, pois, ter uma nova visão da pessoa com deficiência e olhá-la muito mais pelo lado das capacidades do que das incapacidades (Vieira & Pereira, 1996).

O princípio elementar da escola inclusiva é que todas as crianças deveriam aprender juntas, independentemente das suas dificuldades, sendo que caberá às escolas regulares reconhecer e dar respostas adequadas às diversas necessidades dos seus alunos,

instituindo, ao mesmo tempo, um conjunto de serviços para responder a tais necessidades. Eis o verdadeiro desafio das escolas regulares, com vista à inclusão destas crianças/jovens.

2. Definição e Caracterização das Dificuldades Intelectuais

“A definição psicométrica da deficiência mental surgiu com a obrigatoriedade escolar, que a equacionou a um atraso do desenvolvimento intelectual, constatável e mensurável a partir da criação por Binet e Simon da Escala Métrica de inteligência.” (Albuquerque, 2000:19)

A deficiência intelectual corresponde a manifestações como insuficiência, associadas ao significado de deficiência (do latim deficientia). A principal característica da deficiência intelectual é a redução da capacidade intelectual (QI), situada abaixo dos padrões considerados normais para idade, se criança, ou inferiores à média da população, quando adultas. A pessoa com deficiência na maioria das vezes apresenta dificuldades ou nítido atraso no seu desenvolvimento neuropsicomotor, aquisição da fala e outras habilidades (comportamento adaptativo, conceptuais, sociais ou práticos).

A deficiência intelectual ou mental é conhecida por problemas com início no cérebro e que causam baixa produção de conhecimento, dificuldade de aprendizagem e um baixo nível intelectual. Entre as causas mais comuns estão os factores de ordem genética, as complicações ocorridas ao longo da gestação ou durante o parto e as pós-natais (Albuquerque, 2000).

Durante a vida adulta poderão adquirir competências sociais e vocacionais adequadas a uma autonomia mínima, como, por vezes, necessidade de apoio, orientação e assistência quando sob stress social ou económico fora do habitual.

Na mesma linha orientadora, relativamente ao grau de gravidade moderada, as pessoas podem adquirir competências de comunicação durante os anos pré-escolares, beneficiar de treino laboral, e, com uma relativa supervisão, adquirir uma certa autonomia e beneficiar de um treino de competências sociais e ocupacionais.

Na adolescência as suas dificuldades situam-se em reconhecer as convenções sociais podem interferir nas relações com os colegas. Na idade adulta, a maioria pode, sob supervisão, realizar trabalhos, não especializados ou semi-especializados, em oficinas protegidas, ou até no mercado geral de trabalho, e adaptar-se bem à vida em comunidade.

Já no que concerne ao grau grave, as pessoas, em idade pré-escolar, poderão aprender a falar, serem treinadas em actividades elementares de higiene e beneficiar, de forma limitada, de instrução em temas pré-académicos simples. Na idade adulta, podem realizar tarefas simples sob apertada supervisão, adaptando-se bem, em muitas situações, à vida na comunidade em lares protegidos ou com as suas famílias. Por último, nas pessoas com um grau de gravidade profundo, na maioria das vezes, são identificadas situações neurológicas que conduziram à sua situação, manifestando, na primeira infância dificuldades de funcionamento sensório motor (Albuquerque, 2000).

De acordo com Santos e Morato (2002), a definição do grau de Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais (DID) - designação mais recente - a partir do comportamento adaptativo é um conceito importante ao nível da problemática abordada e com maior utilidade na prática. A necessidade de criar este tipo de definição surge devido à rotulação do défice médio de inteligência não nos fornecer qualquer informação acerca das capacidades/ potencialidades das pessoas com DID. Os três aspectos mais salientes a reter do conceito de comportamento adaptado são: a importância do funcionamento independente (autonomia), importância da responsabilidade pessoal (de acordo com um conjunto de códigos, regras, etc.) e consideração do comportamento adaptativo em função da idade e/ou cultura específica do indivíduo em questão.

Através da aplicação dos testes de inteligência em escolas públicas conseguiu-se descobrir um elevado número de crianças com deficiências mentais ligeiras,

estabelecendo-se também ligações étnicas, sócio-económicas e culturais. Assim, deu-se significativa importância ao meio como influenciador do indivíduo.

Neste sentido, Albuquerque (2000:21) alerta para o facto de que, “a sobrerrepresentação de crianças de grupos minoritários étnicos e raciais e das classes sociais mais desfavorecidas ao nível da deficiência mental ligeira era incompatível com a hipótese de uma etiologia orgânica, e conduziu à invocação do papel dos factores genéticos e mesológicos.” e que por conseguinte, “a deficiência mental não é redutível a uma dimensão intelectual, avaliada pelos testes de inteligência, havendo a necessidade de adaptação de critérios de definição.” (Albuquerque, 2000: 23).

À medida que ocorreu uma evolução do próprio conceito de que falamos, verifica-se que as suas definições foram influenciadas por exigências administrativas, sociais, políticas e culturais.

São principalmente quatro as conceptualizações da deficiência intelectual relativamente ao século XX: como défice intelectual e défice no comportamento adaptativo; como défice cognitivo e como défice socialmente definido.

A incapacidade é definida como “a redução ou a falta de capacidades para uma actividade, de forma ou dentro dos limites considerados normais para o ser humano”(OMS, 1980:36). Segundo esta organização a incapacidade está relacionada com uma deficiência ou incapacidade do indivíduo que o limita ou o impede no desempenho de uma determinada actividade considerada normal (OMS, 1980).

É frequente a utilização dos termos “significativamente abaixo da média”, estando relacionados com dois desvios - padrão abaixo da média nos testes de inteligência.

Não haverá certamente dúvidas em relação à opinião de que os jovens com dificuldades intelectuais têm pois, um funcionamento cognitivo abaixo do esperado, o que lhe limita

a capacidade de aprender, compreender e aplicar os conhecimentos e o raciocínio lógico. O grau de incidência, de severidade, dependerá de vários factores, mas predominam as características da criança com este problema, podendo ser classificadas como de ligeira, moderada, grave ou até mesmo profunda.

Capítulo II- A Inclusão

1. A Inclusão

“A inclusão mais do que um juízo de valor é uma forma de melhorar a qualidade de vida, onde a educação pode desempenhar um papel primordial ao oferecer as mesmas oportunidades e idêntica qualidade de meios a todo aquele que chega de novo” (Warwick, 2001: 97).

Em 1994, a Conferência de Salamanca ao adoptar a declaração sobre os Princípios, a Política e as Práticas na área das Necessidades Educativas Especiais e respectivo Enquadramento da Acção, inspirou-se no «Princípio da Inclusão» e no «Reconhecimento da necessidade de actuar com objectivo de conseguir escolas para todos – instituições que incluam todas as pessoas, apoiem a aprendizagem e respondam às necessidades individuais» (UNESCO, 1994).

Assim, parte-se do assumir que as necessidades educativas formam um verdadeiro continuum a que a escola se deve ir ajustando progressivamente com o único fim de se tornar possível o acesso dos seus alunos aos objectivos da educação, o que pressupõe, ao mesmo tempo, admitir a diferença como um repto a que é necessário dar resposta numa linha integradora e não como uma circunstância mais ou menos aborrecida, que dificulta o trabalho de transmissão do conhecimento social e culturalmente acumulado às novas gerações (Bautista, 1997).

Não haverá com certeza dúvidas, no que diz respeito à opinião de que a inclusão das pessoas com deficiência constitui na actualidade um enorme desafio para todos e talvez um dos mais complexos, presentes na sociedade onde nos encontramos inseridos.

Para que se consiga alcançar a verdadeira inclusão que proporcione um bem-estar a todos, será necessário que todos saibam exercer a cidadania.

As pessoas com deficiência têm todo o direito de serem cidadãos plenos, e, mais do que isso, indivíduos na sua totalidade ontológica e social. Para que isto se concretize, será importante que a criança com deficiência, seja incluída logo a partir do nascimento pela sua própria família. É claro, que os pais começam logo desde a gravidez a idealizar o seu filho, sonhando por ter um bebé perfeito. Ora, quando isto não se verifica, nascendo uma criança portadora de deficiência, esses pais passam normalmente por todo um processo de não-aceitação, questionando-se por este facto. Estamos aqui, perante um processo de luto do filho idealizado. Os pais terão a partir de então um longo processo de desenvolvimento deles próprios, para que consigam aceitar este bebé tal e qual como ele é, para que deste modo, esta criança com deficiência seja incluída na família (Franco, 2011).

Após a inclusão da criança no seio familiar, e atingida a idade do início de entrada para a escola, surge aqui um outro processo, é agora necessário incluí-la numa escola para todos.

“Escola inclusiva é uma escola onde se celebra a diversidade, encarando-a como uma riqueza e não como algo a evitar, em que as complementaridades das características de cada um permitem avançar, em vez de serem vistas como ameaçadoras, como um perigo que põe em risco a nossa própria integridade, apenas porque ela é culturalmente diversa da do outro, que temos como parceiro social.” (César, 2003: 119).

Assim, a diversidade na escola, conduzirá, com certeza, a pessoas mais ricas culturalmente e melhor preparadas para aceitar e lidar com a diferença de todos aqueles que fazem parte da Comunidade.

“As escolas devem ajustar-se a todas as crianças, independentemente das suas condições físicas, intelectuais, linguísticas ou outras.” (UNESCO, 1994: 11).

Actualmente todos os alunos, em Portugal deverão ingressar no ensino dito normal, mesmo que estes tenham qualquer deficiência, diferença religiosa, cultural e social. A Escola procura integrar todos os alunos de forma a incluí-los, facultando-lhes diversos recursos, materiais e humanos.

Este processo de inclusão tem sido um processo lento, mas a escola de acordo com os meios de que dispõe tem procurado remar em direcção à inclusão. Porém, é sabido que existem muitas dificuldades, pois, em muitos casos faltam docentes especializados e outros técnicos, assim como, recursos pedagógicos. Para que se consiga alcançar uma verdadeira inclusão será necessário colocar mais recursos humanos especializados, assim como dispor de mais recursos educativos adaptados às necessidades de cada criança/jovem.

Para que a inclusão se torne uma prática eficaz, esta deverá ser pensada a longo prazo, onde será visível uma preocupação com integração futura, pós – escola, incluindo num plano individual a transição do jovem e modelando esse plano conforme os objectivos pretendidos vão sendo alcançados ou não. É ainda necessário ter em conta as condições da escola, da formação específica dos professores, os direitos dos outros alunos, o envolvimento parental, a necessidade de um sistema que sustente a inclusão desde a base, ou seja, na intervenção precoce e no acompanhamento parental e, um sistema de ensino que ele próprio, os intervenientes e, a sociedade entendam, aceitem e se esforcem para que seja um sucesso.

As crianças/jovens com deficiência, mais do que as ditas “normais” necessitam de uma atenção especial, tratamento adequado e enquadramento sócio - educativo adaptado.

Só profissionais com formação especializada e adequada a estes tipos de problemática, com conhecimentos técnicos e pedagógicos e de psicologia do desenvolvimento,

poderão obter o sucesso tão desejado por todos, mas em especial, por parte destas crianças/jovens e das suas famílias.

2. A educação na escola inclusiva

A escola é, sem dúvida, um espaço importante na vida de qualquer indivíduo, contribuindo para a construção deste enquanto ser humano integrado numa sociedade. Ao chegarmos à escola deparamo-nos com a diversidade, portanto cabe ao educador/professor questionar-se sobre as melhores estratégias a fim de proporcionar um contexto educativo facilitador da aprendizagem e desenvolvimento de cada aluno.

Nesta perspectiva, as diferenças dos alunos, deverão ser valorizadas e promovida a sua integração dentro do espaço educativo.

Para Rodrigues (2006) a Educação Inclusiva assenta em “três pilares”: rejeição da exclusão, educação conjunta de todos os alunos e eliminação de barreiras da aprendizagem. Deste modo, a escola terá que ser reestruturada a fim de corresponder às necessidades de todos os alunos.

Perrenoud (2000) refere que a Educação Inclusiva é um desafio que envolve a Escola, numa verdadeira transformação organizacional e pedagógica abrindo-se à comunidade e assim, invocando mudanças de atitudes por parte de toda a comunidade educativa.

Parece claro que para a existência de uma verdadeira escola inclusiva terá que ser respeitado o verdadeiro sentido de comunidade, capaz de aceitar as diferenças, dando respostas às necessidades de cada um, adaptar o nível curricular, as estratégias de ensino e da organização da própria instituição educativa. Deste modo ter-se-á certamente uma verdadeira escola inclusiva, com capacidade de preparar os jovens para a inserção na sociedade, promovendo a sua autonomia.

A educação inclusiva terá que acolher todos, independentemente das suas dificuldades ou diferenças não excluindo nenhum aluno (Fergusson, 1995, citado por Correia, 2003).

Não se pretende, nas escolas inclusivas que a educação baixe o seu nível, que não se exija um verdadeiro empenhamento do aluno na aprendizagem, mas sim que esta acompanhe/oriente o aluno para que este ultrapasse as dificuldades que a aprendizagem lhe apresenta (Rodrigues, 2007).

Ter uma verdadeira escola inclusiva é o desejo de viver numa sociedade mais justa, contribuindo para uma maior qualidade de vida e maior bem-estar de todos os intervenientes neste processo. Assim, haverá certamente uma maior igualdade de oportunidades para toda a comunidade envolvente e todos os indivíduos pertencentes à sociedade, de que faz parte o próprio aluno com necessidades educativas especiais.

Portanto, se este objectivo da inclusão for alcançado, todos terão o privilégio de viver numa sociedade mais equilibrada e rica.

Segundo Correia (2003) uma escola inclusiva é uma escola onde toda a criança é respeitada e encorajada a aprender até ao limite das suas capacidades.

Trata-se de dar opções, de dar lugar, de oferecer recursos e de melhorar a oferta educativa em função das necessidades de cada indivíduo, sem permitir a exclusão e oferecer como segunda oportunidade a integração escolar (Correia, 2003).

A educação inclusiva apoia-se em aceitar todos, responsabilizando-se a fazer tudo que seja necessário para facultar a cada “jovem” da comunidade e a cada cidadão de uma democracia, o direito de pertença a um grupo, a não ser excluído. Ser simplesmente aceite e tratado e respeitado de forma igual aos demais indivíduos da sociedade.

A principal preocupação das escolas inclusivas está relacionada com a criação de um sistema educativo capaz de responder às necessidades dos alunos. Isto implica respeitar a individualidade de cada um, ser consciente da existência da diferença, ser capaz de aceitar e desenvolver uma cultura de colaboração, facilitando assim a aprendizagem

profissional de todos os professores e aumentando a igualdade de oportunidades como meio para conseguir uma melhoria educativa.

Rodrigues (2007) sublinha que a educação inclusiva constitui uma oportunidade para que todos possam conviver e beneficiar da riqueza que a diferença nos traz. Ora todos podemos aprender com a diferença, não há dúvida que esta trará alguma novidade de forma a tornar-nos mais conhecedores da realidade e assim mais ricos socialmente e culturalmente.

Cabe à escola esforçar-se para permitir um conjunto de práticas inclusivas para que os alunos possam beneficiar de experiências enriquecedoras que os ajudem a ultrapassar as suas barreiras. Que seja dada a oportunidade aos alunos de aprender com os outros e adquirir um conjunto de aprendizagens e valores que conduzam à aceitação da diferença.

Ainscow (1995:24) propõe uma atenção especial a seis «requisitos» que podem ter um papel fundamental de mudança nas escolas:

- liderança eficaz, não só por parte do director, mas difundida através da escola;
- envolvimento da equipa de profissionais, alunos e comunidade nas orientações e decisões da escola;
- planificação realizada colaborativamente;
- estratégias de coordenação;
- focalização da atenção nos benefícios potenciais da investigação e da reflexão;
- política de valorização profissional de toda a equipa educativa.

Portanto cabe a toda a comunidade escolar reunir esforços para que se rume em direcção ao sucesso de todos aqueles que necessitam de uma atenção especial.

Capítulo III- A transição para a vida activa

1. A importância do conhecimento das aptidões/ interesses dos jovens com dificuldades intelectuais

De acordo com Fierro (1995:240-241), o princípio educacional de que crianças distintas necessitam de escolas diferentes, prevê uma educação desigual, só para alguns grupos de crianças, entre as quais aquelas que possuem dificuldades intelectuais. Cabe à escola garantir as condições necessárias para que todas as crianças, independentemente das suas dificuldades, possam agir como adultos responsáveis e capacitá-los a viver da forma mais autónoma possível, ao disponibilizar os conhecimentos adequados e propiciar o desenvolvimento das suas aptidões, necessárias à vivência em sociedade e ao desempenho de uma determinada profissão. O que muda ou deveria mudar são os meios e as técnicas para se alcançar determinadas competências, assim como a adopção de professores especializados no manejo dessas técnicas e salas de aula com os recursos necessários para atender às necessidades especiais de cada aluno especificamente.

Será também importante que a escola, se preocupe em assegurar, para todos os alunos incluído os deficientes mentais, a transição para a vida activa. É necessário destacar o componente educacional, ou de formação, em direcção a uma profissão, e não somente a um emprego, antes da integração como tal. Através dela, será possível uma verdadeira profissionalização do adolescente deficiente (Fierro, 1995: 251).

De salientar, o papel fundamental da escola no conhecimento/reconhecimento dos interesses e aptidões dos alunos, no sentido de os ajudar a promover as suas competências para o exercício, quer de actividades de lazer, que lhes proporcione bem-estar, ou quer de uma actividade profissional, que permita a verdadeira inclusão do jovem/adulto na sociedade.

Para que a escola consiga concretizar este papel fundamental, terá que recorrer aos serviços de orientação vocacional, prestados pelos seus serviços de psicologia. Será com certeza importante que professores e técnicos se unam com o objectivo de estudar os interesses/aptidões de todos os alunos, incluindo os com necessidades educativas especiais.

A escola, segundo Fierro (1995:243), ainda não prepara adequadamente os alunos com deficiência para o exercício de uma profissão. Ainda tem dificuldades na compreensão do desenvolvimento cognitivo dos alunos com necessidades educativas especiais e dos conhecimentos básicos que estes necessitariam para uma formação profissional que os incluam no mercado de trabalho. Tal realidade vai comprometer o desenvolvimento dos interesses e aptidões destes alunos e, conseqüentemente, o seu futuro profissional.

Será importante que se definam novas estratégias de forma a encontrar respostas à formação dos alunos com dificuldades intelectuais.

2. O conceito de transição para a vida activa

“ Os jovens com necessidades educativas especiais precisam de ser apoiados para fazer a transição eficaz da escola para a vida activa. As escolas devem ajudá-los a tornarem-se activos economicamente e proporcionarem-lhes as competências necessárias na vida diária, oferecendo-lhes uma formação nas áreas que correspondem às expectativas e às exigências sociais e de comunicação na vida adulta, o que exige técnicas de formação adequadas, incluindo a experiência directa em situações reais fora da escola. O currículo dos alunos com necessidades educativas especiais que se encontrem nas classes terminais deve incluir programas específicos de transição, apoiando a entrada no ensino superior, sempre que possível, e treino vocacional subsequente que os prepare para funcionarem, depois de saírem da escola, como membros independentes e activos nas respectivas comunidades. Estas actividades terão de se efectuar com a “participação empenhada de consultores vocacionais, agentes de colocação, sindicatos, autoridades locais e serviços e organizações competentes” (UNESCO, 1994:34).

Segundo Parisot, o período de entrada na vida adulta corresponde à “aquisição de atributos sociais tais como o emprego, o alojamento autónomo e a criação de uma família” (Parisot cit.por Santos, 1993:114).

Para que se consiga concretizar a entrada dos alunos com necessidades educativas especiais na comunidade inclusiva, “As escolas e o mercado de trabalho têm de aumentar a cooperação entre si. No que respeita às escolas, elas necessitam de acompanhar os desenvolvimentos e as mudanças ocorridas no mercado de trabalho” (EADSNE 2002:28).

Em 1990/91, o Ministério da Educação criou o “Programa de Transição para a Vida Activa – TVA”, que tem vindo a ser posto em prática nas escolas. Este “Progama” tem como finalidade evitar assimetrias, criando condições favoráveis para que sejam

satisfeitas as necessidades dos alunos com necessidades educativas especiais, valorizando as suas competências e definindo o seu lugar no mercado de trabalho (DRE, 1990).

O artigo 14.º do Decreto de Lei 3/2008, prevê a elaboração do Plano Individual de Transição (PIT). “Sempre que o aluno apresente necessidades educativas especiais de carácter permanente que o impeçam de adquirir as aprendizagens e competências definidas no currículo deve a escola complementar o programa educativo individual com um plano individual de transição 158 Diário da República, 1.ª série — N.º 4 — 7 de Janeiro de 2008 destinado a promover a transição para a vida pós-escolar e, sempre que possível, para o exercício de uma actividade profissional com adequada inserção social, familiar ou numa instituição de carácter ocupacional.” (Decreto Lei 3/2008- art.º 14.º).

O PIT é um documento que deverá integrar o PEI (Programa Educativo Individual), e deverá iniciar-se 3 anos antes da idade limite da escolaridade e deve corresponder às expectativas dos pais e aos desejos, interesses, aspirações e competências do jovem adolescente.

Assim que se faça o levantamento das necessidades e das oportunidades de formação dos jovens, devem estabelecer-se protocolos com associações ou instituições onde estes irão realizar a formação.

O PIT será elaborado pela equipa responsável pelo PEI, juntamente com o jovem e a sua família e outros profissionais, como os das áreas da Segurança Social e Serviços de Emprego e Formação Profissional.

Este documento incluirá os seguintes pontos: Identificação do aluno; Identificação da modalidade; Identificação do local e/ou instituição onde o Plano será desenvolvido; Definição das etapas desde o presente ate a conclusão do percurso educativo;

Discriminação das competências a desenvolver; Distribuição horária das actividades previstas; Identificação dos profissionais responsáveis.

De acordo com a EADSNE (2002:10) transição é definida como um processo de orientação social implicando mudança de estatuto e de papel do jovem. Dá como exemplo a passagem de aluno a formando, de formando a trabalhador e de dependência para independência. Refere também “a transição requer uma mudança nas relações, nas rotinas e na auto imagem. Os jovens com necessidades educativas especiais necessitam de definir metas e de identificar o papel que querem desempenhar na sociedade, de forma a garantir uma transição suave da escola para o local de trabalho”.

De acordo com Erickson (1962:14) a adolescência é uma construção social " Ela ocorre naquela fase da vida em que cada jovem deve estabelecer, para si mesmo, certas perspectivas centrais e certa direcção, alguma unidade de trabalho além dos vestígios de sua infância e das esperanças da sua antecipada idade adulta. O jovem deve descobrir alguma semelhança significativa entre o que ele vê em si mesmo e entre o que sua consciência afiada lhe diz que os outros julgam e esperam que ele seja".

O Plano de Transição deverá basear-se fundamentalmente num currículo funcional, desenvolvido em contextos de aprendizagem naturais e apoiando-se nos recursos da comunidade.

De salientar o quanto será importante que a escola continue a dar continuidade à estabilidade do aluno que se encontra prestes a traçar um novo percurso na sua vida, a caminhar para uma nova etapa, que lhe poderá trazer a autonomia e independência que tanto precisa para a inclusão na vida social. Como todas as outras crianças e jovens, as com necessidades educativas especiais também fazem mudanças ao longo da sua vida. Portanto, será importante que a escola se organize de forma a motivar os alunos, indo de encontro às suas necessidades, interesses e aptidões, ajudando-os a usufruir das

oportunidades educativas mais importantes e com verdadeiro sentido para a vida. Terão que ser trabalhadas todas as competências sociais com o aluno, de maneira a que no futuro este se sinta uma pessoa em plenitude dos seus direitos e que seja acima de tudo um indivíduo realizado e feliz nas suas escolhas.

Parece não haver dúvidas, quanto à necessidade dos jovens com dificuldades intelectuais serem membros participativos na sociedade. Mas para que tal aconteça é necessário o respeito pela igualdade de oportunidades (quer ao nível social, quer educacional) a que todos enquanto seres humanos têm direito. A escola tem por isso um papel muito importante, pois é o agente capaz de promover modelos culturais centrados na pessoa.

3. Dificuldades intelectuais e a transição para a vida activa

Todos os jovens passam pela fase de transição para a vida adulta, por isso terão certamente muitas dúvidas no caminho profissional a percorrer. Caberá também às escolas a tarefa de os ajudar a tomar este tipo de decisões. Assim sendo, em todos os jovens, estão também aqueles com dificuldades intelectuais, que merecerão toda a ajuda necessária para a realização da sua transição para o mercado de trabalho. Eles, como todos os outros, merecem alcançar os seus sonhos, ver realizados os seus desejos e serem, por isso, seres humanos felizes.

As escolas deverão ter em atenção a orientação vocacional/profissional, de cada aluno prestes a iniciar o processo de transição para a vida activa. Para que este processo de transição inclua os jovens com dificuldades intelectuais, é necessário que haja uma reunião de esforços respeitante à família, à escola e à comunidade (Correia & Serrano, 1996).

“Para a pessoa com deficiência, como aliás para a generalidade dos cidadãos, a obtenção de um emprego tem um significado que transcende em muito os aspectos estritamente económicos. De facto, o desempenho de uma actividade profissional perfeitamente identificada e reconhecida como tal, é uma ponte essencial para afirmação e exercício do estatuto de cidadania, condições que estão indissociavelmente referenciadas ao reconhecimento social da “utilidade” de cada individuo na sociedade” (Cação, 2007: 187).

Todos os cidadãos, inclusive aqueles com dificuldades intelectuais, têm a necessidade de se sentirem incluídos na Sociedade e de se sentirem pessoas realizadas e com plenos direitos no exercício da sua cidadania.

Trabalhar faz parte de todo o ser humano, tal como refere Whelan e Speake (1981, cit Broomhead, 2003:308), “um emprego não é tudo na vida, mas na nossa sociedade é parte importante do ser humano”.

Sendo assim, ter um emprego é algo de extrema importância para qualquer ser humano, sendo que para os jovens com dificuldades intelectuais é muitas vezes a única fonte de rendimento.

Segundo Martins (2001:156) “é inquestionável a importância de um emprego na realização de qualquer indivíduo em particular para a sua auto-estima. Para a pessoa com deficiência, em particular, assume um papel terapêutico fundamental, que lhe permite o desenvolvimento das suas capacidades ao estabelecer uma relação afectivo-profissional, que lhe reforça o sucesso e lhe corrige o insucesso”.

Verifica-se em muitos casos que se atribuem funções a pessoas com deficiência, demasiado simples, o que nem sempre contribui para a sua evolução e motivação. Ora, é necessário “esticar um pouco a corda” para que se conheçam as verdadeiras capacidades destes cidadãos, pois em muitos casos eles surpreendem-nos e realizam actividades com maior dificuldade. Só assim, se estará a contribuir para o seu crescimento e, por conseguinte, para o seu sucesso.

O Plano de Transição deverá ser sustentado num currículo funcional, num ambiente integrado de aprendizagem e com suporte da comunidade. A elaboração deste plano deverá apoiar-se nos direitos fundamentais de uma sociedade inclusiva.

Segundo Correia (1996), o Modelo de Transição deve ser feito na escola com base na família e na comunidade. Mas, esta responsabilização, segundo o mesmo autor (1996), exige da escola e do sistema alterações no processo de ensino/aprendizagem com a finalidade de se encontrar respostas para um dos direitos fundamentais de todos os jovens.

A passagem da escola para a vida activa deverá ser bem planificada, os currículos deverão ser adequados a cada um dos jovens com NEE, deve tentar prever-se futuro, atendendo às capacidades individuais e às potencialidades do meio (Cónego, 1999).

Assim, é fundamental que a escola consiga envolver-se, juntamente com a família e a comunidade para que os jovens com necessidades educativas especiais, se consigam integrar no mercado de trabalho e desenvolver as suas aptidões com auto-confiança.

Parte II – Estudo Empírico

Capítulo IV- Metodologia e desenho da investigação

1. Caracterização do campo de estudo

1.1. Escola secundária Pública Hortênsia de Castro

A Escola Secundária Pública Hortênsia de Castro, está situada em Vila Viçosa, distrito de Évora.

A escola Secundária de Vila Viçosa, serve actualmente a população do Concelho, assim como, a população estudantil de Concelhos vizinhos, como Alandroal, Borba e pontualmente Redondo e Estremoz.

Na escola estudam 776 alunos, sendo que 753 pertencem ao ensino diurno e 23 ao ensino nocturno. O 3.º ciclo do ensino básico é frequentado por 287 alunos e o ensino secundário diurno, por 466, sendo 23 a frequentar o ensino secundário nocturno.

São catorze os alunos com Necessidades Educativas Especiais, sendo que doze destes frequentam o 3.º Ciclo do Ensino Básico e apenas dois do Ensino Secundário.

A escola é constituída por um corpo docente de 104 professores e o corpo não docente é composto por 35 funcionários.

1.2. Protocolos com instituições laborais da Comunidade

No decorrer do presente ano lectivo a Escola Secundária Pública Hortênsia de Castro estabeleceu mais alguns protocolos com algumas instituições, (para além dos que já tinha em anos anteriores) com o objectivo de ajudar a desenvolver competências, com vista à ultrapassagem de barreiras de alunos integrados no Decreto-lei 3/2008.

Neste momento esta instituição educativa tem protocolos com a Santa Casa da Misericórdia de Vila Viçosa, Cáritas Paroquial de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, Câmara Municipal de Vila Viçosa (utilização das piscinas municipais), Regimento de Cavalaria n.º 3 de Estremoz e CERCI de Estremoz.

O protocolo estabelecido com a Santa Casa da Misericórdia e a Cáritas Paroquial de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, visam principalmente integrar os alunos com dificuldades intelectuais na transição para a vida activa.

Os protocolos com as Piscinas Municipais e o Regimento de Infantaria n.º 3, foram elaboradas visando principalmente o desempenho da autonomia, autocontrolo e auto-estima de alunos com dificuldades intelectuais.

Em relação ao protocolo com a CERCI de Estremoz, este surge no sentido de se encontrarem respostas para a integração na aprendizagem de uma profissão, de alunos com dificuldades mais acentuadas. Uma vez que a Escola não dispõe ainda, de recursos humanos suficientes para ajudar a colmatar este tipo de problemáticas mais graves.

A existência destes protocolos entre a Escola e outras instituições laborais, são fundamentais, uma vez que ajudam na mudança de mentalidade contribuindo para a aceitação da diferença.

De referir, também o quanto é importante que estes jovens venham a desenvolver o seu projecto de vida, de acordo com as suas ambições, capacidades e necessidades. Este

projecto de vida deve ser feito de forma individualizada, preparando-as para enfrentar novos desafios e novas oportunidades.

No art.º 71 da Constituição da República Portuguesa afirma-se que o cidadão com deficiência usufrui do direito de ter um emprego. Também a Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei n.º 46/86, 14 de Outubro) refere que no “âmbito dos objectivos do sistema educativo, em geral, assume o relevo na educação especial a preparação para uma adequação formação profissional e integração na vida activa” (art.17 n.º 3, alínea g).

Agora cabe também às empresas privadas mudarem um pouco a sua mentalidade, olhando para os jovens com incapacidades como indivíduos capazes de desempenharem alguma função, desde que lhes seja dada a oportunidade de poderem revelar e potenciar as suas competências.

Ao olhar para estas instituições (Santa Casa da Misericórdia, Cáritas paroquial de Nossa senhora da Conceição, Câmara Municipal, Regimento de Cavalaria n.º 3 e CERCI) verifica-se que todas elas têm ligação ao Estado Português, ou seja, ao sector público, demonstrando aqui ainda alguma dificuldade por parte das escolas em chegar perto do sector privado, apesar dos incentivos e benefícios de que essas empresas poderão legalmente usufruir aquando da integração destes jovens.

2. Problemática

A escolha do tema deste projecto baseou-se no interesse em conhecer a realidade da escola onde estudei e em identificar as respostas educativas organizadas com vista à realização dos interesses/aptidões dos alunos com dificuldades intelectuais a frequentarem a Escola Secundária Pública Hortênsia de Castro de Vila Viçosa.

Com esta pesquisa pretendeu-se demonstrar que as pessoas com dificuldades intelectuais, na generalidade, são capazes de desenvolver tarefas úteis na sociedade.

Outro factor que conduziu ao tema foi a preocupação com o mercado de trabalho para estes alunos. Vive-se ainda num tempo de preconceito relativamente às pessoas com deficiências e a visão que, frequentemente, se tem é a de que estas pessoas não têm capacidade para entrar no mercado de trabalho, tornando-se este um campo mais fechado para a sua inclusão.

Os alunos com dificuldades intelectuais poderão vir a ser cidadãos activos e contribuir para o crescimento social, pelo que não há porque desperdiçar este ser humano nos seus aspectos saudáveis e produtivos. Invocam-se aqui dois argumentos: se por um lado, esta pessoa que quando reduzida ao puro assistencialismo, fora dos círculos sociais criativos e inactivos no trabalho, torna-se um "peso" para a sociedade; por outro lado, o seu afastamento decorrente do preconceito ao ignorar as suas capacidades, confirma e contribui para o estigma de incapacidade.

Por tudo isto, é importante que a escola motive estes alunos, preparando-os para a sua integração na vida activa. Daí ser também relevante que esta tenha em linha de conta os interesses e aptidões dos seus alunos, lhe permita até sonhar e ajude a tornar esses sonhos realidade. É necessário que se promova a verdadeira inclusão nas escolas e, por conseguinte, na sociedade, onde o indivíduo está inserido.

3. Modelo de investigação

O estudo que aqui se propõe inscreve-se numa abordagem qualitativa, porque como dizem Lessard-Hébert, Goyette e Boutin (2005, 37), "...a investigação qualitativa tem como objectivo a compreensão do significado ou da interpretação dada pelos próprios sujeitos inquiridos, com frequência e de modo implícito, aos acontecimentos que lhes dizem respeito e aos comportamentos que manifestam".

Assim, importa compreender as percepções dos docentes acerca dos interesses/aptidões dos alunos com dificuldades intelectuais e interpretar as aspirações dos alunos.

Contudo, este estudo não visa apenas a descrição e interpretação de uma realidade, mas também actuar sobre a mesma para promover a mudança, e por isso, o modelo de investigação-acção é considerado o mais adequado.

Segundo Latorre (2003:32), "a Investigação-Acção, constitui-se como uma metodologia de investigação, embebida de métodos, critérios e donde acabam por emanar teorias sobre a actividade educativa ela ganha consistência e marcas distintivas comparativamente a outras metodologias, na medida em que se impõe como um "projecto de acção", tendo, para tal, que transportar em si "estratégias de acção".

De facto, na Investigação - Acção observam-se diversas fases que se alargam de forma contínua e que, basicamente, se resumem em planificação, acção, observação (avaliação) e reflexão (teorização).

4.Objecto e Objectivos de Estudo

O objecto de estudo centra-se nas respostas educativas face, aos interesses/ aptidões dos alunos com dificuldades intelectuais a frequentarem a Escola Secundária Pública Hortênsia de Castro de Vila Viçosa.

O conhecimento dos interesses/aptidões dos jovens com dificuldades intelectuais é fundamental para que sejam encontradas respostas eficazes que promovam a aquisição e desenvolvimento de novas aprendizagens, capaz de motivar estes alunos e os ajudar posteriormente na sua integração no mundo laboral.

Por isso, através dos questionários e das entrevistas realizadas tentou-se obter o conhecimento da realidade referente aos interesses e aptidões dos alunos em estudo, de forma a poder através de um projecto de intervenção ajudar a escola a encontrar respostas concretas para integrar seus alunos na transição para a vida activa, contribuindo deste modo, para a independência /autonomia dos jovens com necessidades educativas especiais.

Tal como refere Whelan e Speake (1981, cit Broomhead, 2003), um emprego é muito importante para um ser humano pertencente a uma determinada sociedade.

Também Martins (2001) refere que ter emprego contribui para a realização do ser humano assim como para o aumento da sua auto-estima.

Portanto, rema-se ao encontro de respostas que permitam melhorar a oferta educativa a estes alunos, eis aqui a questão fundamental, oferecer mais e mais a estes jovens, ajudando-os a tornarem-se cidadãos plenos, capazes de fazerem parte de uma sociedade e sentirem-se úteis nela.

De acordo com Correia e Serrano (1996) caberá às escolas orientar vocacionalmente e profissionalmente, todos os alunos que se encontram prestes a integrar o mundo laboral, mobilizando os apoios da família, comunidade e da própria escola.

Assim, no decorrer desta investigação observou-se como necessidade principal o conhecimento/ compreensão da realidade da escola em estudo. Saber quais as respostas que esta instituição educativa oferece aos seus alunos é uma questão fundamental.

É igualmente pertinente identificar as necessidades dos alunos em estudo, pois o objectivo final será sempre contribuir para uma melhoria das respostas que lhes são dadas, de forma a contribuir para a sua integração na vida activa. E mais importante ainda, contribuir para a transformação de um jovem positivamente, ou seja, torná-lo num adulto satisfeito e adaptado, aceite, incluído na sociedade à qual pertence. Daí a procura de respostas eficazes no que se refere aos objectivos gerais que se seguem:

- Compreender a realidade desta instituição educativa no que diz respeito à forma como responde (ou não) aos interesses/aptidões dos alunos com dificuldades intelectuais;
- Identificar possíveis necessidades dos alunos, dos docentes e desta escola;
- Conhecer as percepções dos docentes sobre as propostas educativas que desenvolvem com estes alunos;
- Analisar os interesses/aptidões/aspirações dos alunos com dificuldades intelectuais;
- Investigar sobre qual seria a forma ideal para responder às necessidades/interesses/aptidões dos alunos com dificuldades intelectuais desta escola;
- Delinear estratégias de maneira a aproximar a situação real da ideal.

5. Amostra: Constituição e Caracterização

O universo populacional considerado diz respeito aos alunos com dificuldades intelectuais que frequentam a Escola Secundária Pública Hortênsia de Castro, situada na sede de Concelho de Vila Viçosa, distrito de Évora.

A amostra foi dimensionada em dez alunos com dificuldades intelectuais situados na faixa etária de catorze a dezasseis anos de idade. A escola em estudo integra no total treze alunos com dificuldades intelectuais, sendo que o número de questionários conseguidos como retorno corresponde a um total de dez.

Foram inquiridos dez alunos com dificuldades intelectuais, sendo seis do sexo masculino e quatro do sexo feminino, conforme mostra o quadro 3 (p. 124).

Seis dos alunos frequentam o 7.º ano, dois, o 8.º ano e outros dois o 9.º ano de escolaridade, como se pode verificar no quadro 3 (p.124).

A faixa etária dos alunos, em termos percentuais, é que 60% dos alunos inquiridos têm 15 anos de idade, 30% 16 anos de idade e 10% 14 de idade, conforme mostra o gráfico 1 (p.140).

O quantitativo de alunos por género significa, em termos percentuais, que 60% dos alunos inquiridos são do sexo masculino e 40% são do sexo feminino, conforme mostra o gráfico 2 (p.140).

Os percentuais relativos ao nível de escolaridade dos alunos são demonstrados no gráfico 3 (p. 141). O grupo do 7.º ano corresponde a 60%, os alunos dos 8.º e 9.º ano de escolaridade representam 20%.

Constatou-se que todos os alunos com dificuldades intelectuais, inquiridos frequentam o 3.º Ciclo do Ensino Básico, apesar de se tratar de uma escola com níveis de escolaridade desde o 7.º ao 12.ºano de escolaridade.

Quanto aos dois professores entrevistados, pode-se referir que a professora/coordenadora de Educação Especial, para além de ter formação especializada em Educação Especial no domínio Cognitivo e Motor, tem como formação de Base a Licenciatura em 1.º Ciclo do Ensino Básico com início de actividade neste ciclo de ensino no ano lectivo de 2002/2003, exercendo pela primeira vez, funções de professora de Educação Especial no ano lectivo de 2010/2011.

O Professor adjunto da direcção, é licenciado em Português/Francês no 3.º Ciclo e Secundário e exerce a actividade desde o ano lectivo de 1990/91.

Trata-se de uma amostragem por conveniência, que ocorre quando a participação é voluntária ou os elementos da amostra são escolhidos por uma questão de conveniência (por proximidade à residência e por conhecimento da instituição educativa).

Assim, na amostragem de conveniência e tal como o nome indica, tomam-se como amostra, os elementos da população que estão mais disponíveis (Coutinho, 2012).

6. Instrumentos e Procedimentos

Primeiramente, fez-se um levantamento provisório de dados, através do estabelecimento de conversas informais e pesquisa bibliográfica.

Utilizaram-se várias técnicas de recolha de informação, tais como: a Entrevista (dirigida aos professores e que se encontra na página 103) e o questionário (p. 113 aplicado aos alunos).

Foram contactados os professores e alunos com dificuldades intelectuais de forma a aplicar os instrumentos para recolher as suas opiniões e assim, contribuir para a caracterização da situação real em estudo.

As entrevistas decorreram no mês de Março de 2012, na Escola Secundária Pública Hortênsia de Castro de Vila Viçosa. Estas foram transcritas para registo escrito, tendo o cuidado de se respeitar rigorosamente o discurso do entrevistado. Assim como salienta Bardin (1979:174) tentou-se “ conservar o máximo de informação tanto linguística (registo da totalidade dos significantes) como paralinguística (anotação dos silêncios, onomatopeias, perturbações de palavras e de aspectos emocionais, tais como o riso, o tom irónico, etc.”.

Quanto ao questionário de análise aos interesses e aptidões profissionais dos alunos com dificuldades intelectuais existem cinco opções de resposta para cada um dos vinte e nove itens, das quais apenas duas opções representam uma resposta negativa (“desagrada-me em parte” e “desagrada-me muito”) para percepção de interesses e aptidões. Uma opção refere-se à indiferença perante a actividade. As outras duas opções representam respostas afirmativas (“gosto muito” e “gosto em parte”).

6.1. Entrevistas

A Técnica de Entrevista tem como finalidade a “recolha de dados de opinião, que permitam não só fornecer pistas para a caracterização do processo em estudo, como também conhecer, sob alguns aspectos, os intervenientes do processo” (Estrela, 1994:342).

Segundo Lüdke e André (2003), a entrevista é um dos instrumentos básicos de recolha de dados. Esta é uma das técnicas fundamentais de trabalho em quase todo o tipo de pesquisa utilizada nas ciências sociais. A grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que esta permite a captação imediata e corrente da informação desejada.

Obedecem a um guião que deve ser construído a partir das questões de pesquisa e eixos de análise do projecto de investigação. A sua estrutura típica tem um carácter matricial, em que a entrevista é organizada por objectivos, questões e itens ou tópicos. A cada objectivo corresponde uma ou mais questões. A cada questão corresponde diversos itens ou tópicos que serão utilizados na gestão do discurso do entrevistado em relação à pergunta (Afonso, 2005)

Neste estudo, o guião elaborado (pp.103-106) obedeceu ao tema geral “Os interesses e aptidões dos jovens com dificuldades intelectuais” e contemplou 21 questões organizadas em diversos blocos temáticos, onde em primeiro lugar se procedeu à justificação da entrevista, motivação do entrevistado e garantia de confidencialidade acerca da identidade do entrevistado e dos alunos em estudo.

Seguiu-se a apresentação e identificação dos entrevistados. Em terceiro e último lugar foram recolhidos dados de informação sobre as práticas educativas como resposta aos interesses e aptidões dos alunos com dificuldades intelectuais.

6.2. Questionários

“A construção do questionário e a formulação das questões constituem, portanto, uma fase crucial do desenvolvimento de um inquérito. Não podemos deixar certos pontos no vago, dizendo que mais tarde, perante as respostas, os tornaremos mais preciosos” (Ghiglione & Matalon, 1992:108). O questionário pode ser realizado com perguntas abertas ou fechadas, sendo que esta escolha, irá influenciar no tempo disponível para que o inquirido responda às questões apresentadas.

O questionário utilizado (p. 113) no estudo dos interesses e aptidões profissionais dos alunos inquiridos, tem como inspiração um outro questionário da autoria de Silva, Vilhena e Pancada (2007/2008), aplicado a todos os alunos da Escola Secundária Manuel da Fonseca de Santiago do Cacém e pretendeu ajustar a oferta formativa aos interesses e aptidões dos alunos. Trata-se de um questionário informal, multifactorial e de escolha forçada, baseado no teste Kuder, avaliando áreas semelhantes. Este questionário foi devidamente validado.

Esta ferramenta de trabalho está organizada em três partes. Nas duas primeiras partes, encontram-se perguntas fechadas e da terceira parte faz parte uma questão aberta.

Quanto à primeira parte do questionário constituído por vinte e nove questões, procurou-se conhecer quantificando, numa escala de 1 a 5, o quanto cada aluno inquirido gostava de fazer determinada actividade.

Na segunda parte, verificou-se numa escala de 1 a 5 o grau de aptidão percebido pelos alunos para cada uma das 31 actividades apresentadas.

Por fim, na terceira parte do questionário elaborou-se uma questão aberta, com o intuito de conhecer os sonhos que cada inquirido gostaria de ver realizados no futuro.

7.Tratamento de dados

Os dados obtidos foram sujeitos à análise de conteúdo para as informações decorrentes das respostas às perguntas abertas do questionário e das questões da entrevista. Utilizou-se o Excel para o tratamento estatístico dos dados.

Hoje em dia, denomina-se análise de conteúdo, um conjunto de técnicas de análise das comunicações tendo como objectivo procedimentos sistemáticos para a descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que possibilitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens Bardin (2004).

Quanto ao tratamento de dados obtidos nas entrevistas, utilizaram-se critérios de análise de conteúdo, realizada “à frase”, considerando o respectivo guião e os blocos orientadores. Deste modo, foram encontradas as categorias, subcategorias e os indicadores, baseadas em Bardin (2004).

Segundo Bardin (2004), a análise documental pode ser entendida como uma operação com a finalidade de representar o conteúdo de um documento de forma desigual da original, para facilitar a sua consulta e referenciação. Este tipo de análise permite a passagem de um documento em bruto, para um documento secundário. Os documentos constituem uma fonte riquíssima, pois permitem ao pesquisador retirar evidências para fundamentar as suas afirmações. É uma técnica que poderá sempre complementar as informações obtidas por outras técnicas de recolha.

No presente estudo, após a recolha de informação acerca dos interesses e aptidões dos alunos inquiridos, através de entrevistas e questionários a professores e alunos respectivamente, procedeu-se à transcrição das entrevistas para formato papel e para um quadro de análise do respectivo conteúdo.

Quanto aos questionários, cada uma das questões/actividades foi submetida a análise quantitativa, por forma a encontrar as actividades que maior interesse/aptidão despertam nos alunos. Os dados foram primeiramente quantificados através da contagem manual e depois transformados graficamente e achadas as percentagens respectivas, de modo a identificar as actividades mais escolhidas pelos inquiridos.

Capítulo V – Análise e interpretação dos resultados

1. Opiniões dos docentes

Foram realizadas entrevistas ao professor/coordenador de Educação Especial e ao professor adjunto do director (ver transcrição da entrevista nas páginas 107-112 e quadro 2, pp. 121-123). Com estas entrevistas pretendeu-se conhecer as respostas que a escola oferece em relação aos interesses e aptidões dos alunos com dificuldades intelectuais. Procurou-se ainda, analisar dados sobre as práticas educativas como resposta aos interesses e aptidões dos referidos alunos.

Os alunos em estudo, usufruem de apoio pedagógico directo e individualizado pela única professora de educação especial da escola, sendo “deixados” sem apoio directo os restantes alunos, ou seja, mais de dez alunos abrangidos pelo Decreto de Lei 3/2008, são apoiados de forma indirecta.

Portanto, a Escola Secundária Pública Hortênsia de Castro, no ano lectivo de 2011/2012, tem abrangidos pelo Decreto de Lei 3/2008, vinte e três alunos com necessidades educativas especiais.

Esta situação leva a questionar sobre o facto do número de professores de Educação Especial, ser ou não suficiente em relação ao número de alunos com necessidades educativas especiais. Ora, parece transparecer que aqui há um problema para resolver, no sentido de serem dadas a estes alunos as respostas de acordo com as suas verdadeiras necessidades, o que provavelmente será uma tarefa difícil devido à falta de recursos humanos especializados.

Um dos recursos que Porter (1997:41) preconiza é a criação de “professores de métodos e recursos”, nomeados para as escolas de acordo com o número de alunos existente (1/150 a 200) para actuar como “consultor de apoio junto do professor da classe regular

e é responsável por ajudá-lo a desenvolver estratégias e actividades que apoiem a inclusão dos alunos com necessidades especiais na classe regular”.

Uma das questões que também se impôs como principal preocupação, foi se estavam a ser tidos em consideração os interesses e aptidões dos alunos com dificuldades intelectuais “como recurso educativo” no processo de ensino-aprendizagem. Conforme a opinião da professora de Educação Especial existe um respeito pelos interesses e necessidades destes alunos como se observa pelo seu discurso: “ Sim, trabalho muito a partir das competências dos alunos, respeitando as suas necessidades e interesses” (...) “Normalmente realizo actividades de acordo com os interesses dos alunos e que respeitem as necessidades individuais de cada um. Todas as actividades que realizo com os alunos partem sempre de uma componente lúdica, sendo que estimula a motivação para a aprendizagem. Por exemplo realizamos jogos no computador, jogos interactivos, como o do euro”.

Desta forma, julga-se que ao se partir das competências dos alunos, tendo em consideração as necessidades e os próprios interesses destes, já se está a dar a oportunidade ao aluno de evoluir e lutar por uma integração plena, de acordo com os seus desejos.

Para ajudar no desenvolvimento das competências dos alunos com dificuldades intelectuais, será importante dar uma especial atenção à realização de actividades que maior interesse despertem nestes. De acordo com a professora/coordenadora de educação especial são realizadas várias actividades que despertam interesse nos alunos, como “jogos no computador e outros jogos interactivos”.

Se o professor tiver a preocupação de ir ao encontro dos interesses dos alunos será certamente mais fácil motivá-los para a aquisição de novas competências capazes de

promover a sua autonomia e integração/inclusão na comunidade, tornando-os indivíduos mais preparados para encarar novos desafios.

Fierro (1995), refere que escola deve proporcionar a todos os alunos os conhecimentos necessários ao desenvolvimento das suas aptidões, tornando-os autónomos e capazes de desempenhar uma profissão, assim como proporcionar-lhes a sua inclusão na sociedade.

O autor defende também que se devem procurar meios como, professores especializados, salas de aula com os recursos para satisfazer as necessidades especiais dos alunos, assim como saber aplicar técnicas que levem à aquisição de competências. Também Correia (2003) defende que a escola inclusiva tem que respeitar todos os alunos estimulando-os para a aprendizagem até ao limite das suas capacidades, mas para que tal se cumpra, a escola terá que oferecer recursos, melhorar a oferta educativa, respeitando sempre as necessidades de cada aluno de forma a integrá-los e incluí-los no contexto escolar.

Para além da preocupação que deverá existir com a escolha das actividades, deverá também haver um cuidado na preferência de alguns materiais, de forma a estimular a curiosidade dos alunos e captar a sua atenção. Na escola em estudo, de acordo com a informação proferida pela docente de educação especial, os alunos utilizam “materiais muito diversificados, a escola tem muitos materiais pedagógicos, software educativo, hardware, material de desgaste, recicláveis, fichas de trabalho, jogos interactivos, CDs de música e livros, etc.”

As actividades desenvolvidas no trabalho de docente/discente, também promovem a autonomia pessoal e social. Como por exemplo a ida à natação que “obriga” os alunos com dificuldades intelectuais a despir e vestir a roupa. E como sublinha a docente “Relativamente à parte social os alunos são incentivados a socializar com os restantes, peço-lhes muitas vezes propositadamente que vão à reprografia e ao bar da escola.”

Assim, pode observar-se que no que diz respeito à autonomia e socialização dos alunos com dificuldades intelectuais, a frequentar a Escola Pública Hortênsia de Castro, não são visíveis grandes problemas, uma vez que a docente especializada está atenta a estas questões.

Esta autonomia pessoal e social dos jovens desperta uma certa preocupação, pois é desta autonomia que depende a sua vida futura, enquanto ser humano, único e ao mesmo tempo integrante da sociedade. Cada pessoa tem necessidades básicas que fazem parte da vida quotidiana, que exigem independência, autonomia e segurança na sua execução. Desta forma, cabe também às escolas promover esta autonomia, permitindo ao aluno antes adquirir competências para tal concretização.

Parisot, cit. por Santos (1993) refere que a passagem de um jovem para a vida adulta se dá aquando da aquisição de um emprego, um alojamento autónomo e posteriormente da criação da sua própria família.

A EADSNE (2002) salienta o quanto é importante a definição de metas, o conhecimento/reconhecimento da actividade a desempenhar na sociedade por parte dos jovens com necessidades especiais, pois se assim for, a transição da escola para a vida activa far-se-á mais suavemente.

Ao longo desta entrevista, apercebemo-nos da existência de alunos com dificuldades intelectuais que já tinham como medida aplicada o Processo de Transição para a Vida Activa e elaborado, assim, o respectivo Plano Individual de Transição (PIT). Questionaram-se os entrevistados quanto à data ideal para o início da aplicação desta medida. As respostas foram concordantes pois ambos os professores, referiram considerar que "... esta transição se deve efectuar de acordo com as necessidades que os alunos manifestem, sem cairmos em exageros, ou seja, sem que os alunos também

sejam demasiados novos...”; “ assim que se detectem estas situações, talvez logo desde o 2.º ciclo”.

Ao se confirmar a necessidade de aplicação da medida que impõe a elaboração do PIT, terá que haver um esforço por parte da instituição educativa em estabelecer protocolos com associações/instituições e empresas locais, no sentido de ajudar/integrar os alunos com PIT no exercício de actividades do seu interesse e de acordo com as suas aptidões. Considera-se importante a integração destes jovens na sociedade e no mundo laboral, de forma a desenvolverem competências, autonomia e independência.

Neste sentido, os entrevistados foram questionados acerca dos protocolos estabelecidos com o mundo laboral, tendo sido referidos alguns deles como, “... Santa Casa da Misericórdia, Cáritas Paroquial de Nossa Senhora da Conceição, Piscinas Municipais...Regimento de Cavalaria n.º 3 de Estremoz...e CERCI de Estremoz”.

De acordo com o Professor adjunto do director, o protocolo com a CERCI de Estremoz, resulta, em particular, devido ainda às poucas respostas que a escola tem para alunos com problemáticas mais graves como é expresso pelo docente relativamente ao protocolo referido: “a única forma de a escola conseguir dar resposta, a alguns casos mais graves...”.

Parece ser claro que esta Escola Secundária ainda manifesta alguma dificuldade em integrar estes alunos na preparação para a vida activa e também, provavelmente devido à falta de recursos humanos suficientes para o número de alunos com necessidades educativas especiais existente. Já na CERCI “os alunos sempre adquirem alguns conhecimentos a nível profissional” reforça o entrevistado.

Esta incapacidade de resposta por parte de uma instituição educativa do ensino público português, não deixa de ser preocupante sob o ponto de vista de inclusão falhada. A

escola tem claramente falta de meios materiais e humanos capazes de lidar com alunos com um grau de incapacidade/deficiência mais grave.

Afigura-se como necessário que se reunam os esforços de todos, pais, encarregados de educação, professores, directores de escola, direcção regional de educação, municípios e associações/instituições da Comunidade, para colmatar esta falha que enquanto persistir, não permitirá a inclusão destes jovens na sociedade.

Sobre o papel de liderança da escola no estabelecimento de protocolos com instituições laborais, o entrevistado revela haver aqui "...pouca disponibilidade das empresas..."

Assim, considera-se que haverá neste campo, ainda um longo caminho a percorrer no sentido de conquistar a confiança de empresas privadas, no que se refere à aceitação destes jovens com dificuldades intelectuais.

Martins (2001), salienta que é fundamental a aquisição de um emprego na contribuição da auto-estima e realização de cada ser humano, sendo que para a pessoa com deficiência seja talvez ainda mais importante, uma vez, que lhe permite o desenvolvimento das suas capacidades.

Não há dúvida que a escola em estudo tem consciência que tem pouco para oferecer aos alunos com dificuldades intelectuais, dentro até do currículo escolar "... Temos que conduzir as crianças/jovens para uma determinada profissão. O que a escola tem para oferecer são os cursos profissionais". Sendo que estes cursos profissionais, nem sempre têm a ver com as necessidades/interesses e aptidões de cada um dos alunos.

Portanto, constata-se a necessidade urgente da escola em mobilizar os meios necessários, como recursos humanos suficientes para colmatar as suas dificuldades e, assim, proporcionar as oportunidades legais aos seus alunos, contribuindo deste modo,

também para que estes se transformem em adultos capazes de exercer uma cidadania plena.

De acordo com Canção (2007) o alcance de uma actividade profissional remunerada, permitirá ao indivíduo com deficiência exercer a sua cidadania, obtendo o seu reconhecimento social, como qualquer outro cidadão, pois poderá demonstrar a sua “utilidade” perante a sociedade.

Tal como referem os dois professores no que respeita à utilidade do conhecimento das aptidões/interesses das crianças/jovens com dificuldades intelectuais na contribuição da preparação/integração destas para a vida activa, trata-se de um aspecto fundamental para que estes alunos possam ser integrados com sucesso. O professor adjunto do director, refere ainda que “necessitamos de técnicos que os ajudem nesta tarefa.”

Tal pressuposto é defendido por Correia (2003) quando advoga que a escola deverá dar oportunidade de escolha, de oferecer recursos em função das necessidades de cada indivíduo, sem permitir a exclusão e oferecer como segunda oportunidade a integração escolar.

Com a análise das entrevistas, acerca dos interesses e aptidões de crianças/jovens com dificuldades intelectuais, fica em evidência o esforço da escola no sentido de oferecer respostas a estes alunos, apesar das dificuldades que enfrenta, devido sobretudo à falta de meios, professores de educação especial, técnicos e pouca disponibilidade das empresas laborais da comunidade.

2. Interesses dos jovens inquiridos

Através da análise dos questionários aplicados aos alunos com dificuldades intelectuais da Escola Secundária Pública Hortênsia de Castro de Vila Viçosa, procurou-se conhecer quais os seus interesses e aptidões profissionais.

Os resultados deste questionário (interesses) encontram-se no quadro 4 (pp.125-126) que sintetiza a análise das respostas às vinte e nove actividades propostas, tendo em atenção o grau de preferência dos alunos.

Os procedimentos para esta análise englobaram a contagem dos níveis em relação a cada item, com o objectivo de chegar à conclusão de quais seriam as actividades que os alunos mais gostavam. Ainda no sentido de proporcionar uma melhor interpretação, houve a necessidade da elaboração de um gráfico, correspondente a cada item, para que também se conhecesse em termos percentuais as actividades de maior preferência dos inquiridos.

Os percentuais relativos aos níveis de interesse dos alunos, acerca do item número 1 do questionário: “sair numa excursão” agrada à maior parte dos alunos inquiridos. Conforme representa o gráfico 4 (pp. 125-126), 60% dos alunos respondeu “gosto muito”, 10% “gosto em parte” e 30% “é-me indiferente”, sendo que nenhum aluno respondeu “desagrada-me em parte” ou “desagrada-me muito”.

Constata-se que a maioria dos alunos inquiridos, correspondente a 70% gostam de “sair numa excursão.”

Assim, considera-se importante a organização de excursões, uma vez que se verifica um forte interesse relativamente a esta actividade, contribuindo certamente para uma maior motivação destes alunos.

Relativamente ao quantitativo de alunos em termos percentuais relativamente à actividade “Armar ou desarmar objectos mecânicos” significa, que 30% responderam “gosto muito”, 20% “gostam em parte”, é-lhes “indiferente” e “desagrada-os muito”, os restantes 10% “desagrada-os em parte”, conforme mostra o gráfico 5 (p. 142).

Assim, neste item esta actividade, demonstra que 50% dos alunos inquiridos gostam ou gostariam de desempenhar estas tarefas.

Conforme mostra o gráfico 6 (p. 143). O quantitativo de alunos em termos percentuais relativamente à questão “Desenhar e pintar” significa, que 40% responderam “gosto muito”, 10% “gostam em parte”, 30% é-lhes “indiferente”. 10 % dos alunos esta actividade “desagrada-os muito”, igualmente os restantes 10% referem que os “desagrada em parte”. Podemos assim observar que relativamente a esta questão metade dos alunos inquiridos gostam de pintar e desenhar.

No que concerne aos percentuais relativos à actividade “Cantar num grupo coral”, é notório que esta actividade desagrada muito a 40% dos alunos e desagrada em parte a 30% destes. Apenas 10% respondeu “gosto muito”, sendo que 20% mostra ser indiferente. Não há, por isso, dúvidas que esta actividade não faz parte dos interesses dos alunos em geral (ver gráfico 7, p. 143).

Já quanto ao interesse pelo “cuidar de crianças” faz parte do gosto de 60% dos alunos inquiridos, sendo que 40% respondeu “gosto muito” e 20% “gosto em parte”. 30% dos alunos, ou seja, três alunos, como se verifica no quadro 4, demonstraram desagrado por esta actividade. Sendo que apenas 10% referiram “é-me indiferente”, ou sejam, um aluno dos inquiridos como se observa no quadro 4 (pp. 125-126).

Uma vez, que 60% dos alunos referiu gostar de “cuidar de crianças”, é de considerar a promoção desta actividade, pois vai de encontro ao interesse geral dos alunos. (ver gráfico 8, p.144).

Relativamente ao item “Cuidar de idosos”, confirma-se que apenas 10% dos alunos gosta ou gostaria de desempenhar esta actividade, sendo que 20% refere que gosta em parte. Para 30% dos alunos inquiridos é-lhe “indiferente”. 30% respondeu “desagrada-me muito” e 10% “desagrada-me em parte”(p. 144).

Assim, através da análise destes resultados conclui-se que esta não é uma actividade que desperte muito o interesse dos alunos em geral.

O item 7 “Ser membro de um conjunto musical”, divide a opinião destes alunos. Em termos percentuais pode observar-se que 40% gosta muito, e 10% gosta em parte. 40% dos alunos respondeu desagradar-lhe muito e apenas 10%, correspondente a 1 aluno conforme se observa no gráfico 10 (p. 145), diz ser-lhe indiferente.

Tendo em atenção que apenas um aluno referiu ser-lhe indiferente, pensa-se que será relevante a oportunidade de participação nesta actividade.

Relativamente ao item “Construir objectos de madeira”, apura-se conforme gráfico 11 (p. 145), que 50% dos alunos, ou seja, 5 alunos tal como representa o quadro 4 (pp. 125-126), referem que gostam (20% “gosto muito” e 30% “gosto em parte”).

Apenas 3 (30%) alunos em 10, conforme quadro 4 (pp. 125-126), lhes desagradam muito esta actividade. Sendo que 20% refere “é-me indiferente”.

Com base na análise do gráfico 12 (p. 146) certifica-se que esta actividade “Aprender a classificar e arquivar documentos”, não constitui um dos principais interesses por parte dos alunos inquiridos, pois apenas 40% referem que gostariam de “aprender a classificar e arquivar documentos”. Sendo que 30% respondem ser-lhe indiferente e os restantes 30% distribuem-se pelos níveis “desagrada-me muito” 20% e desagrada-me em parte 10%.

O reparo das avarias dos electrodomésticos ou das instalações eléctricas despertam interesse em 50 % dos alunos (40% “gosto muito e 10% gosto em parte). Apenas 30%, o correspondente a 3 alunos no total de 10, (conforme quadro 4, pp.125-126) demonstrou muito desagrado e os restantes 20% respondeu de forma indiferente. (ver gráfico 13 p. 146).

Tendo em conta que apenas 3 alunos em 10 demonstrou desagrado com esta actividade, talvez seja importante ser dada a oportunidade aos alunos de realizarem tarefas desta natureza.

Relativamente ao “Tentar perceber o funcionamento de um relógio electrónico ou de um brinquedo electrónico”, verifica-se que 40% dos inquiridos responderam gostar deste tipo de actividades”, (20%, “gosto muito” e 20% “gosto em parte”). O correspondente a 30%, ou seja, 3 alunos conforme indica o quadro 4, responderam que lhes é indiferente e igualmente 30% referem “desagrada-me muito” (ver gráfico 14, p. 147).

Portanto, no que diz respeito a este item, pode concluir-se que apenas 40% dos alunos refere gostar desta tarefa, mas outros 30% demonstram indiferença, não apresentando por isso muito interesse em realizar a tarefa acima referida, mas também não revelam desagrado. Contudo há 30% que referem que esta tarefa lhes desagrada muito. Assim 60% de alunos manifestam-se pouco interessados no desempenho destas actividades.

O interesse pelo desempenho da actividade “Trabalhar num bar”, como é revelado pelo gráfico 15 (p. 147), parece ser uma das tarefas que mais interesse desperta nestes jovens, pois 60% dos inquiridos diz gostar muito, 10% gostar em parte e apenas 20% refere “desagrada-me muito”, sendo que 10% permanece indiferente.

O quantitativo de alunos em termos percentuais relativamente à questão “Trabalhar na cozinha de restaurante significa, que 20% responderam “gosto muito”, 20% gostam em

parte, 30% “é-me indiferente”, 20% desagrada-me em parte e 10% “desagrada-me muito”, conforme mostra o gráfico 16 (p. 148).

O “Modelar em barro”, aparece como uma actividade que interessa a 50% dos alunos, uma vez que 30% demonstrou gostar muito e 20% gostar em parte. Já 30% dizem-se indiferentes, enquanto apenas 10% demonstram desagrado pelo desempenho desta actividade.

Com base na observação dos dados do quadro 4, pp.125-126 e gráfico 17 (p. 148) e tendo em conta que apenas 3 alunos em 10 se mostraram indiferentes, conclui-se que esta actividade desperta o interesse necessário à sua implementação.

Estas serão das respostas aos interesses dos alunos com dificuldades intelectuais mais conclusivas, pois apenas 3 alunos, o equivalente a 30% refere que “é-me indiferente” (10%), “desagrada-me em parte 10%, “desagrada-me muito” (10%), os restantes 70% distribuem-se pelos níveis relativos ao “gosto muito” (30%) e ao “gosto em parte” 40%.

Conclui-se por isso que a maioria dos alunos se interessa pela representação de um papel numa peça de teatro.

No que respeita ao item “desenhar o vestuário para uma representação teatral ou para uma passagem de modelo”, verifica-se através do gráfico 19 (p. 149), o percentual de 50% para cada lado, ou seja, 50% demonstram gostar (20% gostar muito” e 30% “gostar em parte”, os restantes 50% dizem que lhes é indiferente 30% e 20% mostrou muito desagrado.

Um outro item que constitui o questionário aplicado aos alunos, diz respeito ao item 17, “Ser locutor de rádio”. Neste item atesta-se que 40 % gostam (20% “gosto muito” e 20% “gosto em parte”). 30% demonstra indiferença e apenas 10% lhe desagrada em parte e os restantes 20% desagrada-lhe muito. (ver gráfico 20, p. 150)

“Viver fora da Cidade, fazer campismo e outras actividades de ar livre”, parece desagradar a 30% dos alunos (20% “desagrada-me em parte” e 10% “desagrada-me muito”), conforme gráfico 21 (p. 150). Enquanto 40% das crianças/jovens refere que gosta (20% “gosto muito” e 20% “gosto em parte”). Sendo que 30% demonstra indiferença face à actividade em análise.

Relativamente à actividade “Escutar música moderna ou clássica”, observa-se uma maior percentagem de indiferença (40%), e uma menor percentagem equivalente a 10% no nível “desagrada-me muito”, por isso verifica-se que 50% dos alunos inquiridos revelam gostar da actividade em questão (20% “gosto muito” e 30% “gosto em parte”).

Através da análise do gráfico 23 (p. 151), conclui-se que 30% das crianças/jovens demonstram desagrado por esta actividade e 50% revelam gostar, sendo que 20% é indiferente.”

Tal como se constata no gráfico 24 (p. 152). “Plantar árvores ou colher frutos numa herdade, em férias despertam interesse em 50% dos inquiridos, e desagrada muito a 40% destes, sendo que para 10% é indiferente.

Em relação a esta actividade não haverá dúvidas que se trata de uma das principais tarefas que mais agrada no geral aos alunos inquiridos, pois 60% referem gostar, como se verifica no gráfico 25 (p. 152). Apenas dois alunos referem que lhes desagrada muito, sendo que outros dois se mostram indiferentes (ver quadro 4, pp. 125-126).

Relativamente ao item “aprender a tocar um instrumento musical”, é visível a existência de um elevado interesse, visto que 60 % dos alunos referem gostar (Ver gráfico 26, p. 153). Apenas dois alunos demonstram desagrado por esta actividade. Também dois dos alunos situam-se no nível da indiferença (Ver quadro 4, pp. 125-126). Assim, considera-se que esta será uma das actividades que maior interesse desperte nos alunos.

O item relativo à aprendizagem dos principais programas do computador, interessam a 40% dos alunos e desagradam a 20%, sendo que existe uma percentagem muito elevada, correspondente a 40% de alunos que demonstra indiferença face a esta actividade. Esta será também uma das actividades da preferência dos alunos em geral, pois 60% refere gostar. Apenas 20% diz desagradar-lhe e ser-lhe indiferente.

No que respeita ao item “Manejar ferramentas e maquinaria”, 60% dos alunos gostam desta actividade (20% “gosto muito” e 40% “gosto em parte”). 20% dos jovens referiram desagradar-lhe muito e outros 20% mostraram-se indiferentes, o que revela algum interesse pela actividade.

Os alunos inquiridos revelam uma elevada percentagem, (40%) no que diz respeito à possibilidade de serem membros de uma associação musical. Mas outros 40% mostram indiferença, enquanto apenas 20% demonstra desagrado (ver gráfico 29, p. 154).

Quanto ao item 27 “Ser mecânico numa grande oficina”, considera-se também uma das actividades que maior interesse despertam nas crianças/jovens inquiridas, pois 60% responderam gostar, enquanto 30% dizem desagradar –lhe muito e apenas 10 % se revela indiferente.

“Praticar desportos em recinto aberto, como actividade de lazer”, interessa a 50% dos inquiridos, e desagrada muito a 10%, sendo que 4 dos alunos se mostra indiferente. (ver quadro 4, pp. 125-126 e gráfico 31, p. 155).

Relativamente ao último item dos interesses e aptidões profissionais, observa-se que 40% gosta de “ordenar e classificar os livros de uma biblioteca” e 30% desagrada-lhes muito. Assim como também 30% mostra indiferença em relação a esta actividade (ver gráfico 32, p. 156).

Através da análise do quadro 4 (pp. 125-126), é possível determinar quais as actividades que despertam nos alunos um maior interesse.

Deste modo, verifica-se que a maioria dos alunos estudados elege os itens “sair numa excursão” e o “Trabalhar num bar”, como sendo as actividades preferidas, ou seja, que mencionaram como “gostar muito”.

São também referenciadas por 4 alunos, o correspondente a 40%, outras actividades como preferidas (“gosto muito”) como “Desenhar e pintar”, “Cuidar de crianças”, “Ser membro de um conjunto musical”, “Reparar as avarias dos electrodomésticos ou das instalações eléctricas”, “Ser mecânico numa grande oficina”.

Ao analisar o quadro 4, referido anteriormente, pode concluir-se que 4 dos alunos disseram gostar em parte de “Representar um papel numa peça de teatro”, “Conhecer e cuidar de plantas” e “Manejar ferramentas e maquinaria”.

Assim, os resultados encontrados reflectem a existência de uma diversidade de interesses por parte dos alunos inquiridos.

É de salientar que através da análise dos questionários relativos aos interesses profissionais, contactou-se nestes jovens com dificuldades intelectuais, uma grande motivação e interesse para realizarem muitas das actividades apresentadas.

Estar motivado, demonstrar interesse/preferência face às diversas actividades que poderão levar a escolher uma determinada profissão ou ocupação, significa fazer um projecto para o futuro e para a vida.

Por vezes os jovens não têm a certeza da profissão que desejariam ter no futuro, por isso, será importante o acompanhamento e ajuda daqueles que supostamente possuem o conhecimento mais aprofundado dos jovens, dos seus interesses, habilidades e capacidades.

Caberá à escola organizar-se pedagogicamente, abrindo-se à comunidade e, assim, contribuir para a mudança de atitudes por parte de toda a comunidade educativa. (Perrenoud 2000).

Este esforço por parte de qualquer instituição educativa, é fundamental para que haja uma verdadeira escola inclusiva, capaz de aceitar todos independentemente das suas diferenças.

Fierro (1995) chama a atenção para o facto da escola ainda não preparar de forma eficaz os seus alunos para o desempenho de uma determinada profissão, bem como na sua dificuldade em compreender as necessidades educativas especiais dos alunos, e na capacidade de lhes proporcionar conhecimentos adequados à sua integração no mercado de trabalho.

Portanto, as instituições educativas terão presentemente e futuramente que reunir todos os recursos possíveis e necessários para seja dada a possibilidade de uma formação adequada a cada aluno, facultando assim, o seu acesso ao mundo laboral e por conseguinte à sua inclusão na sociedade.

Verifica-se a urgência de apoio a estes alunos para que a transição da escola para a vida activa seja feita com sucesso e eficácia. Será da responsabilidade das instituições educativas ajudar estes alunos a tornarem-se activos economicamente e oferecer-lhes as competências necessárias para uma vida integrada em sociedade.

Através do documento da UNESCO (1994) para o efeito, são dadas indicações às escolas no sentido de oferecer formação aos alunos de acordo com aquilo que a sociedade exige/espera de um adulto, sendo por isso, importante que as escolas elaborem currículos adaptados aos alunos que se encontrem em classes terminais, tendo em atenção a sua inserção no mercado de trabalho, desenvolvendo a autonomia/independência. Deverá também a escola apoiar todos aqueles que queiram

ingressar no ensino superior. Para que tal se cumpra com eficácia, propõe-se que a escola recorra aos apoios de “consultores vocacionais, agentes de colocação, sindicatos, autoridades locais e serviços e organizações competentes”

3. Aptidões profissionais dos jovens inquiridos

Ao longo deste questionário de análise aos interesses e aptidões profissionais dos alunos, procurou-se ainda conhecer alguma experiência pessoal tida, de forma a esclarecer a aptidão em relação a cada actividade, sendo esta parte constituída por trinta e uma questões, com quatro opções de resposta para cada um dos trinta e um itens, .. “incapaz para a actividade”, ...”medianamente apto”, ...”bastante apto” e “muito apto”.

O quadro 5 (pp. 127-128) representa as trinta e uma actividades, relativamente às aptidões dos dez alunos inquiridos avaliadas por quatro níveis, tal como se explicou anteriormente.

As actividades onde os inquiridos se consideram mais aptos são: “escrever composições ou artigos para um jornal”, “arrumar e meter em ordem papéis”, “fazer jogos de palavras, trocadilhos, etc.”, “tocar um instrumento musical”, “perceber que alguém desafina quando canta” e “para tratar de alguém doente”. Nestes seis itens verificou-se a adesão de todos os alunos (10 inquiridos), que se dividiram por três níveis/ graus, “Medianamente apto”, bastante apto” e Muito apto” (ver quadro 5, pp. 127-128).

Com base na análise do quadro 5 (pp. 127-128), observa-se que a maioria dos alunos inquiridos se consideram “medianamente aptos “para escrever composições ou artigos para um jornal” e “para fazer jogos de palavras, trocadilhos, etc.”

Os percentuais relativos aos níveis de aptidões dos alunos, acerca do item “...escrever composições ou artigos para um jornal” agrada à maior parte dos alunos inquiridos. Conforme representa o gráfico 36 (p. 158), 50% dos alunos respondeu estar medianamente apto, 30% bastante apto e 20% muito apto, sendo que nenhum aluno se considerou “incapaz para a actividade”.

Em relação ao item “fazer jogos de palavras, trocadilhos, etc”, 50% dos alunos em estudo referem que estão medianamente aptos, 30% bastante aptos e os restantes 20% muito aptos. Verificando-se tal como no item anterior 0% de incapacidade para a actividade, conforme é visível no gráfico 45 (p.163).

Observa-se ainda que a maioria das crianças/jovens, se considera “bastante apto” “para distinguir os diferentes instrumentos numa música”, para “tratar de alguém doente” e “para cantar”.

Os percentuais relativos ao item “... distinguir os diferentes instrumentos numa música”, demonstram que 60% dos alunos inquiridos considera-se bastante apto, 20% muito apto e os restantes 20% medianamente apto (conforme gráfico 56, p. 168).

Um outro item “...tratar de alguém doente” também foi considerado por 60% das crianças/jovens como estando bastante apto, 10% muito apto e 30% medianamente apto (ver gráfico 57, p.169).

Relativamente, à aptidão “para cantar”, 60% dos inquiridos considera-se bastante apto, 10% medianamente apto 30% incapaz para a actividade (gráfico 59, p. 170).

De referir que 50 % dos alunos se julga bastante apto para o desempenho das actividades “escrever contos, narrativas, histórias”, “montar e desmontar brinquedos complicados”, “arrumar e meter em ordem os papeis”, “modelar barro, plasticina, etc”, “inventar e criar roupa”, “armar e compor objectos mecânicos”, “perceber o funcionamento de certos mecanismos como motores, relógios, etc.”, “manejar ferramentas como martelo, serrote, berbequim” e “reparar uma tomada de corrente ou um interruptor”. (ver quadro 5, pp. 127-128)

As actividades que se encontram posicionadas em 2.º lugar, como as mais escolhidas pelos alunos, são “Ler revistas e livros”, “tirar fotografias de qualidade”, “fazer traçados

geométricos com régua e esquadro”, “ouvir os outros quando estão com problemas”, “aprender a usar o computador”, “montar e desmontar brinquedos complicados”, “ser um membro activo de um clube ou associação”, “modelar barro”, plasticina, etc”, “inventar e realizar um cenário de teatro”, “inventar e criar roupa”, vender objectos”, “armar e compor objectos mecânicos”, “perceber o funcionamento de certos mecanismos como motores, relógios, etc”, “distinguir os diferentes instrumentos numa música”, “trabalhar com ferramentas como chave-inglesa etc , na reparação de um motor”, “cortar, tecer, forrar um sofá”, e “ordenar e classificar, correspondência ou documentos”. Estas actividades foram consideradas como “medianamente apto”, “bastante apto” e “muito apto” por 9 dos 10 inquiridos. (ver quadro 5, pp. 127-128).

Relativamente ao nível “muito apto”, a maioria dos alunos em estudo elegem o item 3 “Ler revistas e livros”. O gráfico 35 (p. 158) mostra que 50% dos alunos inquiridos se considera muito apto, 30% bastante apto e os restantes 10% medianamente apto e incapaz para actividade, respectivamente.

As actividades nas quais os alunos em estudo pensam ser “medianamente apto” a “muito apto” foram: “escrever composições ou artigos para um jornal”, “fazer jogos de palavras, trocadilhos, etc”, “escrever contos, narrativas, histórias”, “montar e desmontar brinquedos complicados”, “arrumar e meter em ordem os papeis”, “modelar barro, plasticina etc”, “inventar e criar roupa”, “armar e compor objectos mecânicos”, “perceber o funcionamento de certos mecanismos como motores, relógios, etc”, “distinguir os diferentes instrumentos numa música”, “tratar de alguém doente”, “cantar”, “ para reparar uma tomada de corrente ou um interruptor” e “ler revistas e livros”. (ver quadro 5, pp. 127-128)

Por outro lado, a actividade correspondente ao item “ Encarregar-se de uma exposição escolar” é das que maior percentagem registam na incapacidade para o desempenho da

actividade, correspondendo a 30 % dos alunos, sendo que 20 % se consideram “medianamente apto”, 40% “bastante apto” e apenas 10 % “muito apto” (ver gráfico 33, p. 157).

De salientar que 50 % dos alunos se vêem como “bastante apto” para o desempenho da actividade “escrever contos, narrativas, histórias”, sendo que 40% se dividiram de igual forma pelos graus correspondentes ao “medianamente apto” e “ muito apto” e os restantes 10% pela incapacidade para a actividade. (ver gráfico 38, p. 159)

Também a actividade “montar e desmontar brinquedos complicados”, obteve o resultado de 50% dos alunos a escolher o grau de “bastante apto”, 20% para “medianamente apto”, e “bastante apto”, sendo que 10 % correspondem ao “incapaz para a actividade” (ver gráfico 42, p. 161).

O item 11, “arrumar e meter papeis em ordem”, reúne 50% dos inquiridos como “bastante apto” e 40% “medianamente apto”, apenas 10% “bastante apto” e 0% na “incapaz para a actividade”. (ver gráfico 43, p. 162).

As actividades “modelar barro, plasticina, etc” e “inventar e criar roupa” distribuem 50% dos alunos pelo grau de “bastante apto”, 20% pelos graus de “medianamente apto” e “bastante apto” respectivamente. Apenas 10% se considerou “incapaz para a actividade”.(ver gráficos 46 e 49, p.163 e p.165, respectivamente).

Nos itens 19 e 20, “ armar e compor objectos mecânicos” e “perceber o funcionamento de certos mecanismos como motores, relógios, etc”, distribuem de igual modo as percentagens de escolhas pelos respectivos graus.

50% dos inquiridos responderam se sentir “bastante apto”, 10% “ muito apto” , 30% “medianamente apto” e apenas 10 % “incapaz para a actividade” (ver gráficos 51 e 52, p. 166).

“Manejar ferramentas como martelo, serrote, berbequim”, reúne 50 dos inquiridos na escolha de “Bastante apto”, 20% “medianamente apto”, 20% “incapaz para a actividade” e apenas 10 % com “muito Apto”. (ver gráfico 54, p. 167).

O item 30, “reparar uma tomada de corrente ou interruptor” distribui 50 % dos alunos pelo grau de “bastante apto”, 30% no “medianamente apto” e 20% “incapaz para a actividade”, sendo que nenhum aluno se considerou “muito apto” para o desempenho da actividade. (ver gráfico 62, p. 171).

Assim, podemos verificar que são inúmeras as actividades, onde os alunos inquiridos consideraram ter um grau de aptidão dentro do apto para o desempenho das actividades em estudo. Revelando uma menor percentagem na distribuição de todos os itens no que se refere ao grau de “incapaz para a actividade”, como é visível no quadro 5 (pp. 127-128).

Os dados obtidos apresentam-se como positivos, pois demonstram a pré-disposição para a aprendizagem destes jovens e reflectindo-se aqui o seu esforço na luta pela aquisição de diversas competências, pelo que se torna importante continuar a motivá-los para a aquisição de novas aprendizagens que lhes poderão ajudar no desenvolvimento da sua autonomia e inclusão na sociedade.

Para Bautista (1997), a escola deverá saber dar respostas aos seus alunos de acordo com as suas necessidades e expectativas, respeitando a diferença de cada um e promovendo sempre a sua integração no mercado de trabalho, por isso, é fundamental que os alunos mais do que integrados se sintam incluídos.

Assim, para Warwick (2001) a inclusão representa uma melhoria na qualidade de vida, tendo a escola um importante papel ao conseguir oferecer as mesmas oportunidades, bem como bons meios a todos os seus alunos.

4.Sonhos para a vida futura dos jovens inquiridos

No que se refere à questão aberta acerca dos sonhos destes jovens para a vida futura, os resultados foram sistematizados no quadro 6 (p. 129), onde se realça que cinco destes alunos que responderam à questão, afirmaram que o seu sonho era: “tratar de crianças” “ser jogador profissional de ténis de mesa”, “jogador de futebol do Benfica”, “bombeiro e mecânico”, ou simplesmente “ter uma profissão”.

Assim, pode concluir-se que alguns destes jovens mostram uma preocupação face ao ter uma actividade profissional.

Whelan e Speake (1981, cit Broomhead, 2003) salientam também a importância da aquisição de uma actividade profissional para o individuo.

O ter uma determinada profissão faz parte dos seus interesses, por isso, caberá à escola reunir esforços para que ajude estes alunos que se relevam interessados a alcançar os seus objectivos, mesmo que muitas vezes pareçam inalcançáveis aos olhos de muitos, pois o lutar por estes levá-los-á certamente a motivar-se mais.

Fierro (1995) diz ser necessário investir na educação e formação, com vista a desempenhar uma profissão.

Continuando o percurso de análise através do quadro 6 (p. 129), observa-se que estes alunos também têm sonhos relacionados com viagens (“Os sonhos que gostaria de realizar era ir a Paris à Disney”) ou com uma ocupação de tempos livres (“Ser forçado amador de Alcochete...”).

Existe também uma preocupação face à família em dois dos alunos inquiridos (s E e s I) (“...ter uma família” e “...que os meus pais se juntassem novamente”).

Por vezes estes alunos fazem parte de famílias, cujos pais estão divorciados, de famílias com carências económicas ou foram abandonadas pelos próprios pais, como é o caso de

uma das alunas em estudo, daí se verificar a necessidade de referir como sonho “ter uma família”, incluindo a união dos pais.

Alguns alunos revelam também alguma preocupação com a sua vida económica. Referindo gostar de (“...ter uma boa vida” sJ) e (“Ser rico e ter muitos carros e motas” s B), o que pode ser revelador de uma condição económica real inversa (ver quadro 6, p.129).

Conclui-se haver igualmente um desejo face ao desenrolar da vida académica tal como refere o s J “...passar todos os anos de ano e ter boa nota nos exames” (ver quadro 6, p. 129).

Ora neste caso, já existe a consciência que a escola poderá levar a uma condição social, económica e profissional diferente. Realidade desejada, pois este aluno provavelmente acreditará que a sua vida mudará para melhor esperando ajuda por parte da escola, através do aumento das suas habilitações académicas.

Cinco dos alunos conseguem aperceber-se da necessidade de um trabalho no futuro. Segundo Cação (2007) ter um emprego para atribuir a um indivíduo com deficiência ultrapassa os aspectos económicos. Ter uma determinada profissão devidamente reconhecida é fundamental para o exercício da cidadania, tornando o indivíduo útil na sociedade.

Os seus sonhos reflectem, portanto, o desejo de vivenciar uma realidade diferente daquela que vivenciam actualmente, que no caso destes alunos com dificuldades intelectuais se traduziria na possibilidade de acesso aos diversos tipos de conhecimentos de forma adequada aos diferentes interesses e aptidões que cada um apresenta.

Também Fierro (1995) salienta a importância da escolarização dos alunos com necessidades educativas especiais, com recurso a professores especializados e adaptação

das técnicas e equipamentos que promovam uma educação de qualidade com vista ao domínio profissional.

É na escola que acontece o cruzamento entre as diversas variáveis que fazem parte do processo de formação e das representações de cada indivíduo, sendo que esta deverá estar preparada para ministrar os diferentes projectos que possam surgir. Mas infelizmente, muitas escolas, vivem ainda na precariedade, sem ter os professores e técnicos necessários para satisfazer as necessidades dos alunos com dificuldades intelectuais. Essa é uma realidade constatada na escola em estudo.

O facto de se verificar que todos os alunos inquiridos responderam à questão acima referida, revela que todos os jovens, apesar das suas limitações estão estimulados a seguirem adiante nas suas conquistas, mesmo que pareçam insignificantes aos olhos dos mais dotados. Está-se, portanto, perante um grupo de adolescentes com sonhos, capazes, por isso, de realizarem projectos para a sua vida futura.

Segundo Martins (2001) o emprego ocupa um papel fundamental na realização e auto-estima de qualquer pessoa, sendo que para o deficiente chega a ter função terapêutica.

Alimentar a auto-estima do aluno é fundamental para a aceitação das suas próprias limitações, superação das suas dificuldades e para conseguir ultrapassar barreiras que se possam encontrar no caminho da sua realização académica e profissional.

Através da análise dos resultados concluiu-se que os objectivos da investigação foram claramente atingidos. Relativamente à questão aberta dos “sonhos”, constatou-se que todos os inquiridos referiram ter este ou aquele sonho, também no que se refere aos interesses e aptidões dos alunos foram vários os interesses e aptidões indicadas.

Assim, os resultados relativamente à análise dos questionários surpreenderam pela positiva, demonstrando que independentemente de se estar perante jovens com

dificuldades intelectuais, está-se sobretudo na presença de pessoas com sonhos, interesses e aptidões que merecem todo o respeito e ajuda na concretização dos seus objectivos. Por isso, não é o facto de serem jovens com necessidades especiais que os torna diferentes dos outros no que se refere às suas escolhas e aspirações.

Capítulo VI – Projecto de Intervenção

1. Projecto para a mudança

Por fim, após a análise e interpretação dos dados obtidos, confrontou-se a situação real e a ideal, de forma a identificar as necessidades, que seguidamente se explicitam.

Alguns dos resultados apontam para a notória falta de professores especializados e técnicos na Escola Secundária Pública Hortênsia de Castro, bem como para os insuficientes protocolos estabelecidos com as entidades locais e que se afiguram como fundamentais para o processo de transição para a vida activa dos jovens com dificuldades intelectuais.

A preparação para a inclusão no mercado de trabalho, inclui a orientação vocacional que se processa na escola, por isso, é preciso o acompanhamento destes alunos principalmente por parte de professores de educação especial e de técnicos da área da psicologia respeitando os interesses, capacidades, necessidades e aptidões dos alunos e de suas famílias, de forma a conseguir orientá-los profissionalmente no que diz respeito ao processo de preparação destes para a formação profissional num local de experiência laboral.

A escola desempenha aqui um papel fundamental na tarefa de iniciar este processo, desenvolvendo assim a transição para a vida activa, sendo, por isso, responsável pelo futuro dos seus educandos.

Positivos são os resultados dos inquéritos, que revelam variadíssimos interesses e aptidões por parte dos alunos inquiridos, constituindo um recurso precioso para o projecto perspectivado. Sendo assim, são traçadas as linhas orientadoras para a intervenção, em aspectos considerados importantes para uma melhoria das respostas face aos interesses e aptidões dos alunos em estudo.

Face às barreiras encontradas, a proposta de intervenção que a seguir se clarifica, pressupõe o envolvimento não só dos alunos e suas famílias, e da escola, mas também de variadíssimas instituições locais, de forma a ajudar estes alunos no desenvolvimento das suas competências e no seu processo de transição para a vida activa.

Sendo assim, propõe-se a criação de um Gabinete de Apoio à Formação e Inserção Profissional dos Jovens com Necessidades Educativas Especiais, da responsabilidade conjunta da Escola Secundária Pública Hortênsia de Castro, da Câmara Municipal de Vila Viçosa, da Santa Casa da Misericórdia de Vila Viçosa, da Cáritas Paroquial de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa e da Cruz Vermelha Delegação de Vila Viçosa.

Justificam-se as parcerias com todas as instituições mencionadas, uma vez que todas elas têm uma forte ligação com a comunidade envolvente e por disporem também de técnicos especializados em vários domínios disciplinares.

Caberia a este gabinete, dotado de pelo menos um professor de educação especial e psicólogo e mais técnicos se assim se justificar, dependendo da problemática de cada aluno, intervir junto dos jovens com necessidades educativas especiais, no sentido de desenvolver actividades que despertem o interesse nos alunos, de acordo com as suas aptidões, capacidades e necessidades.

Considera-se igualmente importante como uma das tarefas a desenvolver pelo Gabinete de Apoio à Formação e Inserção Profissional dos Jovens com NEE, o esclarecer a família, assim, como a comunidade envolvente de forma a sensibilizar todos para a aceitação da diferença, em especial as empresas locais, para ajudarem estes jovens na transição para a vida activa, dando-lhes oportunidades nas áreas de interesse profissional.

Deste modo, este Gabinete ficaria dotado de serviços de: identificação/avaliação em educação/psicologia/formação e no acompanhamento e supervisão dos processos vivenciados pelos jovens.

Seria constituída, por isso, uma equipa técnica, capaz de identificar, num estudo ainda mais exaustivo, os verdadeiros interesses e aptidões de cada aluno com necessidades educativas especiais, com capacidade e responsabilidade de, junto dos alunos e das suas famílias, dar resposta aos seus sonhos.

Caberia também a este Gabinete o estreitamento das relações entre a escola e as entidades locais, mais propriamente as empresas particulares, no sentido de traçar um projecto para cada aluno em processo de transição para a vida activa.

Com base nos dados disponíveis, poder-se-ia já dar início a novas parcerias com empresas locais. O quadro 7 (pp.130-138) mostra a planificação traçada a partir dos interesses profissionais de maior preferência dos alunos inquiridos, observando uma possível entidade para o exercício da actividade escolhida.

Deste plano constam os objectivos gerais e específicos, actividades/estratégias, recursos, tempo e avaliação e contempla as nove actividades consideradas de maior relevância de acordo com as escolhas dos alunos, tais como: “Sair numa excursão (visitar terras, museus, parques naturais); “Trabalhar num bar”; “Desenhar e pintar”; “Cuidar de Crianças”; “Ser membro de um conjunto musical”; “Reparar as avarias dos electrodomésticos e das instalações eléctricas”; “Ser mecânico numa grande oficina”.

Propõe-se que estas actividades se iniciem logo a partir do momento em que se tenha concluído uma formação inicial, dentro da escola com o objectivo primeiramente de preparar estes jovens, dotando-os dos conhecimentos básicos associados ao desenvolvimento da actividade a praticar. Só após esta preparação prévia, no ambiente escolar é que o aluno deverá ingressar na actividade dentro da empresa.

Portanto, será um processo que deverá ter início logo no começo do ano lectivo, desenvolvendo-se ao longo deste.

Considera-se como ideal que este novo gabinete, funcionasse fisicamente na Escola Secundária Pública Hortênsia de Castro, devido ao fácil acesso dos alunos e suas famílias. Na impossibilidade de utilização deste espaço, propõe-se um outro nas instalações da sede da Câmara Municipal, pois também será um espaço onde as famílias se deslocarão com alguma facilidade.

Após um estudo mais aprofundado acerca das necessidades e aptidões dos alunos, este Gabinete deverá estabelecer rapidamente contactos com as diversas instituições laborais, no sentido de promover a integração destes jovens na vida activa, devendo também reunir os recursos necessários de apoio a estes jovens em conjunto com as instituições de parceria (Escola Secundária Pública Hortênsia de Castro, Câmara Municipal, Santa Casa da Misericórdia, Cáritas Paroquial e Cruz Vermelha de Vila Viçosa).

O Gabinete de Apoio à Formação e Inserção Profissional de Jovens com Necessidades Educativas Especiais, tem como Objectivos Gerais preparar estes jovens para a vida activa, proporcionando-lhes um acesso mais fácil e rápido ao mercado de trabalho.

Para atingir esses objectivos, propõe-se a criação do projecto Preparar/Formar, que consiste em reforçar o apoio pedagógico personalizado aos alunos referidos, através da verificação das suas aptidões/ competências.

Caberá também, a este Gabinete em articulação com a respectiva escola, promover acções de formação inicial e contínua, ou seja, criar programas em função das necessidades e interesses dos alunos. Terá de haver uma especial atenção para incluir a formação de base, formação para a integração (escola), formação tecnológica e formação em contexto de trabalho (instituições e empresas locais).

Assim, realça-se o significado do estabelecimento de parcerias com diversas entidades, como associações e instituições locais, empresas locais e até mesmo com o Instituto de Emprego e Formação Profissional da área de residência.

Afigura-se como fundamental que este gabinete disponha de um centro de recursos, como oficinas para o desenvolvimento de actividades manuais do interesse dos jovens, como a pintura por exemplo, actividades do dia- a- dia, cozinhar, descascar fruta, higiene na alimentação, enfim todas aquelas que se considerarem necessárias ao desenvolvimento da autonomia e à promoção de bem-estar físico e psicológico.

Em paralelo com as actividades que despertaram maior interesse nos alunos, este gabinete poderia desenvolver igualmente outras que lhes pudessem proporcionar prazer na sua execução e uma melhor integração na sociedade, entre as quais se destacariam:

A natação, que já é praticada este ano lectivo na escola em estudo, e cuja continuação e reforço se defende, uma vez que ajuda a desenvolver fisicamente os jovens e estimula as habilidades mentais, ao mesmo tempo que desenvolve a autonomia pessoal, hábitos de higiene, vestir e despir.

A oficina de culinária também será útil para o quotidiano destes jovens, pois ajuda a desenvolver com autonomia as actividades de culinária referentes à vida prática, desde organizar a mesa, higienizar os alimentos e os utensílios de cozinha, fazer um lanche simples, comidas caseiras e até cuidados de higiene pessoal, vestuário apropriado, organização do espaço físico e selecção do material a ser utilizado.

Outra actividade importante a desenvolver neste gabinete, será a recepção que orienta e possibilita ao aluno, a partir das suas potencialidades adquirir habilidades suficientes para o ingresso no mundo do trabalho e participação na vida social. Pretende-se proporcionar ao jovem através das noções básicas a ética profissional, noção de agenda, atendimento ao público, simpatia e uso do telefone no local de trabalho.

Para o bom funcionamento desta oficina são necessários recursos materiais, por isso, será importante que este gabinete concorra a alguns concursos abertos por diversas instituições como é o exemplo da Fundação Gulbenkian, com o objectivo de angariar as ajudas necessárias.

A orientação psicológica é também fundamental, sendo por isso importante recorrer a instituições, como Câmara Municipal e Santa Casa da Misericórdia, uma vez que estas dispõem de técnicos nesta área.

Em suma, o projecto proposto, não sendo exaustivo das possibilidades de intervenção, tem um alcance comunitário que se apoia fundamentalmente na construção de sinergias entre os vários parceiros intervenientes através da forte mobilização dos mesmos e tendo como catalizador o papel de liderança que a escola pode desempenhar.

Conclusões

Com base neste estudo foi possível identificar através dos alunos inquiridos, interesses e aptidões profissionais. Os alunos com dificuldades intelectuais são alunos como todos os outros, que possuem interesses/aptidões e sobretudo sonhos. É visível por parte de alguns alunos a motivação, o interesse em conquistar um trabalho no futuro, reconhecendo a importância da independência financeira, o que contribuirá seguramente para a promoção da sua autonomia.

Por outro lado há alunos que não se esquecem de actividades de lazer como fazer uma viagem de sonho a Paris e ser forçado amador de Alcochete.

A família também constitui para os alunos um sonho, o “ter uma família” e que esta seja estruturada, com a presença dos progenitores unidos.

A melhoria da vida financeira e a escolaridade também fazem parte dos sonhos destes jovens.

Entende-se que a autonomia destes alunos passa pela aquisição de aptidões, de conhecimentos teóricos sistematizados, pela formação técnica e profissional.

Os resultados obtidos neste estudo, através das entrevistas aos professores, revelam uma realidade ainda muito longínqua das expectativas das instituições que se consideram responsáveis pela inclusão dos alunos com necessidades educativas especiais. A escola em estudo apresenta algumas barreiras como um número reduzido de professores de educação especial face ao número de alunos com necessidades educativas especiais existentes, bem como a quase ausência de outros técnicos especializados, uma vez que apenas dispõe de um psicólogo a meio tempo. Esta actual realidade, dificultará muito todo o percurso académico e profissional destes alunos.

Por outro lado, é evidente a dificuldade da escola em estabelecer protocolos com empresas laborais no sentido de preparar estes jovens para a vida activa. Uma vez que tais empresas também não estão dispostas a receber alunos com dificuldades ou incapacidades.

Considera-se fundamental a criação de parcerias entre as escolas e as empresas, criando oportunidades de estágios para todos os alunos com necessidades educativas especiais. Sem a existência de parcerias torna-se difícil uma aprendizagem prática, pois a escola não consegue dar resposta a todas as variáveis envolvidas na aprendizagem das variadíssimas profissões preferidas pelos alunos. O apoio das empresas nesse sentido é essencial, mas caberá à escola promover os meios de fortalecer os vínculos com as mesmas, através do apoio político como Câmaras Municipais e outros apoios estatais.

No caso da escola em estudo verifica-se que as parcerias existentes são claramente insuficientes, para o grande leque de actividades apontadas como interessantes para os alunos inquiridos, tais como, “Sair numa excursão, (visitar terras museus, parques naturais, trabalhar num bar, desenhar e pintar, ser membro de um conjunto musical, reparação de avarias dos electrodomésticos ou das instalações eléctricas e ser mecânico numa grande oficina, representar um papel numa peça de teatro, conhecer e cuidar das plantas, manejar ferramentas e maquinarias.

Apenas duas das parcerias estabelecidas entre a escola e a Santa Casa da Misericórdia e Cáritas Paroquial de Nossa Senhora da Conceição, se destinam à integração de alunos na preparação para a vida activa, tendo presentemente dois alunos a cuidar de crianças.

No sentido de colmatar esta dificuldade em estabelecer parcerias com empresas locais, em anos anteriores, a escola encaminhava alunos com problemáticas mais graves para a CERIC Estremoz, para que estes desenvolvessem aí algumas competências profissionais.

As restantes parcerias existentes, tal como com o Regimento de Cavalaria n.º 3 de Estremoz e a Câmara Municipal, mais propriamente as piscinas municipais estão a ser utilizadas para desenvolver a autonomia nos alunos.

Ora, se existem as leis governamentais, no sentido de apoiar as pessoas com necessidades educativas especiais no desempenho profissional, nada mais coerente do que dar apoio às escolas e empresas para o cumprimento dessas leis, através dos investimentos necessários e oportunos.

As empresas são fundamentais para ajudar na ocupação de adultos com dificuldades intelectuais. Fierro (1995) considera que deverão existir empresas que ocupem estes alunos, pois existe protecção legal e/ou fiscal especial e, através de medidas de segurança, mesmo aqueles indivíduos que apresentam uma deficiência grave podem desempenhar trabalhos mais complexos, como numa carpintaria ou numa oficina de mecânica. É fundamental que estes se sintam incluídos no ambiente de trabalho e desenvolvam as suas actividades de forma integrada com os restantes colegas. Não se deve desconsiderar, achando que estas pessoas são incapazes de exercer toda e qualquer ocupação, uma vez que muitos trabalhos não exigem uma idade mental superior a onze anos. Fierro (1995).

De referir que actualmente ainda existe um grande número de empregos que requer pouca capacidade intelectual, como refere Fierro (1995: 251) “Não somente tarefas, predominante físicas, ou de agricultura, mesmo ocupações na hotelaria, em empresas de vigilância e de limpeza e muitas outras do sector de serviços podem ser, apropriadamente, desempenhadas por deficientes mentais sob condições de uma prudente assistência e supervisão de outras pessoas”.

Para que a escola consiga dar respostas eficazes aos interesses e aptidões dos alunos, é necessário um ajuste entre a teoria e prática, para que o aluno reconheça que é capaz de

desenvolver uma actividade ou ocupação, no sentido de não prejudicar as suas expectativas e comprometer a sua vida profissional futura.

Assim, através deste estudo verificam-se falhas entre a concepção teórica da inclusão e as verdadeiras práticas nas escolas, no que diz respeito à preparação dos alunos para a vida activa, pois a principal resposta conseguida pela escola em estudo tem sido o encaminhamento destes alunos para cursos profissionais ou nos casos mais graves para a CERIC de Estremoz.

Conclui-se, deste modo, com base no estudo realizado, que os alunos com dificuldades intelectuais possuem interesses e aptidões profissionais, mas carecem de condições mínimas para levar adiante os seus sonhos, uma vez que existem barreiras, impedindo-os da participação no mercado de trabalho, dando-lhe a oportunidade de serem indivíduos produtivos e cidadãos de pleno direito.

Com a elaboração deste estudo, verificou-se a necessidade de se propor a criação de um Gabinete de Apoio à Formação e Inserção Profissional dos Jovens com Necessidades Educativas Especiais, da responsabilidade de diversas instituições locais, Escola Secundária Pública Hortênsia de Castro, Câmara Municipal de Vila Viçosa, Santa Casa da Misericórdia de Vila Viçosa, Cáritas Paroquial de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa e Cruz Vermelha Delegação de Vila Viçosa.

A criação deste novo gabinete será de todo importante, no sentido de responder às necessidades detectadas, capaz de desenvolver actividades que despertem o interesse nos alunos, tendo em atenção as suas aptidões, capacidades e necessidades. O Gabinete de apoio à Formação e Inserção Profissional dos Jovens com Necessidades Educativas Especiais tem como Objectivos Gerais preparar estes jovens para a vida activa, de forma a incluí-los no mercado de trabalho e ao mesmo tempo sensibilizar toda a comunidade local para a aceitação da diferença, incluindo as empresas envolvidas.

Assim, espera-se que esse estudo tenha atingido os objetivos a que se propôs, respondendo às questões que foram levantadas, embora se esteja perante um estudo com algumas limitações, pois apenas estuda os alunos com dificuldades intelectuais, deixando outros com necessidades educativas especiais de fora, assim como também todos os pais.

Contudo, acredita-se que o tratamento e análise de dados permitiram retratar da forma mais rigorosa possível todas as questões a que se queria responder e estabelecer relações entre diferentes fontes de informação.

Em todo o caso, como não há nenhuma investigação que consiga revelar toda a complexidade da realidade em estudo, não se pode deixar de recomendar novas incursões nesta área, bem como a eventual adopção de outros métodos de investigação, para que se analise e interprete com maior profundidade as questões abordadas ou novas questões suscitadas.

Deste modo, poder-se-ia considerar a aplicação de entrevistas e questionários mais aprofundadas acerca das barreiras que são sentidas pelos alunos e pelos pais ou encarregados de educação, trabalhos intensivos através de estudos de caso, verificação mais detalhada dos interesses/aptidões de todos os alunos com NEE.

Apenas através do recurso a pesquisas se poderá chegar a uma intervenção eficiente, levando o jovem a lidar de forma mais eficaz com os seus próprios interesses e aptidões facilitando a sua integração na vida activa.

Referências bibliográficas

- Afonso, N. (2005). *Investigação Naturalista em Educação*. Porto: Edições ASA.
- Ainscow, M. (1995). *Special needs through school improvement; school improvement through special needs*. In C. Clark, A. Dyson e A. Millward (eds.), *Towards inclusive schools* (pp. 24-38). London: David Fulton.
- Albuquerque, M. C. (2000). *A Criança com Deficiência Mental Ligeira*. Lisboa: Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência.
- Bardin, L. (2004). *Análise de Conteúdo* (3ª ed.). Lisboa: Edições 70.
- Bautista, R. (1997). *Necessidades Educativas Especiais*. Lisboa: Dinalivro.
- Bénard da Costa, A.M. (2005). *A Escola Inclusiva: Do conceito à prática. Inovação, Vol.9, 57-65*. Lisboa, Instituto de Inovação Educacional.
- Broomhead, C. (2003). *Transição planeada da educação para o emprego para jovens com dificuldades de aprendizagem profundas*. In C. Tilstone, L. Florian, R. Rose, *Promover a Educação Inclusiva* (pp.308- 310). Lisboa: Instituto Piaget: Horizontes Pedagógicos.
- Cação, R. (2007). *Transição para a vida adulta de pessoas com deficiência mental: representações, práticas e desafios*. In A. O. Neves (coord.). *Integração das*

peçoas com deficiência (pp. 187-193). Lisboa: Cadernos Sociedade e Trabalho, n.º8, Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social.

César, M. (2003). A escola inclusiva enquanto espaço – tempo de diálogo de todos para todos. In D. Rodrigues (Org.), *Perspectivas sobre a inclusão. Da educação á sociedade*, (pp.119-236). Porto: Porto Editora.

Cónego, P., (1999). *Integração Profissional de Jovens com deficiência Mental*. Dissertação de Mestrado em Activação do Desenvolvimento Psicológico, Universidade de Aveiro. Disponível em <http://ria.ua.pt/bitstream/10773/1070/1/2010000580.pdf> (consultado em Março de 2012).

Correia, L. M., (1996). Intervenção Precoce: Do atendimento Directo ao Envolvimento Parental. *Revista Saber Educar*, nº1, 21-25.

Correia, L. M. (2003). Editorial. *Inclusão*, 2, 17-43. Braga: Edições Universidade do Minho.

Coutinho, C. (2012). Métodos e Técnicas de Amostragem. Disponível em <http://claracoutinho.wikispaces.com/M%C3%A9todos+e+T%C3%A9cnicas+de+Amostragem> (consultado em Março de 2012).

DREA - Direcção Regional de Educação do Alentejo. (1990). *Transição para a Vida Activa*. Lisboa: Ministério da Educação.

EADSND- European Agency for development in Special Needs development (2002).

Transição da escola para o emprego – principais questões e opções enfrentadas pelos alunos com necessidades educativas especiais em 16 países europeus.

Disponível em <http://sitio.dgidec.min->

[edu.pt/recursos/Lists/Repositrio%20Recursos2/Attachments/127/Transition_Portugal.pdf](http://sitio.dgidec.min-edu.pt/recursos/Lists/Repositrio%20Recursos2/Attachments/127/Transition_Portugal.pdf) (consultado em Março de 2012).

Erikson, E. H. (1962). *Young Man Luther: A study in Psychoanalysis and history*. New York: WW Norton & Company Ginny Books.

Estrela, A. (1994). *Teoria e Prática de Observação de Classes. Uma Estratégia de Formação de professores*. Porto: Porto Editora.

Fierro, A. (1995). A escola perante o deficit intelectual. In C. Cool, J. Palacios & A. Marchesi (eds.), *Desenvolvimento Psicológico e educação*, (pp.241 – 251). Porto Alegre, RS: Artes Médicas.

Franco V. (2011). A inclusão começa em casa... Universidade de Évora. Disponível em dspace.uevora.pt/rdpc/.../1/A_inclusão_começa%20em%20casa.doc (consultado em Março de 2012).

Ghiglione, R. & Matalon, B. (1993). *O inquérito : Teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora.

- Latorre, A. (2003). *La Investigación-Acción. Conocer y cambiar la práctica educativa*. Barcelona: Graó.
- Lessard-Hébert, M., Goyette, G. & Boutin, G. (2005). *Investigação Qualitativa. Fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Lüdke, M., & André, A. (2003). *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.
- Martins, M. A. (2001) *Deficiência Mental e Desempenho Profissional*. Tese de Mestrado. Lisboa: Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração de Pessoas com Deficiência.
- OMS - Organização Mundial de Saúde (1980). *International Classification of impairments disabilities and Handicaps. A manual of classification Relating to the consequences of disease, OMS*. Lisboa: Secretariado Nacional de Reabilitação, 1989).
- Pancada, H. Vilhena, D. Silva, A. (2007/2008). Projecto de adequações da oferta formativa. Disponível em <http://esmf.drealentejo.pt/actividades/projecto-oferta-formativa-07-08.pdf> (consultado em Março de 2012).
- Perrenoud, P. (2000). *Dez Novas Competências para Ensinar*. Porto Alegre (Brasil): Artmed Editora.

- Porter, G. L. (1997). Organização das escolas: conseguir o acesso e a qualidade através da inclusão. In M. Ainscow, G. Porter & M. Wang, *Caminhos para as escolas inclusivas*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Rodrigues, D. (2006). Notas sobre investigação em Educação Inclusiva. In D. Rodrigues (org.), *Investigação em Educação Inclusiva* (v.1, pp.11-16). Cruz Quebrada: FMH.
- Rodrigues, D. (2007). Paradigma da Educação Inclusiva: Reflexão sobre uma Agenda Possível. *Inclusão, 1*, 11-12.
- Sampaio, D. (1996) *Voltei à escola*. Lisboa: Editorial Caminhos.
- Santos, P.J. (1993) *Integración socio-laboral y Educación Especial*. Barcelona: Promociones y Publicaciones Universitarias S.A.
- Santos, S.; Morato, P. (2002). *Comportamento adaptativo*. Porto Editora. Porto.
- UNESCO (1994). *Declaração de Salamanca sobre Princípios, Política e Prática na Área de Necessidades Educativas Especiais*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Vieira, D. & Pereira, C. (1996). *Se houvera quem me ensinara*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Warnock, M. (1978) *Report of the Warnock Committee of enquiry into the education of Handicaped children and young people*. London: HMSO.

Warwick, C. (2001). O Apoio às Escolas Inclusivas. In D. Rodrigues (Org.), *Educação e Diferença – Valores e Práticas para Uma Escola Inclusiva*. (pp. 97-122). Porto: Porto Editora.

Legislação

Constituição da República Portuguesa – Sessão plenária de 2 de Abril de 1976- Artigo 71.º - *Cidadãos portadores de deficiência*.

Decreto/Lei 3/2008 de 7 de Janeiro de 2008, (158 Diário da República, 1.ª Série – N.º 4)
Artigo 14.º- *Plano Individual de Transição*.

Lei n.º 46/86 de 14 de Outubro (Lei de Bases do Sistema Educativo) - artigo 17.º n.º 3, alínea g) - *Organização da Educação Especial*.

Anexos

Cartas de pedidos de autorização dirigidas à direcção.

Exmº Sr. Presidente Do Conselho Executivo

No âmbito do Mestrado em Educação Especial no domínio Cognitivo e Motor, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Beja, Manuela de Jesus Pinto Raminhos, pretende elaborar um Projecto sobre, “Os interesses e aptidões de crianças/jovens com dificuldades intelectuais”.

Para a sua concretização agradece a V.Exª o preenchimento da “ Lista de alunos com dificuldades intelectuais”.

Garante-se a confidencialidade e anonimato de todos os dados recolhidos.

Vila Viçosa,....., de Março, de 2012

A Mestranda,

(Manuela de Jesus Pinto Raminhos)

Exmº Sr. Presidente Do Conselho Executivo

No âmbito do Mestrado em Educação Especial no domínio Cognitivo e Motor, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Beja, Manuela de Jesus Pinto Raminhos, pretende elaborar um Projecto sobre, “Os interesses e aptidões de crianças/jovens com dificuldades intelectuais”.

Para a sua concretização agradece-se a possibilidade de uma entrevista com a Professora de Educação Especial e com o director de escola.

Vila Viçosa,....., de Março, de 2012

A Mestranda,

(Manuela de Jesus Pinto Raminhos)

Exmº Sr. Presidente Do Conselho Executivo

No âmbito do Mestrado em Educação Especial no domínio Cognitivo e Motor, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Beja, Manuela de Jesus Pinto Raminhos, pretende elaborar um Projecto sobre, “Os interesses e aptidões de crianças/jovens com dificuldades intelectuais”.

Para a sua concretização agradece-se o preenchimento dos questionários em anexo, pelos alunos com dificuldades intelectuais, a frequentar a Escola Secundária Pública Hortênsia de Castro.

Vila Viçosa,....., de Março, de 2012

A Mestranda,

(Manuela de Jesus Pinto Raminhos)

Guião da Entrevista - Professores de Educação Especial/Adjunto do Director da Escola

Tema: Os interesses e aptidões de crianças/jovens com dificuldades intelectuais.

Objectivo Geral: - Conhecer as respostas que a escola oferece em relação aos interesses e aptidões dos alunos com dificuldades intelectuais.

1) Objectivos Específicos – Justificação da entrevista; Motivação do entrevistado; Confidencialidade.

Perguntas

1- Informar, nas suas linhas gerais, sobre o trabalho a ser realizado.

2- Mostrar a importância da experiência do entrevistado para o estudo desta matéria.

3- Certificar o carácter confidencial das informações concedidas.

2) Objectivos Específicos- Apresentação; Identificação dos entrevistados.

Perguntas

- 1- Que função exerce nesta instituição?
- 2- Qual a sua formação?
- 3- Quando iniciou a sua actividade?

3) Objectivos Específicos- Recolher dados de informação sobre as práticas educativas como resposta aos interesses e aptidões dos alunos com dificuldades intelectuais.

Perguntas

- 1- Quantos alunos têm abrangidos pelo Decreto/Lei n.º3/2008 com dificuldades intelectuais?
- 2- Tem em consideração os interesses e aptidões como “recurso educativo”, no processo de ensino/ aprendizagem das crianças/ jovens com dificuldades intelectuais?
- 3- Quais as actividades que utiliza com mais frequência, que maior interesse despertem nos alunos com dificuldades intelectuais?
- 4- Quais os condicionantes que o levam a escolherem uma em prol de outras?

5- Têm espaços definidos para a prática de actividades de acordo com os interesses e aptidões das crianças/jovens com dificuldades intelectuais?

6- Que materiais utilizam nas práticas das actividades para o desenvolvimento das aptidões/interesses das crianças/jovens com dificuldades intelectuais?

7- Das actividades que realiza que competências de autonomia pessoal e sociais promovem as aptidões/interesses das crianças/jovens com dificuldades intelectuais?

8- A realização de actividades de interesse das crianças/jovens podem favorecer a auto-estima? Porquê?

9- Como descreve a relação existente entre crianças/jovens com dificuldades intelectuais e os restantes.

10- Quando é que considera oportuno que as crianças/jovens com dificuldades intelectuais iniciem o processo de preparação para a vida activa?

11- A escola tem algum protocolo com instituições laborais para ajudar na transição destas crianças/jovens na vida activa?

12- Se tem. Diga quais.

13- Considera importante que a escola estabeleça algum protocolo com instituições laborais, no sentido de promover as aptidões/interesses das crianças/jovens com dificuldades intelectuais?

14- Na sua perspectiva o que estas crianças/jovens com dificuldades intelectuais aprendem na escola, dentro do seu currículo, é suficiente para uma boa integração no mundo laboral?

15- Considera útil o conhecimento das aptidões/interesses das crianças/jovens com dificuldades intelectuais na contribuição da preparação/integração da criança/jovem para a vida activa?

Transcrição da Entrevista

Identificação dos Entrevistados.

1-Que função exerce nesta instituição?

R: (Sujeito 1) “Professora coordenadora de Educação Especial.”

(Sujeito 2) “Professor Adjunto da direcção.”

2-Qual a sua formação?

R: (Sujeito 1) “Licenciatura em 1.º Ciclo do Ensino Básico e Especialização em Educação Especial.”

(Sujeito 2) “Licenciatura em Português/Francês”

3-Quando iniciou a sua actividade?

R: (Sujeito 1) “Comecei a leccionar no 1.º Ciclo do Ensino Básico no Ano Lectivo de 2002/2003, ingressei no grupo de Educação Especial no Ano Lectivo de 2010/2011”.

(Sujeito 2) “Em 1990/1991.”

Recolher dados de informação sobre as práticas educativas como resposta aos interesses e aptidões dos alunos com dificuldades intelectuais.

1-Quantos alunos têm abrangidos pelo Decreto/Lei n.º3/2008 com dificuldades intelectuais?

R: (Sujeito 1) “Com dificuldades intelectuais, tenho 13 alunos.”

2-Tem em consideração os interesses e aptidões como “recurso educativo”, no processo de ensino/ aprendizagem das crianças/ jovens com dificuldades intelectuais?

R: (Sujeito 1) “Sim, trabalho muito a partir das competências dos alunos, respeitando as suas necessidades e interesses”.

3-Quais as actividades que utiliza com mais frequência, que maior interesse despertem nos alunos com dificuldades intelectuais?

R: (Sujeito 1) “Normalmente realizo actividades de acordo com os interesses e que respeitem as necessidades individuais de cada aluno. Desenvolvo com os alunos competências ao nível da língua portuguesa funcional e matemática para a vida”.

“Todas as actividades que realizo com os alunos partem sempre de uma componente lúdica, sendo que estimula a motivação para a aprendizagem nos alunos. Por exemplo eles gostam de realizar jogos no computador, jogos interactivos como o do euro”.

4-Quais os condicionantes que o levam a escolherem uma em prol de outras?

R: (Sujeito 1) “Normalmente faço as planificações para cada dia. Mas muitas vezes altero a planificação de acordo com os interesses dos alunos de forma a motivá-los, sem descurar das suas verdadeiras necessidades”.

5-Têm espaços definidos para a prática de actividades de acordo com os interesses e aptidões das crianças/jovens com dificuldades intelectuais?

R: (Sujeito 1) “Sim, temos a sala de educação especial, onde realizamos a maior parte das actividades. Mas também realizamos outras, fora da sala de aula, como na biblioteca”.

“Assim, como fora do espaço escolar, praticamos hipoterapia com alguns dos nossos alunos no Regimento de Cavalaria n.º 3 de Estremoz e hidroterapia e adaptação ao meio aquático nas Piscinas Municipais de Vila Viçosa.”

6- Que materiais utilizam nas práticas das actividades para o desenvolvimento das aptidões/interesses das crianças/jovens com dificuldades intelectuais?

R: (Sujeito 1) “Utilizamos materiais muito diversificados, a escola tem muitos materiais pedagógicos, software educativo, hardware, material de desgaste, recicláveis, fichas de trabalho, jogos interactivos, pesquisas na internet de acordo com os interesses/necessidades dos alunos. Ouvimos música, utilizamos o dicionário”. “Frequentamos a biblioteca escolar, fazemos Power Points com histórias para os alunos contar e os restantes colegas depois recontarem novamente a história.”

7- Das actividades que realiza que competências de autonomia pessoal e sociais promovem as aptidões/interesses das crianças/jovens com dificuldades intelectuais?

R: (Sujeito 1) “Todos os nossos alunos com dificuldades intelectuais são autónomos. Temos apenas um aluno com dificuldades em vestir-se, mas como praticamos natação estas barreiras têm vindo a ser ultrapassadas. No início do ano lectivo a professora de Educação Especial (eu), ajudava-o nesta tarefa. Agora o aluno embora de forma lenta ainda, já vai conseguindo desempenhar esta tarefa”.

Relativamente à parte social, os alunos são incentivados a socializar com os restantes, peço-lhes propositadamente que façam recados, como por exemplo ir à reprografia, ao bar da escola etc...”

8- A realização de actividades de interesse das crianças/jovens podem favorecer a auto-estima? Porquê?

R: (Sujeito 1) “Sim, sem dúvida. Uma vez que se parte habitualmente do interesse dos alunos é mais fácil motivá-los.”

“No caso dos meus alunos resulta positivamente quando as actividades se iniciam com um carácter lúdico”.

9-Como descreve a relação existente entre crianças/jovens com dificuldades intelectuais e os restantes?

R: (Sujeito 1) “Estes alunos com dificuldades intelectuais, dão-se bem com os restantes”. Mas, por vezes, verificam-se casos pontuais, problemas de socialização, ou melhor, não inclusão/rejeição por parte de alguns elementos da turma”.

“Nos intervalos é onde se verifica alguma dificuldade na aproximação/relacionamento com os colegas”. “E é aí que estes alunos com dificuldades intelectuais procuram a companhia durante os intervalos da sua professora de Educação Especial (comigo)”.

10-Quando é que considera oportuno que as crianças/jovens com dificuldades intelectuais iniciem o processo de preparação para a vida activa?

R: (Sujeito 1) “ A legislação dá indicação para que seja aos 15 anos de idade, mas eu considero que esta transição se deve efectuar de acordo com as necessidades que os alunos manifestem, sem cairmos em exageros, ou seja, sem que os alunos sejam demasiado novos.”

(Sujeito 2) “O mais possível, assim que se detectem estas situações, talvez logo desde o 2.º Ciclo.”

11-A escola tem algum protocolo com instituições laborais para ajudar na transição destas crianças/jovens na vida activa?

R: (Sujeito 1) “Sim tem.”

(Sujeito 2) Sim.

12-Se tem. Diga quais.

R:(Sujeito 1) “Santa Casa da Misericórdia; Cáritas paroquial de Nossa Senhora da Conceição; Regimento de Cavalaria n.º 3 de Estremoz; Piscinas Municipais”.

(Sujeito 2) “Temos a Santa Casa de Misericórdia de Vila Viçosa, a Cáritas Paroquial de Nossa Senhora da Conceição, o Regimento de Cavalaria n.º3 de Estremoz e a Câmara Municipal para usufruir das piscinas municipais”.

“Estes são protocolos que estamos a estabelecer a estabelecer este ano lectivo.”

“ Em relação ao protocolo estabelecido com a Câmara Municipal, este surgiu devido à necessidade dos alunos desenvolverem mais a sua autonomia e adaptação ao meio aquático e assim ultrapassar também, algumas dificuldades a nível motor.”

“ O protocolo estabelecido este ano por iniciativa da professora/coordenadora de Educação Especial, com o Regimento de Cavalaria n.º 3 de Estremoz, é muito importante para que os alunos sintam que podem controlar a situação, neste caso pratico o cavalo. Para além, de melhorar a coordenação motora, melhora também a sua segurança no sentido de compreenderem que podem assumir o auto-controlo.”

“ Nos anos anteriores, temos também estabelecido um protocolo coma CERCI de Estremoz – pois era a única forma da escola conseguir dar resposta a alguns casos mais graves. Uma vez, que a escola continua a ter falta de recursos humanos suficientes para dar respostas eficazes ao grande número de alunos com necessidades educativas especiais”.

“Por outro lado, a escola tem também muitas dificuldades em conseguir estabelecer protocolos com as empresas privadas, pois estas não estão muito dispostas em aceitar crianças/jovens com dificuldades intelectuais, mesmo quando lhes é explicado se integrarem uma pessoa com deficiência poderão ter ajudas por parte do governo”.

“Na CERCI, os alunos sempre adquirem alguns conhecimentos a nível profissional.”

“Este ano lectivo, a escola tem um ex aluno com deficiência grave, que tinha sido posteriormente integrado na CERCI Estremoz e agora com base no protocolo existente entre escola/CERCI, o aluno foi recebido cá na escola para realizar um estágio profissional na cozinha, o que está correr muito bem.”

“O nosso maior problema é mesmo a falta de meios que dispomos, capazes de preparar os alunos/jovens para uma actividade profissional.”

13-Considera importante que a escola estabeleça algum protocolo com instituições laborais, no sentido de promover as aptidões/interesses das crianças/jovens com dificuldades intelectuais?

R: (Sujeito 1) “Sim. É importante. Estas instituições laborais devem tomar consciência dos problemas da comunidade.”

(Sujeito 2) “Logicamente que sim. Considero importante. Mas o problema está na pouca disponibilidade das empresas. Muitas não querem assumir a responsabilidade de ter ali uma pessoa com dificuldades, às vezes até deficiências graves, pois estes jovens têm que ser orientados, o que também irá ocupar o tempo de alguém nestas empresas.”

14-Na sua perspectiva o que estas crianças/jovens com dificuldades intelectuais aprendem na escola, dentro do seu currículo, é suficiente para uma boa integração no mundo laboral?

R: (Sujeito 1) “Há muito ainda a fazer neste campo. Penso que também a sociedade ainda não está preparada para aceitar a diferença e começar a integrar alunos com deficiência dentro das suas empresas para desenvolver por exemplo os PIT.”

(Sujeito 2) “Esse é que é o drama. Temos que conduzir a criança/jovem para uma determinada profissão. O que a escola tem para oferecer são os cursos profissionais.”

15-Considera útil o conhecimento das aptidões/interesses das crianças/jovens com dificuldades intelectuais na contribuição da preparação/integração da criança/jovem para a vida activa?

R: (Sujeito 1) “ Sim, até porque temos que partir do interesse deles para os motivar e fazer com que se sintam úteis e felizes aquando da sua transição para a vida activa.”

(Sujeito 2) “É o aspecto fundamental, temos que os conhecer para os integrar. O que interessa é que eles tenham aptidões. E depois necessitamos de técnicos que os ajude nesta tarefa.”

Questionário De Interesses e Aptidões

Autores: Silva, A., Vilhena, D.& Pancada, M. (2008:29-34)

Este questionário procura analisar quais são os teus interesses e aptidões profissionais.

É necessário que respondas com sinceridade.

Lê sempre com atenção as instruções de cada questão.

Quando tiveres dúvidas pede esclarecimentos ao Orientador/a.

Desde já agradeço a tua colaboração!

Começa por preencher os dados:

Nome:

Escola:

Ano de Escolaridade: _____ Turma: _____

Sexo: F M

Data de Nascimento: __/__/__

Data de hoje: __/__/__

À medida que fores lendo cada situação apresentada deves interrogar-te:

“Gosto de fazer isto?”. Em seguida deves fazer um círculo no número que pensas traduzir a tua preferência de acordo com a seguinte graduação:

1 Significa “gosto muito”

2 “gosto em parte”

3 “é-me indiferente”

4 “desagrada-me em parte”

5 “desagrada-me muito”

Quanto gosto?

1- Sair numa excursão (visitar terras, museus, parques naturais)	1 2 3 4 5
2-Armar ou desarmar objectos mecânicos	1 2 3 4 5
3- Desenhar e pintar	1 2 3 4 5
4- Cantar num grupo coral	1 2 3 4 5
5- Cuidar de crianças	1 2 3 4 5
6- Cuidar de idosos	1 2 3 4 5
7- Ser membro de um conjunto musical	1 2 3 4 5
8- Construir objectos de madeira	1 2 3 4 5
9- Aprender a classificar e arquivar documentos	1 2 3 4 5
10- Reparar as avarias dos electrodomésticos ou das instalações eléctricas	1 2 3 4 5

11- Tentar perceber o funcionamento de um relógio electrónico ou de um brinquedo electrónico	1 2 3 4 5
12- Trabalhar num bar	1 2 3 4 5
13- Trabalhar numa cozinha de Restaurante	1 2 3 4 5
14- Modelar em barro	1 2 3 4 5
15- Representar um papel numa peça de teatro	1 2 3 4 5
16- Desenhar o vestuário para uma representação teatral ou para uma passagem de modelos	1 2 3 4 5
17- Ser locutor de rádio	1 2 3 4 5
18- Viver fora da cidade, fazer campismo e outras actividades de ar livre	1 2 3 4 5
19- Escutar música moderna ou clássica	1 2 3 4 5
20- Conhecer e cuidar das plantas	1 2 3 4 5
21- Plantar árvores ou colher frutos numa herdade, em férias	1 2 3 4 5
22- Criar ou tratar de animais numa quinta, nas férias	1 2 3 4 5
23- Aprender a tocar um instrumento musical	1 2 3 4 5
24- Aprender a funcionar com os principais programas do computador	1 2 3 4 5
25- Manejar ferramentas e maquinaria	1 2 3 4 5
26- Ser membro de uma associação musical	1 2 3 4 5
27- Ser mecânico numa grande oficina	1 2 3 4 5
28- Praticar desportos em recinto aberto, como actividade de lazer	1 2 3 4 5
29- Ordenar e classificar os livros de uma biblioteca	1 2 3 4 5

Segue-se uma lista de actividades nas quais terás tido, por acaso, alguma experiência pessoal. Pede-se apenas que digas até que ponto te consideras apto (capaz) para realizar cada uma delas... Para tal procede do seguinte modo: lê cada pergunta e faz uma cruz no número correspondente.

- 1- Se te consideras incapaz para a actividade
- 2- Se te consideras medianamente apto
- 3- Se te consideras bastante apto
- 4- Se te consideras muito apto

Repara que não se pergunta se tu gostas ou não de determinada actividade, mas se te consideras apto (capaz) e em que grau, para a desempenhares.

Pode-se gostar muito de uma actividade e todavia não ter aptidão para a desenvolver. Por exemplo, pode-se gostar muito de desenho e não ter jeito nenhum para desenhar. É pois, necessário que te auto-analises e tentes distinguir interesses de aptidões. Este questionário dar-te-á informações sobre ti mesmo que, ao tomares consciência delas, te ajudarão nas tuas escolhas.

- | | |
|---------------------------------------------------------|---------|
| 1- Encarregar-se de uma exposição escolar | 1 2 3 4 |
| 2- Escrever contos, histórias juvenis. | 1 2 3 4 |
| 3- Ler revistas e livros | 1 2 3 4 |
| 4- Para escrever composições ou artigos para um jornal? | 1 2 3 4 |

5-Para tirar fotografias de qualidade?	1 2 3 4
6- Para escrever contos, narrativas, histórias?	1 2 3 4
7- Para fazer traçados geométricos com régua e esquadro?	1 2 3 4
8- Para ouvires os outros quando estão com problemas?	1 2 3 4
9- Para aprender a usar o computador?	1 2 3 4
10-Para montar e desmontar brinquedos complicados?	1 2 3 4
11-Para arrumar e manter em ordem papéis?	1 2 3 4
12-Para ser um membro activo de um clube ou associação?	1 2 3 4
13-Para fazer jogos de palavras, trocadilhos, etc.?	1 2 3 4
14-Para modelar barro, plasticina, etc.?	1 2 3 4
15-Para inventar e realizar um cenário de teatro?	1 2 3 4
16-Para desenhar casas, objectos, pessoas?	1 2 3 4
17-Para inventar e criar roupa?	1 2 3 4
18-Para vender objectos?	1 2 3 4
19-Para armar e compor objectos mecânicos?	1 2 3 4
20-Para perceber o funcionamento de certos mecanismos como motores, relógios, etc.?	1 2 3 4
21-Para tocar um instrumento musical?	1 2 3 4
22-Para manejar ferramentas como martelo, serrote, berbequim?	1 2 3 4
23-Para perceber que alguém desafina quando canta?	1 2 3 4
24-Para distinguir os diferentes instrumentos numa música?	1 2 3 4
25-Para tratar de alguém doente?	1 2 3 4
26-Para trabalhar com ferramentas como chave-inglesa etc.	

na reparação de um motor ?	1 2 3 4
27-Para cantar?	1 2 3 4
28-Para colaborar com os teus colegas em trabalhos de grupo?	1 2 3 4
29-Para cortar, coser, tecer, forrar um sofá?	1 2 3 4
30-Para reparar uma tomada de corrente ou um interruptor?	1 2 3 4
31-Para ordenar e classificar papéis, correspondência ou documentos?	1 2 3 4

Quais os sonhos que gostarias de ver realizados no futuro?

Obrigada, pela colaboração!

Anexos - Quadros

Quadro 1- Caracterização dos entrevistados, professor/coordenador de Educação Especial e professor adjunto da direcção:

Sexo	Formação Académica	Função exercida	Início da actividade profissional
F	Licenciatura em 1.º Ciclo do Ensino Básico.	Professora/Coordenadora de Educação Especial.	2002/2003
M	Licenciatura em Português/ Francês	Professor adjunto da Direcção.	1990/1991

Quadro 2- Análise de Conteúdo da Entrevista feita à professora/coordenadora de Educação Especial e ao professor adjunto da direcção.

Categorias	Sub-Categorias	Indicadores	Sujeitos
Práticas educativas	Interesses e aptidões como “recurso educativo”, no processo de ensino/aprendizagem.	“Sim, trabalho muito a partir das competências dos alunos, respeitando as suas necessidades e interesses”.	S 1
	Actividades que mais despertam o interesse nos alunos.	“Normalmente realizo actividades de acordo com os interesses dos alunos e que respeitem as necessidades individuais de cada um. Todas as actividades que realizo com os alunos partem sempre de uma componente lúdica, sendo que estimula a motivação para a aprendizagem. Por exemplo realizamos jogos no computador, jogos interactivos, como o do euro”.	S 1
	Materiais utilizados nas práticas das actividades.	“Utilizamos materiais muito diversificados, a escola tem já muitos materiais pedagógicos, software educativo, hardware, material de desgaste, recicláveis, fichas de trabalho, jogos interactivos, CD de música e livros, etc.”	S 1
	Actividades que promovem competências de autonomia pessoal e social.	“ Todos os nossos alunos com dificuldades intelectuais são autónomos. Temos apenas um aluno com dificuldades em vestir-se, mas como praticamos natação estas barreiras têm vindo a ser ultrapassadas. Este aluno	S 1

		tem vindo a conseguir desempenhar esta tarefa, embora de forma lenta. Relativamente à parte social os alunos são incentivados a socializar com os restantes, peço-lhe muitas vezes proporcionadamente que vão à reprografia e ao bar da escola.”	
Práticas Educativas	Actividades de interesse para as crianças/jovens que favorecem a auto-estima.	“ Sim, sem dúvida. Uma vez que se parte habitualmente do interesse dos alunos é mais fácil motivá-los. No caso dos meus alunos resulta positivamente quando as actividades se iniciam de forma lúdica”.	S 1
Transição para a vida activa	Início do processo de transição para a vida activa.	“ A legislação dá indicação para que seja aos 15 anos de idade, mas eu considero que esta transição se deve efectuar de acordo com as necessidades que os alunos manifestem, sem cairmos em exageros, ou seja, sem que os alunos também sejam demasiado novos”.	S 1
		“ O mais cedo possível, assim que se detecte estas situações, talvez logo desde o 2.º ciclo...”	S 2
	Protocolos com instituições laborais.	“Sim tem. Santa Casa da Misericórdia, Cáritas Paroquial de Nossa Senhora da Conceição Piscinas Municipais...” “... Em relação ao protocolo estabelecido com a Câmara Municipal, este surgiu devido à necessidade dos alunos desenvolverem mais a sua autonomia e adaptação ao meio aquático...” “ O protocolo estabelecido este ano por iniciativa da professora/coordenadora de Educação Especial, com o	S 1 S 2

		Regimento de Cavalaria n.º 3 de Estremoz, é muito importante para que os alunos sintam que podem controlar a situação...” “...para além de melhorar a coordenação motora...auto - controlo... nos anos anteriores temos estabelecido protocolos com a CERIC de Estremoz, pois era a única forma de a escola conseguir dar resposta, a alguns casos mais graves...”	
	A importância da escola estabelecer protocolos com instituições laborais.	“Logicamente que sim. Considero importante. Mas o problema está na pouca disponibilidade das empresas...”	S 2
	O currículo escolar-suficiente para uma boa integração no mundo laboral.	“Esse é que é o drama. Temos que conduzir as crianças/jovens para uma determinada profissão. O que a escola tem para oferecer são os cursos profissionais”.	S 2
	A utilidade do conhecimento das aptidões/interesses.	“É o aspecto fundamental, temos que os conhecer para os integrar. O que interessa é que eles tenham aptidões. E depois necessitamos de técnicos que os ajudem nesta tarefa.”	S2

Quadro 3- Caracterização dos alunos com dificuldades intelectuais a frequentar a Escola Secundária Pública Hortênsia de Castro.

Aluno	Sexo	Idade	Ano de escolaridade
A	F	15	9.ºANO
B	M	14	7.ºANO
C	M	16	7.ºANO
D	F	15	8.ºANO
E	M	16	7.ºANO
F	M	15	7.ºANO
G	M	16	8.ºANO
H	F	15	7.ºANO
I	F	15	9.ºANO
J	M	15	7.ºANO

Quadro 4- Resultados do questionário de interesses e aptidões profissionais dos alunos com dificuldades intelectuais: “Quanto Gosto?”

Actividades	Grau de preferência dos alunos:					Total de alunos
	“Gosto muito”	“Gosto em parte”	“é-me indiferente”	“desagrada-me em parte”	“desagrada-me muito”	
1-Sair numa excursão (visitar terras, museus, parques naturais).	6	1	3	0	0	10
2-Armar ou desarmar objectos mecânicos.	3	2	2	1	2	10
3- Desenhar e pintar.	4	1	3	1	1	10
4-Cantar num grupo coral.	1	0	2	3	4	10
5-Cuidar de crianças.	4	2	1	1	2	10
6- Cuidar de idosos.	1	2	3	1	3	10
7- Ser membro de um conjunto musical.	4	1	1	0	4	10
8-Construir objectos de madeira.	2	3	2	0	3	10
9-Aprender a classificar e arquivar documentos.	2	2	3	1	2	10
10-Reparar as avarias dos electrodomésticos ou das instalações eléctricas.	4	1	2	0	3	10
11-Tentar perceber o funcionamento de um relógio electrónico ou de um brinquedo electrónico.	2	2	3	0	3	10
12-Trabalhar num bar.	6	1	1	0	2	10
13-Trabalhar numa cozinha de restaurante.	2	2	3	2	1	10
14-Modelar em barro.	3	2	3	1	1	10
15-Representar um papel numa peça de teatro.	3	4	1	1	1	10
16- Desenhar o vestuário para uma representação teatral ou para uma passagem de modelos.	2	3	3	0	2	10
17-Ser locutor de rádio.	2	2	3	1	2	10
18-Viver fora da cidade, fazer campismo e outras actividades de ar livre.	2	2	3	2	1	10
19-Escutar música moderna ou clássica.	2	3	4	0	1	10
20-Conhecer e cuidar das plantas.	1	4	2	2	1	10
21-Plantar árvores ou colher frutos numa herdade, em férias.	2	3	1	0	4	10
22-Criar ou tratar de animais numa quinta, nas férias.	3	3	2	0	2	10
23-Aprender a tocar um instrumento musical.	3	3	2	1	1	10
24-Aprender a funcionar com os principais programas do computador.	3	1	4	2	0	10
25-Manejar ferramentas e maquinaria.	2	4	2	0	2	10
26-Ser membro de uma associação musical.	2	2	4	1	1	10

27-Ser mecânico numa grande oficina.	4	2	1	0	3	10
28-Praticar desportos em recinto aberto, como actividade de lazer.	4	1	4	0	1	10
29-Ordenar e classificar os livros de uma biblioteca.	3	1	3	0	3	10

Quadro 5 – Resultados do questionário de interesses e aptidões profissionais dos alunos com dificuldades intelectuais: “**Lista de actividades nas quais o aluno tenha tido alguma experiência pessoal.**”

Actividades	Grau de aptidão para o desempenho das actividades em questão:				
	Incapaz para a actividade	Medianamente apto	Bastante apto	Muito apto	Total de alunos
1-Encarregar-se de uma exposição escolar.	3	2	4	1	10
2-Escrever contos, histórias juvenis.	2	4	3	1	10
3-Ler revistas e livros.	1	1	3	5	10
4-Para escrever composições ou artigos para um jornal?	0	5	3	2	10
5-Para tirar fotografias de qualidade?	1	3	3	3	10
6-Para escrever contos, narrativas, histórias?	1	2	5	2	10
7-Para fazer traçados geométricos com régua e esquadro?	1	4	4	1	10
8-Para ouvir os outros quando estão com problemas?	1	4	1	4	10
9-Para aprender a usar o computador?	1	3	3	3	10
10-Para montar e desmontar brinquedos complicados?	1	2	5	2	10
11-Para arrumar e meter em ordem os papéis?	0	4	5	1	10
12-Para ser um membro activo de um clube ou associação?	1	3	3	3	10
13-Para fazer jogos de palavras, trocadilhos, etc.?	0	5	3	2	10
14-Para modelar barro, plasticina, etc?	1	2	5	2	10
15-Para inventar e realizar um cenário de teatro?	1	4	3	2	10
16-Para desenhar casas, objectos, pessoas?	2	2	4	2	10
17-Para inventar e criar roupa?	1	2	5	2	10
18-Para vender objectos?	1	4	4	1	10
19-Para armar e compor objectos mecânicos?	1	3	5	1	10
20-Para perceber o funcionamento de certos mecanismos como motores, relógios, etc.?	1	3	5	1	10

21-Para tocar um instrumento musical?	0	3	3	4	10
22-Para manejar ferramentas como martelo, serrote, berbequim?	2	2	5	1	10
23-Para perceber que alguém desafina quando canta?	0	3	4	3	10
24-Para distinguir os diferentes instrumentos numa música?	0	2	6	2	10
25-Para tratar de alguém doente?	0	3	6	1	10
26-Para trabalhar com ferramentas como chave-inglesa etc. na reparação de um motor?	1	3	4	2	10
27-Para cantar?	3	1	6	0	10
28-Para colaborar com os teus colegas em trabalho de grupo?	1	4	3	2	10
29-Para cortar, coser, tecer, forrar um sofá?	0	4	3	2	9 (um aluno não respondeu)
(um aluno não respondeu)					
30-Para reparar uma tomada de corrente ou um interruptor?	2	3	5	0	10
31- Para ordenar e classificar papéis, correspondência ou documentos?	1	3	4	2	10

Quadro 6 - Resultados do questionário de interesses e aptidões profissionais dos alunos com dificuldades intelectuais: questão aberta – “**Quais os sonhos que gostarias de ver realizados no futuro?**”

Categoria	Sub- Categoria	Indicadores	Sujeitos
Sonhos para o futuro	Exercício de uma profissão (com crianças, empresário, bombeiro, mecânico, jogador de ténis de mesa, futebolista, forçado amador), - Viajar; - Possuir bens/riqueza; - Sucesso académico;	“ o meu sonho é trabalhar com crianças”.	s A
		“Gostava de tomar conta de crianças”.	s H
		“Ser rico e ter muitos carros e motos”.	s B
		“Ter muito dinheiro com uma empresa de motores”.	s F
		“Um dos meus sonhos que gostaria ver realizado era tornar-me um jogador profissional de ténis de mesa”.	s C
		“Os sonhos que gostaria de realizar era ir a Paris à Disney”.	s D
		“ Ser forçado amador de Alcochete, ter uma família, gostava também de ser jogador de futebol do Benfica”.	s E
		“ Eu gostava muito de ser bombeiro e mecânico”.	s G
		“ Ter um emprego, que os meus pais se juntassem novamente, passar todos os anos de ano e ter boa nota nos exames”.	s I
“Ter uma boa vida”	s J; s B; s F.		

Quadro 7- Planificação com proposta de actividades para integração na transição para a vida activa.

Objectivos Gerais	Objectivos Específicos	Actividades/Est ratégias	Local	Recursos	Tempo	Avaliação
Proporcionar aos jovens o acesso ao conhecimento de novos locais histórico/culturais	<p>Utilizar as tecnologias de informação e comunicação;</p> <p>Consultar outras fontes de informação;</p> <p>Desenvolver a capacidade de pesquisa , organização e selecção da informação;</p> <p>Desenvolver a capacidade de escolha;</p> <p>Adquirir o gosto pela cultura de cada região,</p> <p>Identificar as diferenças entre cada local de visita.</p>	<p>Pesquisar na internet, livros e panfletos de locais de interesse;</p> <p>“Sair numa excursão (visitar terras, museus, parques naturais)”;</p> <p>Elaborar um portefólio com fotos dos locais visitados.</p>	Posto de Turismo de Vila Viçosa;	<p>Computador com ligação à internet;</p> <p>Livros;</p> <p>Panfletos ;</p> <p>Meio de transporte terrestre;</p> <p>Máquina fotográfica;</p>	No decorrer do ano lectivo	<p>Observação directa;</p> <p>Participação nas actividades;</p> <p>Grelhas de observação individual;</p>

Objectivos Gerais	Objectivos Específicos	Actividades/Estratégias	Local	Recursos	Tempo	Avaliação
Proporcionar aprendizagens relacionadas com a actividade laboral de um bar.	<p>Conhecer o horário de funcionamento básico do bar;</p> <p>Conhecer os diferentes produtos de venda do bar;</p> <p>Saber anotar a encomenda;</p> <p>Conhecer as formas de servir/transportar os produtos utilizados no bar;</p>	<p>“Trabalhar num bar”;</p> <p>O aluno deverá vestir-se de forma apropriada, de acordo com as regras do bar;</p> <p>O aluno deverá ser capaz de manusear e transportar os materiais limpos e sujos, bem como os produtos alimentícios;</p> <p>Deverá reconhecer ed saber anotar as encomendas dos clientes.</p> <p>Deverá saber servir sumos, águas, cafés chás e bebidas alcoólicas nos respectivos recipientes.</p> <p>Deverá saber servir tostas, torradas, bolos, sandes e salgados.</p>	“Carlos PUB”	<p>Copos; Chávenas;</p> <p>Pratos;</p> <p>Talheres;</p> <p>Panos;</p> <p>Guardanapos;</p> <p>Avental;</p> <p>Mesas;</p> <p>Cadeira;</p> <p>Arca frigorífica;</p> <p>Tostadeira;</p> <p>Torradeira;</p> <p>Máquina de café;</p> <p>microondas.</p>	No decorrer do ano lectivo	<p>Observação directa;</p> <p>Participação nas actividades;</p> <p>Grelhas de observação individual;</p>

Objectivos Gerais	Objectivos Específicos	Actividades/ Estratégias	Local	Recursos	Tempo	Avaliação
Desenvolver o gosto pela aprendizagem do desenho e da pintura.	<p>Reconhecer o desenho e a pintura como uma forma de comunicação;</p> <p>Seleccionar diferentes materiais, tendo em conta as suas qualidades para aplicar;</p> <p>Relacionar e adequar a forma/ função;</p> <p>Identificar as cores primárias, sabendo conjuga-las para fazer as restantes cores;</p> <p>Conhecer a origem dos diferentes materiais básicos;</p> <p>Seleccionar e aplicar os materiais tendo em conta as suas qualidades expressivas e estéticas;</p> <p>Criar objectos, usando a sua criatividade;</p>	<p>“ Desenhar e pintar”;</p> <p>Comunicar através do desenho;</p> <p>Realizar trabalhos com materiais, formas e funções diferentes;</p>	Atelier de Cerâmica de Vila Viçosa	<p>Folhas de papel,</p> <p>Cerâmica;</p> <p>Vidro;</p> <p>Tecido;</p> <p>Tintas;</p> <p>Pinceis;</p> <p>Avental;</p> <p>Panos;</p> <p>Água.</p>	No decorrer do ano lectivo	<p>Observação directa;</p> <p>Participação nas actividades;</p> <p>Grelhas de observação individual;</p>

Objectivos Gerais	Objectivos Específicos	Actividades/ Estratégias	Local	Recursos	Tempo	Avaliação
Desenvolver o gosto e a aprendizagem musical.	<p>Proporcionar a interacção social, possibilitando brincar com instrumentos musicais ou fazer ruídos sem palavras.</p> <p>Aprender sons e melodias.</p> <p>Possibilitar a interacção social, uma vez que imitam músicas ou sons uns dos outros.</p> <p>Promover a estimulação sensorial.</p>	<p>“Ser membro de um conjunto musical”.</p> <p>Identificar através do som diferentes instrumentos musicais;</p> <p>Desenvolver o espírito de grupo/equipa;</p>	Banda Filar mónica de Vila Viçosa	<p>Instrumentos musicais:</p> <p>Flauta;</p> <p>Tambor;</p> <p>Clarinete;</p> <p>Bateria,</p> <p>Pratos,</p> <p>Trompete;</p> <p>Bombo;</p> <p>Ferrinhos;</p> <p>Pandeireta ;</p> <p>Violino.</p>	No decorrer do ano lectivo	<p>Observação directa;</p> <p>Participação nas actividades;</p> <p>Grelhas de observação individual;</p>

Objectivos Gerais	Objectivos Específicos	Actividades/ Estratégias	Local	Recursos	Tempo	Avaliação
<p>Aprender a reparar avarias de electrodomésticos.</p>	<p>Identificar os diferentes electrodomésticos;</p> <p>Perceber a funcionalidade de cada electrodoméstico;</p> <p>Aprender a montar e desmontar os diferentes tipos de electrodomésticos;</p> <p>Conhecer os principais fios de ligação eléctrica: positivo, negativo e terra;</p> <p>Desenvolver a aprendizagem básica de ligação entre quadros da luz, tomadas e interruptores.</p>	<p>“Reparar as avarias dos electrodomésticos e das instalações eléctricas”;</p> <p>Desmontar e montar as peças básicas de cada electrodoméstico.</p> <p>Conhecer os principais fios de ligação de cada electrodoméstico;</p> <p>Executar instalações eléctricas simples.</p>	<p>J.A. Ramos Lda</p>	<p>Torradeira ;</p> <p>Varinha mágica;</p> <p>Batedeira;</p> <p>Ferro de engomar;</p> <p>Cafeteira;</p> <p>Faca eléctrica;</p> <p>Tostadeira ;</p>	<p>No decorrer do ano lectivo.</p>	<p>Observação directa;</p> <p>Participação nas actividades ;</p> <p>Grelhas de observação individual;</p>

Objectivos Gerais	Objectivos Específicos	Actividades/ Estratégias	Local	Recursos	Tempo	Avaliação
Aprender a desempenhar algumas das tarefas da profissão de mecânico.	Identificar as peças principais e básicas de automóveis e motociclos; Promover a aprendizagem de limpezas de um motor de automóvel e motociclo; Aprender a montar e desmontar motores.	“ Ser mecânico numa grande oficina de mecânica” Desmontar peças básicas de automóveis e motociclos, para que as consiga identificar e reconhecer. Saber utilizar os produtos adequados na limpeza de peças.	“Motores 45”	Automóvel; Motociclo; Produtos de limpeza de peças; Panos de limpeza;	No decorrer do ano lectivo.	Observação directa; Participação nas actividades; Grelhas de observação individual;

Objectivos Gerais	Objectivos Específicos	Actividades /Estratégias	Local	Recursos	Tempo	Avaliação
Saber comunicar, discutir e defender ideias próprias mobilizando adequadamente diferentes linguagens. Identificar, seleccionar e aplicar métodos de trabalho. Responsabilizar-se por realizar integralmente uma	Desenvolver as capacidades motoras condicionais e coordenativas ;	“Praticar desportos em recinto aberto, como actividade de lazer”; Atletismo: Corrida de resistência Velocidade/ estafetas Salto em altura Desportos	Calipolense	Pista de atletismo Campo de areia Campo de futebol Bola de futebol Equipam	No decorrer do ano lectivo.	Observação directa; Participação nas actividades; Grelhas de observação individual;

<p>tarafa</p> <p>Manifestar sentido de responsabilidade, de flexibilidade e de respeito pelo seu trabalho e pelo dos outros</p> <p>Estabelecer e respeitar regras para o uso colectivo de espaços</p>	<p>Aprender os processos de desenvolvimento e manutenção da Condição Física</p>	<p>colectivos:</p> <p>Futebol</p> <p>Basquetebol</p> <p>Andebol</p> <p>Patinagem</p> <p>Dança</p>		<p>ento desportivo</p> <p>Campo de Basquetebol</p> <p>Bola de Basquetebol</p> <p>Campo de Andebol</p> <p>Bola de Andebol</p> <p>Patins</p> <p>Aparelhagem de música</p>		
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

Objectivos Gerais	Objectivos Específicos	Actividades/ Estratégias	Local	Recursos	Tempo	Avaliação
<p>O indivíduo e o Grupo</p> <p>Sensações e Emoções</p>	<p>Desenvolver uma relação de pertença e de autonomia no seio do grupo.</p> <p>Conhecer o próprio. Conhecer o outro. Criar uma relação de grupo constituída com base na: cumplicidade, partilha, respeito, tolerância, disponibilidade, autonomia individual. Desenvolver métodos e técnicas de trabalho individual e em grupo que contribuam para a construção autónoma das</p>	<p>“Representar um papel numa peça de teatro”.</p> <p>Realizar actividades, jogos e exercícios em que o aluno possa:</p> <p>Experimentar activamente com os outros elementos do grupo as noções de confiança e inter-ajuda; Partilhar com o grupo sensações,</p>	<p>Grupo de Teatro Amador de Vila Viçosa</p>	<p>Mesa de som</p> <p>Luz/Projectores</p> <p>Panos</p> <p>Máscaras</p> <p>Objectos variados</p> <p>Maquilhagem</p> <p>Figurinos</p> <p>Cartolinas</p>	<p>No decorrer do ano lectivo.</p>	<p>Observação directa;</p> <p>Participação nas actividades;</p> <p>Grelhas de observação individual;</p>

<p>Capacitar a percepção: auditiva, visual, olfactiva, gustativa, táctil.</p> <p>Utilizar a memória afectiva e sensorial.</p> <p>Expressão emotiva.</p> <p>Desenvolver a capacidade de concentração</p> <p>Exercitar a improvisação e a dramatização.</p> <p>Promover a criatividade dramática através do desenvolvimento da disponibilidade, espontaneidade, desinibição.</p> <p>Criar a fábula e ficção dramática.</p> <p>Aprender a construir uma personagem.</p> <p>Aprender a combinar da utilização dos vários elementos expressivos (corpo, voz, espaço e tempo)</p>	<p>aprendizagens</p> <p>Reviver pela memória sensorial e afectiva, sensações e emoções ligadas a experiências vividas.</p> <p>Dar forma corporal, sonora, plástica, gráfica ou escrita a estas memórias.</p> <p>Promover actividades que permitam ao aluno:</p> <p>Improvisar livremente.</p> <p>Improvisar sobre tema.</p> <p>Improvisar a partir da utilização de diversos indutores (som, imagem, texto, objectos).</p>	<p>emoções e ideias nascidas ou expressas no decorrer da actividade em grupo;</p> <p>Reflectir oral e colectivamente no final da sessão ou após alguns exercícios em concreto;</p> <p>Definir e incorporar as regras gerais da comunicação e interacção com o outro.</p> <p>Averiguar regras básicas de convivência e de respeito pelos outros.</p>		<p>Jornais Creme Nívea Lãs</p> <p>Tecidos Canas</p> <p>Media teca</p> <p>Projectos interdisciplinares Visitas de estudo Teatro</p> <p>Marionetas</p>		
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

no sentido de lhes dar uma intenção e significado.						
----------------------------------------------------	--	--	--	--	--	--

Objectivos Gerais	Objectivos Específicos	Actividades/Estratégias	Local	Recursos	Tempo	Avaliação
<p>Conhecer a constituição de uma horta;</p> <p>Conhecer diferentes plantas a cultivar na horta;</p>	<p>Conhecer os diversos tipos de plantas;</p> <p>Aprender a cultivar/colher as plantas;</p> <p>Saber tratar das plantas;</p>	<p>“Conhecer e cuidar das plantas”;</p> <p>Cuidar da terra, para que fique apta ao cultivo;</p> <p>Plantar hortaliças de acordo com a região e época do ano e o espaçamento necessário para o seu desenvolvimento;</p> <p>Realizar a colheita das plantas na altura certa;</p> <p>Utilizar o sistema de rega apropriado;</p> <p>Limpar a horta das ervas daninhas;</p> <p>Repor o adubo a cada colheita;</p> <p>Armazenar e preparar hortaliças;</p> <p>Fazer a higiene ao preparar das hortaliças.</p>	Terreno da Câmara Municipal.	<p>Terreno plano, com terra fofa, e boa luminosidade e voltado para nascente;</p> <p>Água para irrigação;</p> <p>Sistema de drenagem;</p> <p>Enxada;</p> <p>Enxadão;</p> <p>Regador;</p> <p>Ancinho;</p> <p>Sacho;</p> <p>Adubo natural,</p> <p>Carrinho de mão.</p>	No decorrer do ano lectivo.	<p>Observação directa;</p> <p>Participação nas actividades;</p> <p>Grelhas de observação individual;</p>

Anexos - Gráficos

Gráfico 1- Faixa etária dos alunos.



Gráfico 2- Quantitativo de alunos por género.

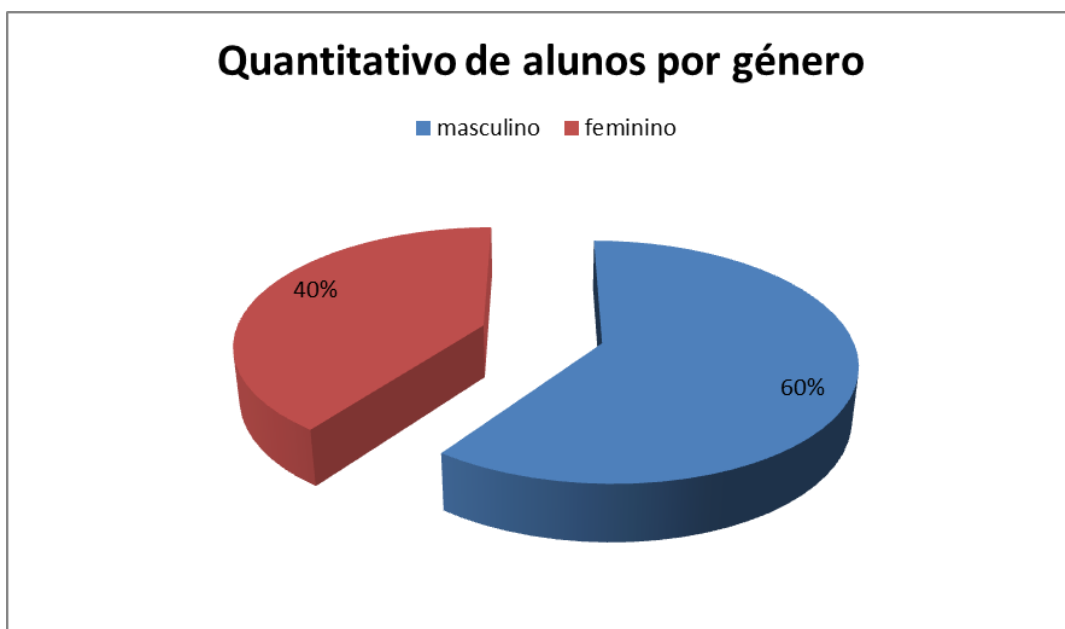
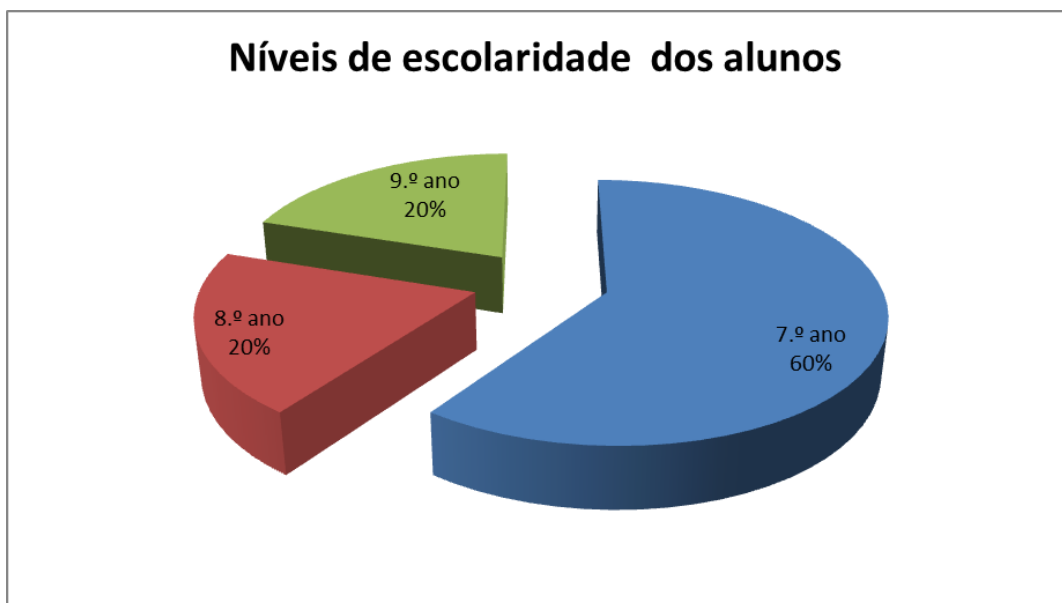


Gráfico 3- Níveis de escolaridade dos alunos.



Análise Gráfica.

- Análise aos interesses e aptidões profissionais dos alunos com dificuldades intelectuais, com base no questionário preenchido pelos alunos inquiridos e com o apoio na análise do quadro 4.

Gráfico 4: Níveis de interesse relativamente ao item 1 “Sair numa excursão”.

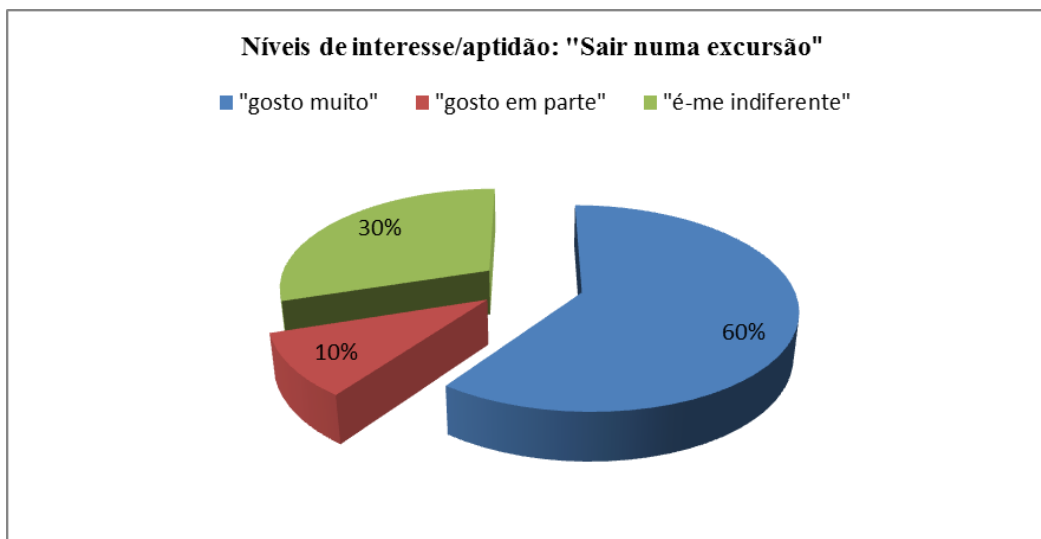


Gráfico 5: Níveis de interesse/aptidão dos alunos: 2 “Armar ou desarmar objectos mecânicos”.

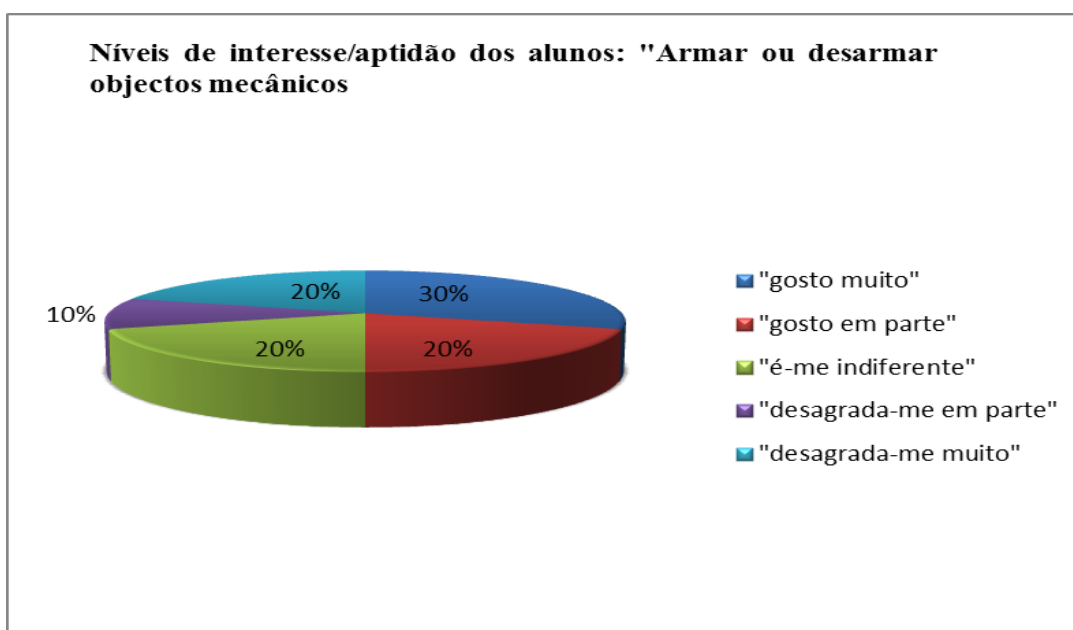


Gráfico 6: Níveis de interesse e aptidões dos alunos: 3 “Desenhar e pintar.”

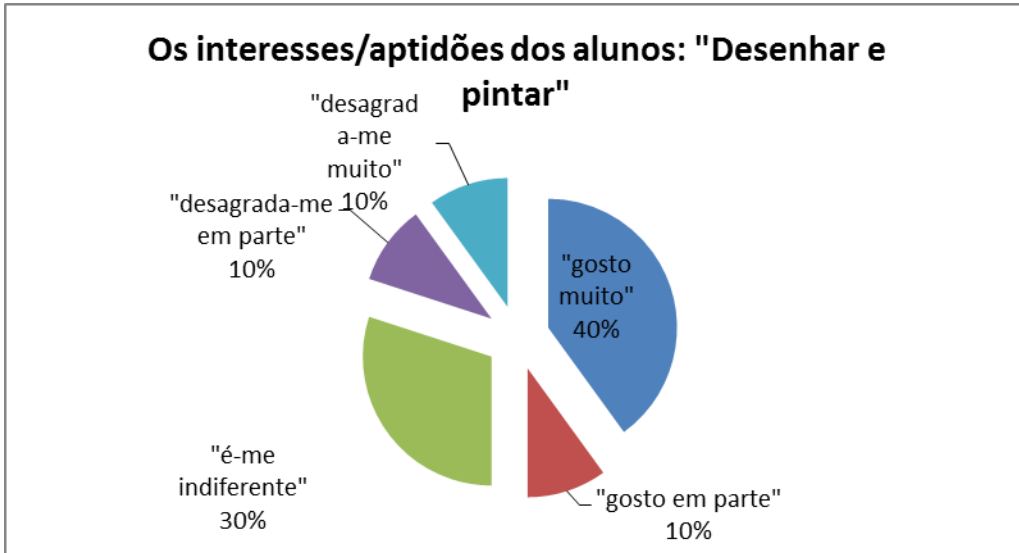


Gráfico 7: Níveis de interesse e aptidões dos alunos: 4 “Cantar num grupo coral.”

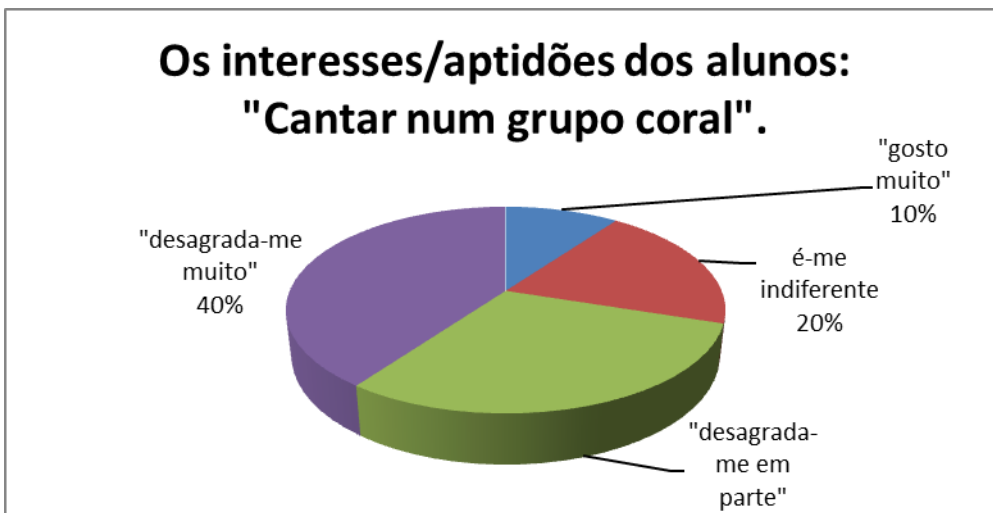


Gráfico 8: Níveis de interesse relativamente ao item 5 “Cuidar de crianças”.

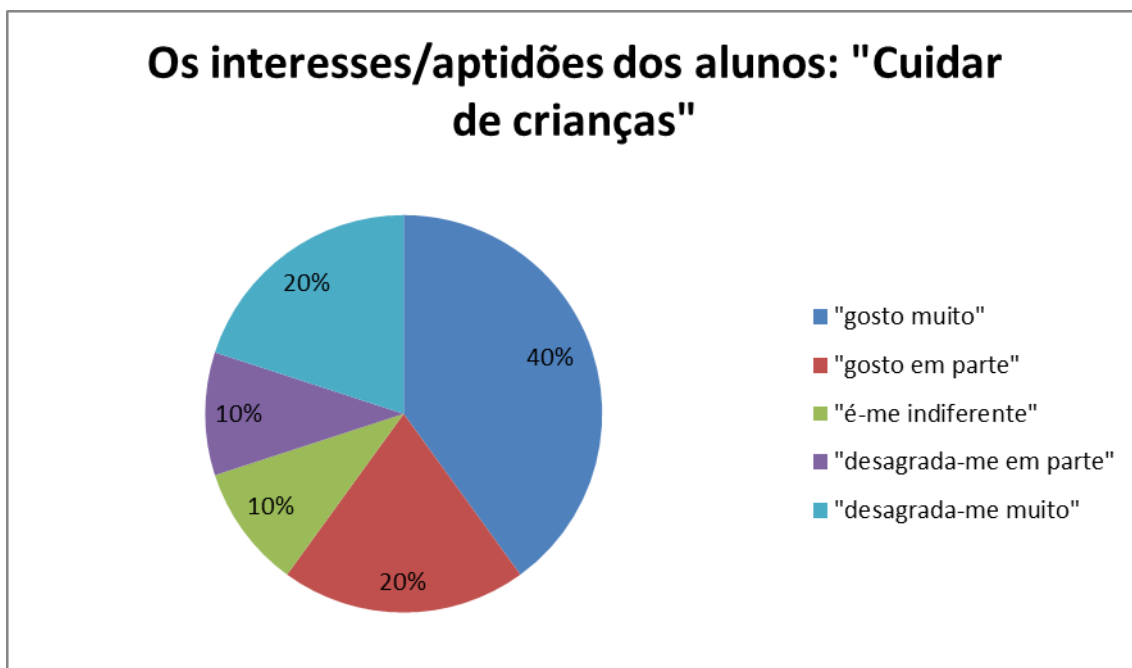


Gráfico 9: Níveis de interesse relativamente ao item 6 “Cuidar de idosos”.

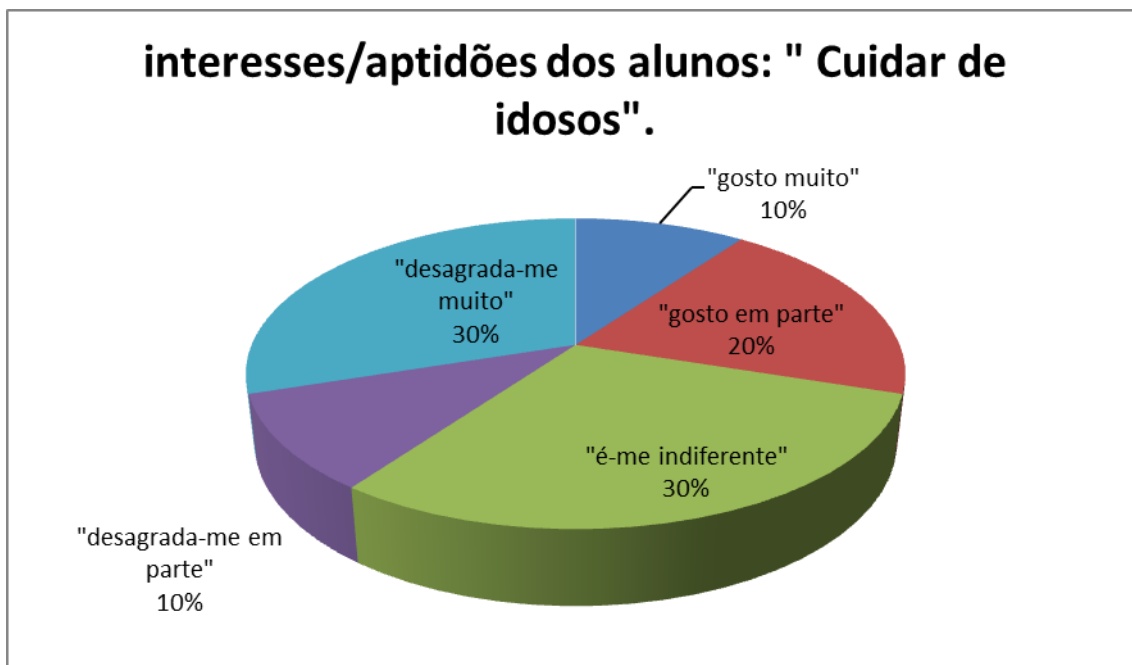


Gráfico 10: Níveis de interesse relativamente ao item 7 “Ser membro de um conjunto musical”.

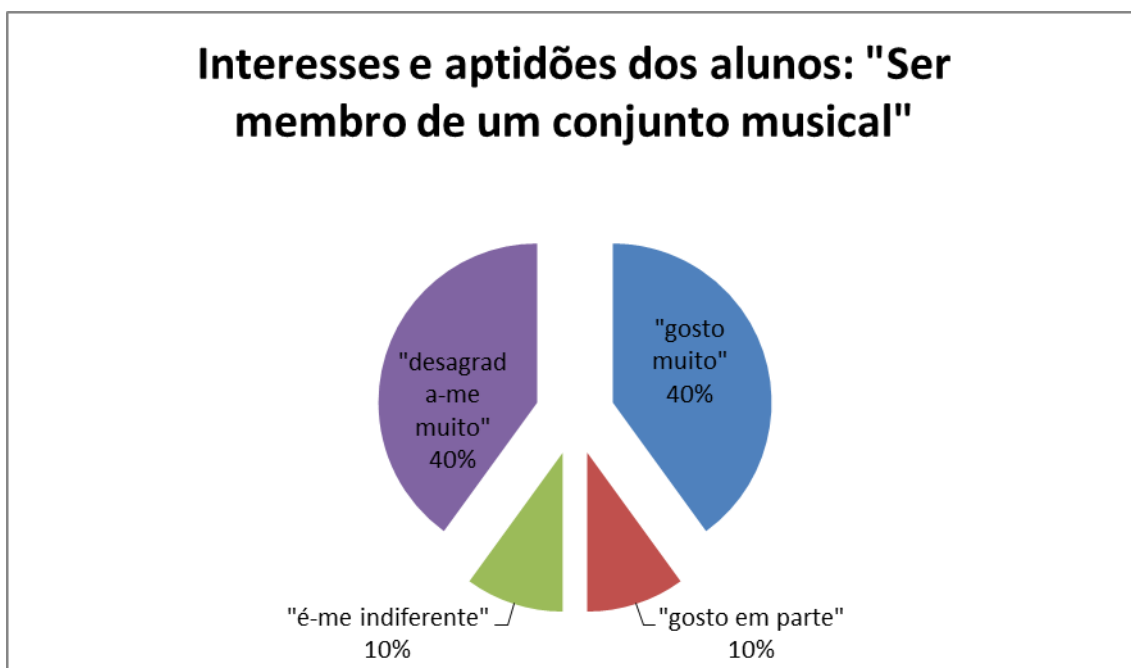


Gráfico 11: Níveis de interesse relativamente ao item 8 “Construir objectos de madeira”.

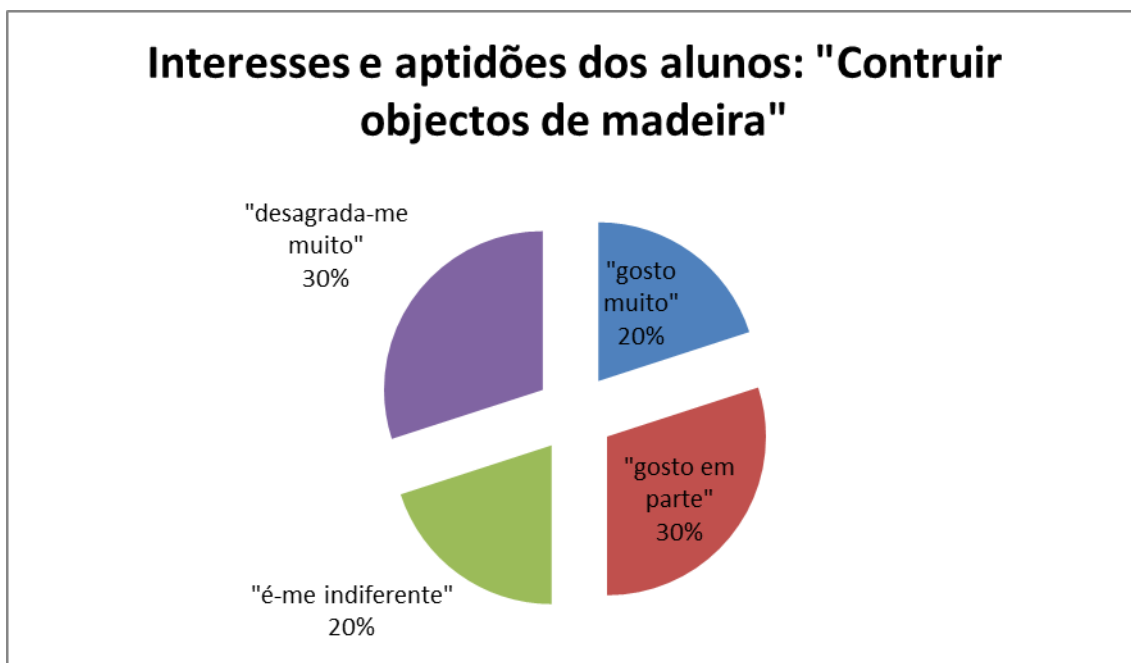


Gráfico 12: Níveis de interesse relativamente ao item 9 “Aprender a classificar e arquivar documento”.

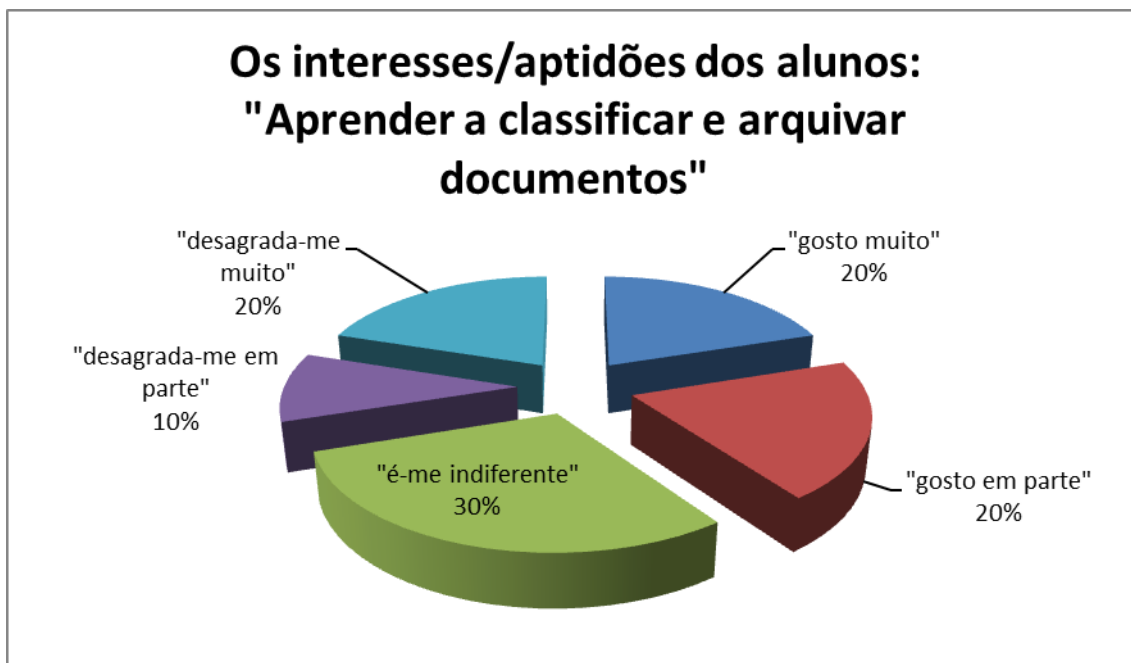


Gráfico 13: Níveis de interesse relativamente ao item 10 “Reparar as avarias dos electrodomésticos ou das instalações eléctricas”.

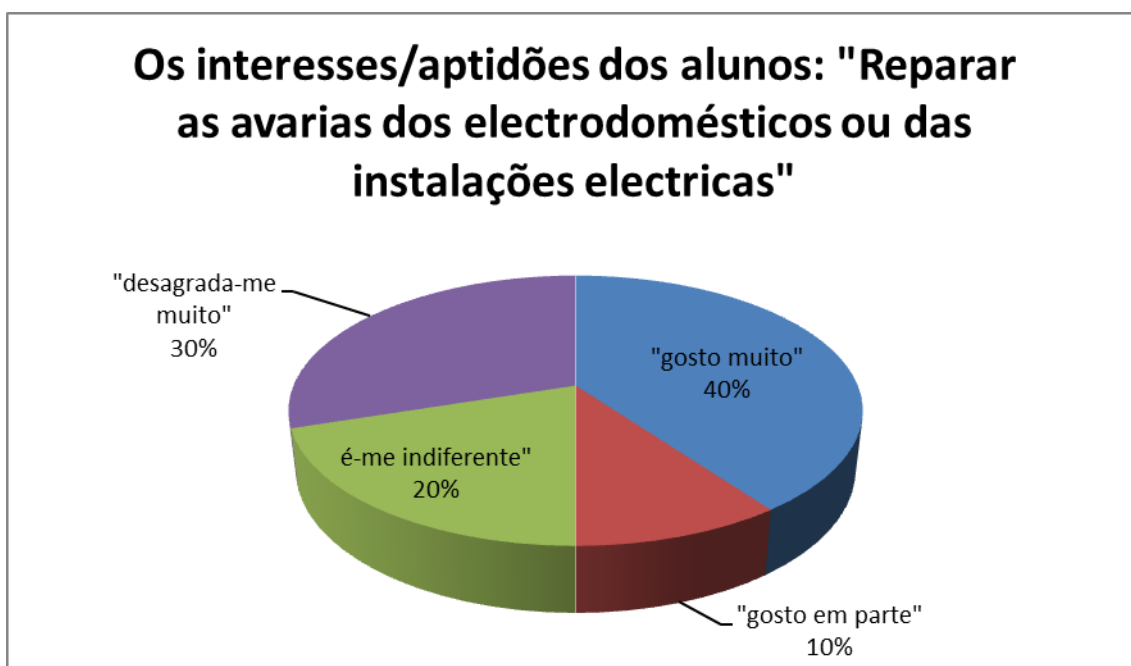


Gráfico 14: Níveis de interesse relativamente ao item 11 “Tentar perceber o funcionamento de um relógio electrónico ou de um brinquedo electrónico”.

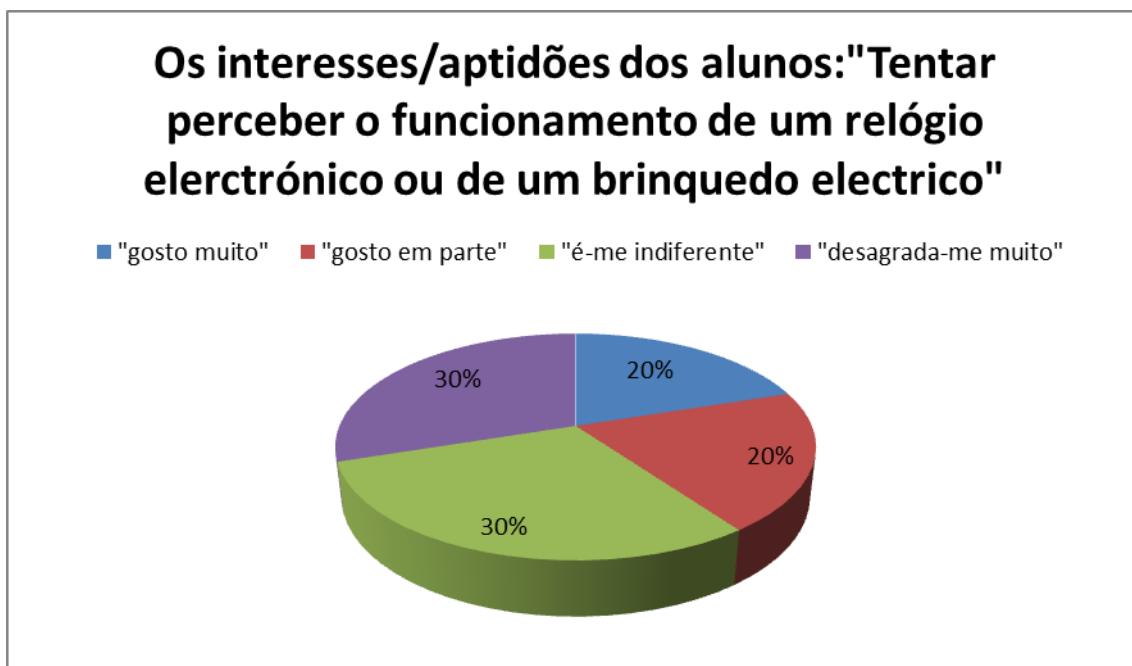


Gráfico 15: Níveis de interesse relativamente ao item 12 “Trabalhar num bar”.

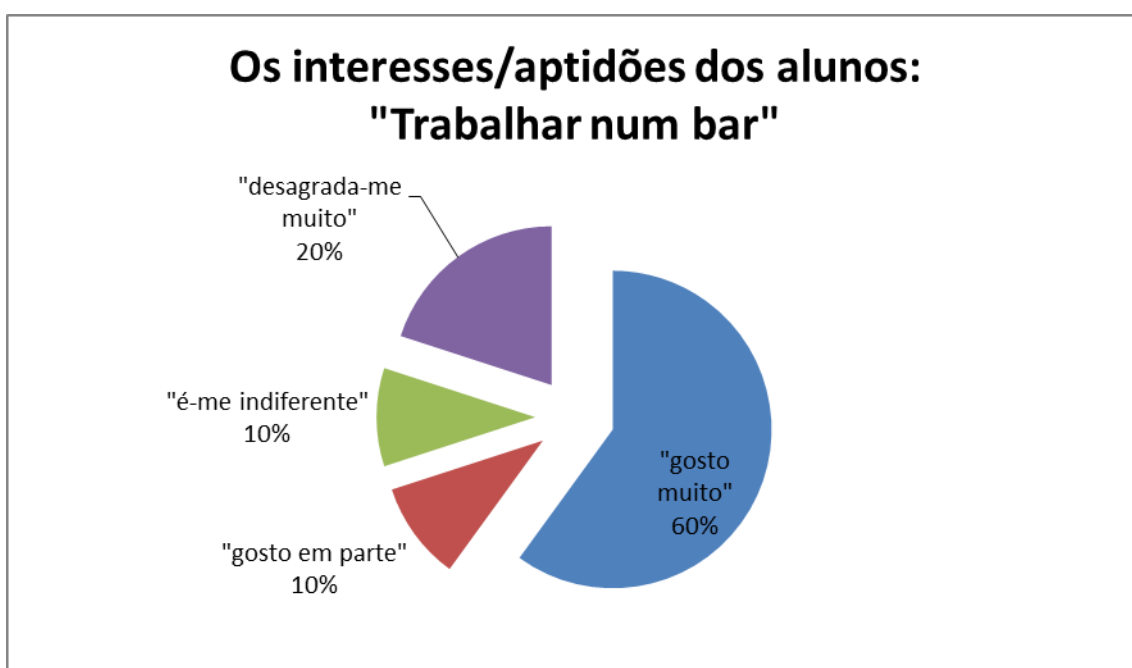


Gráfico 16: Níveis de interesse relativamente ao item 13 “Trabalhar numa cozinha de Restaurante”.

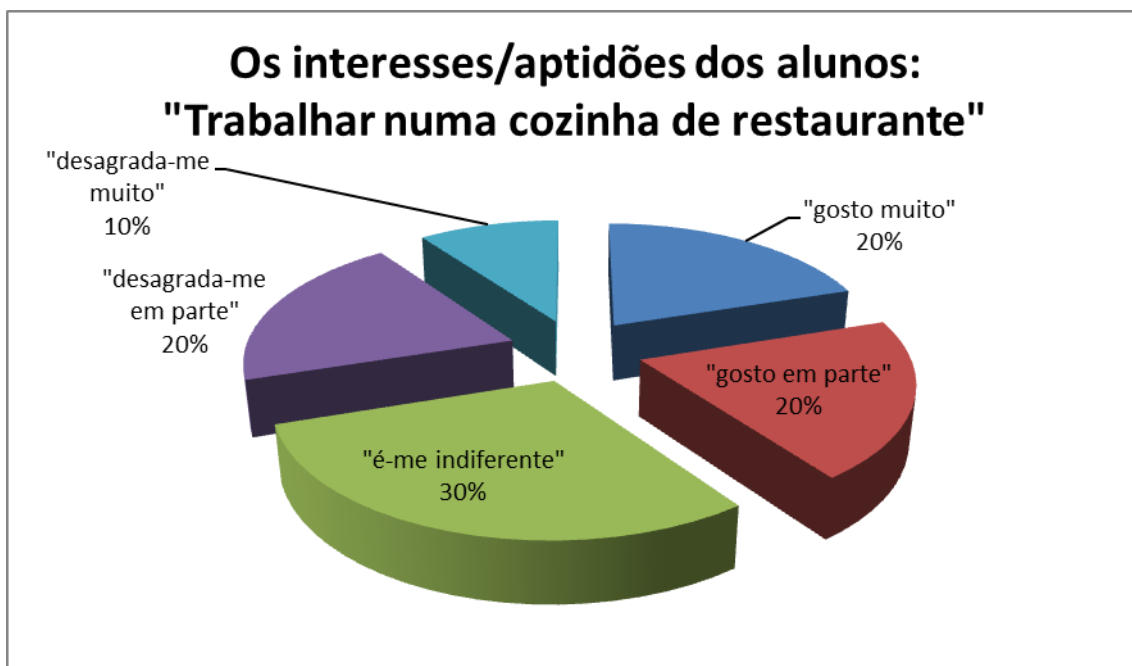


Gráfico 17: Níveis de interesse relativamente ao item 14 “Modelar em barro”.

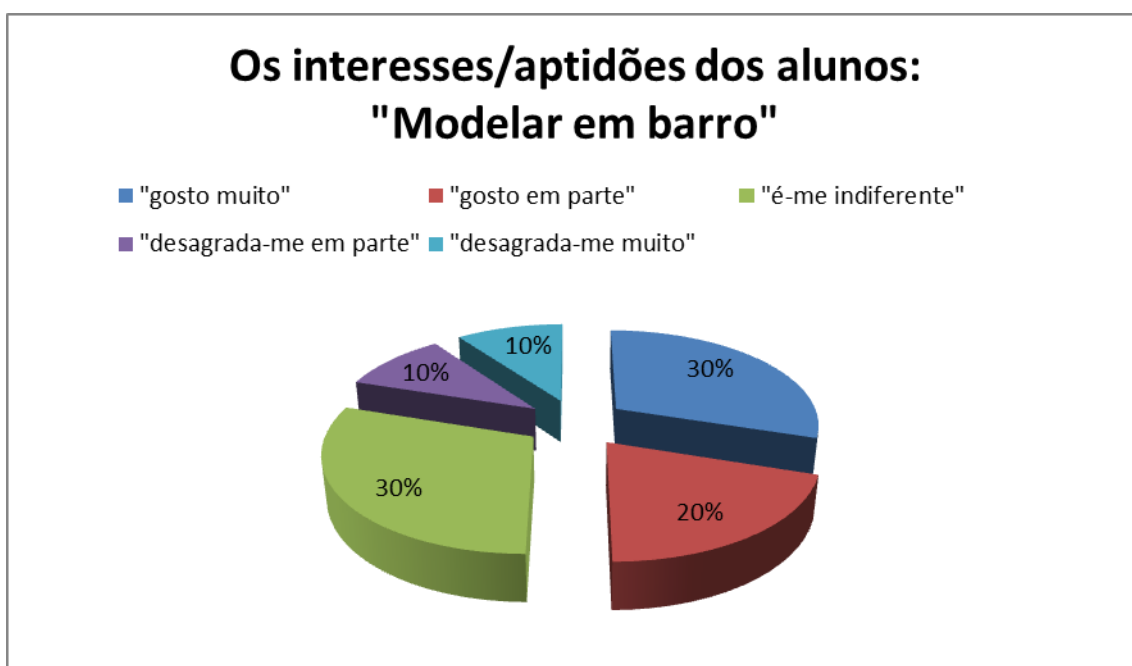


Gráfico 18: Níveis de interesse relativamente ao item 15 “Representar um papel numa peça de teatro”.

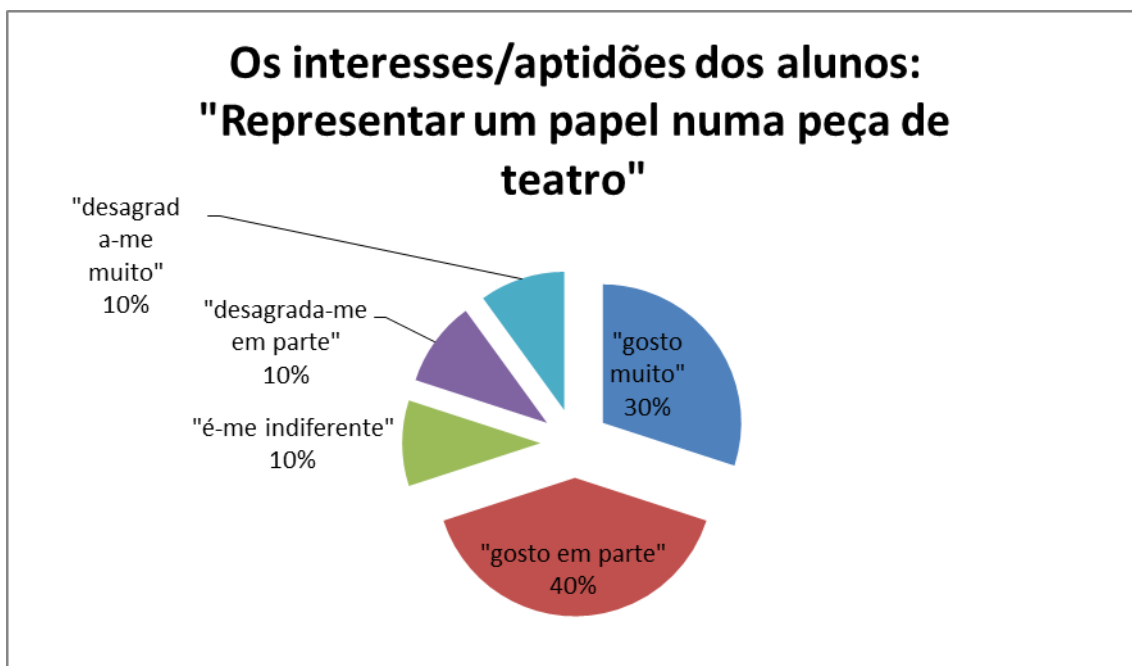


Gráfico 19: Níveis de interesse relativamente ao item 16 “Desenhar o vestuário para uma representação teatral ou para uma passagem de modelos”

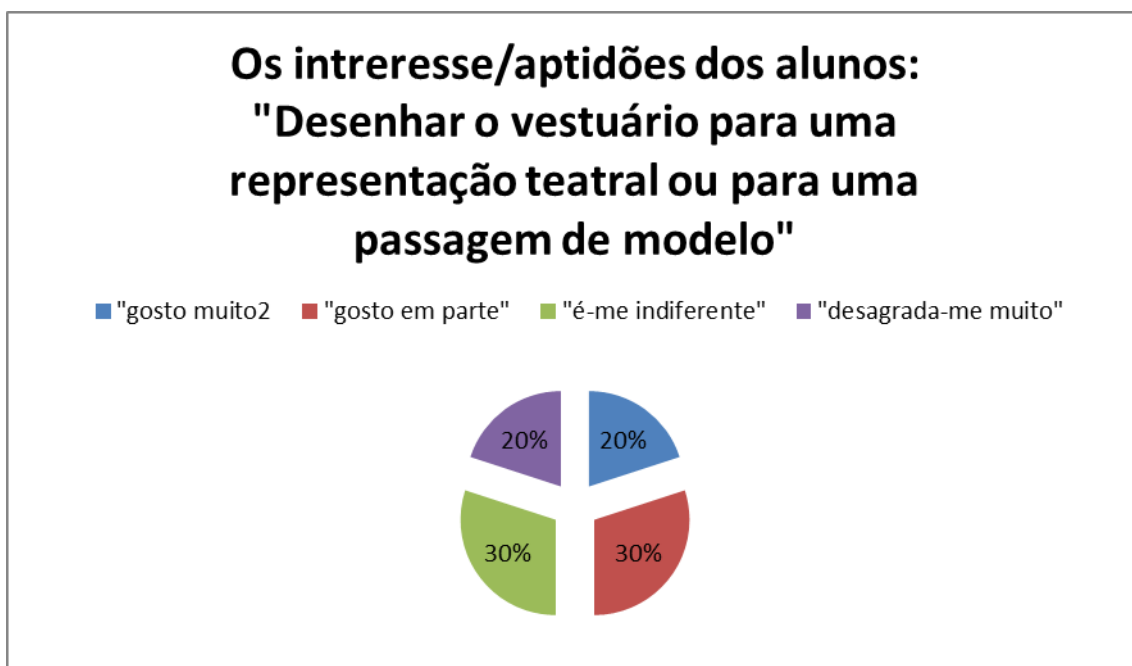


Gráfico 20: Níveis de interesse relativamente ao item 17 “Ser Locutor de rádio”

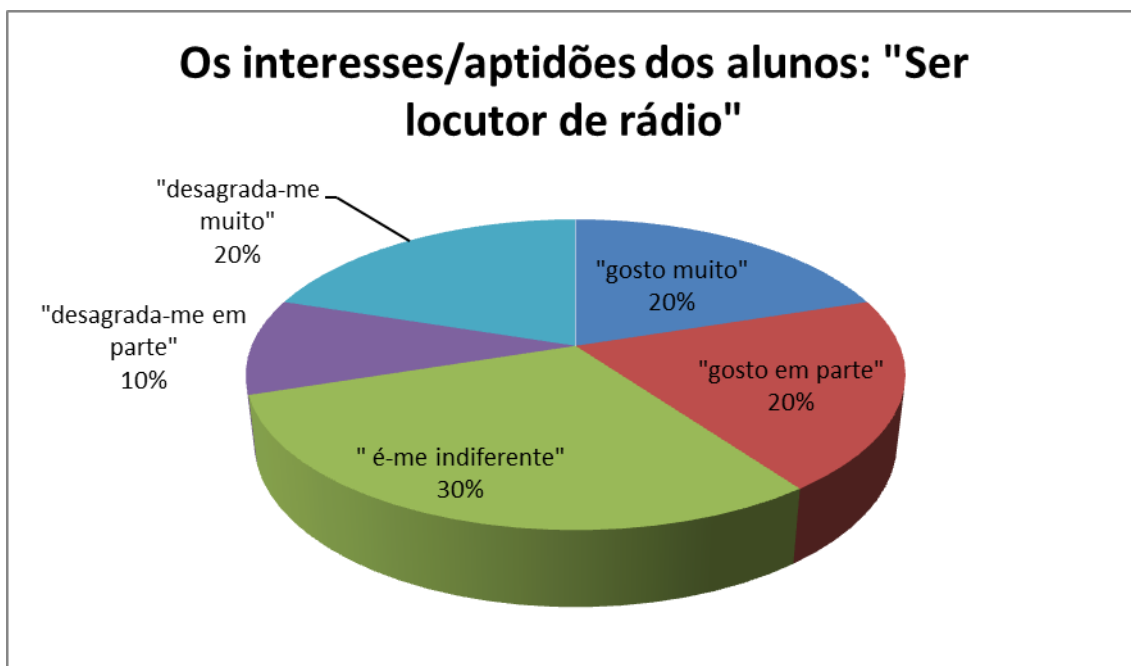


Gráfico 21: Níveis de interesse relativamente ao item 18 “Viver fora da cidade, fazer campismo e outras actividades de ar livre”



Gráfico 22: Níveis de interesse relativamente ao item 19 “Escutar música moderna ou clássica”

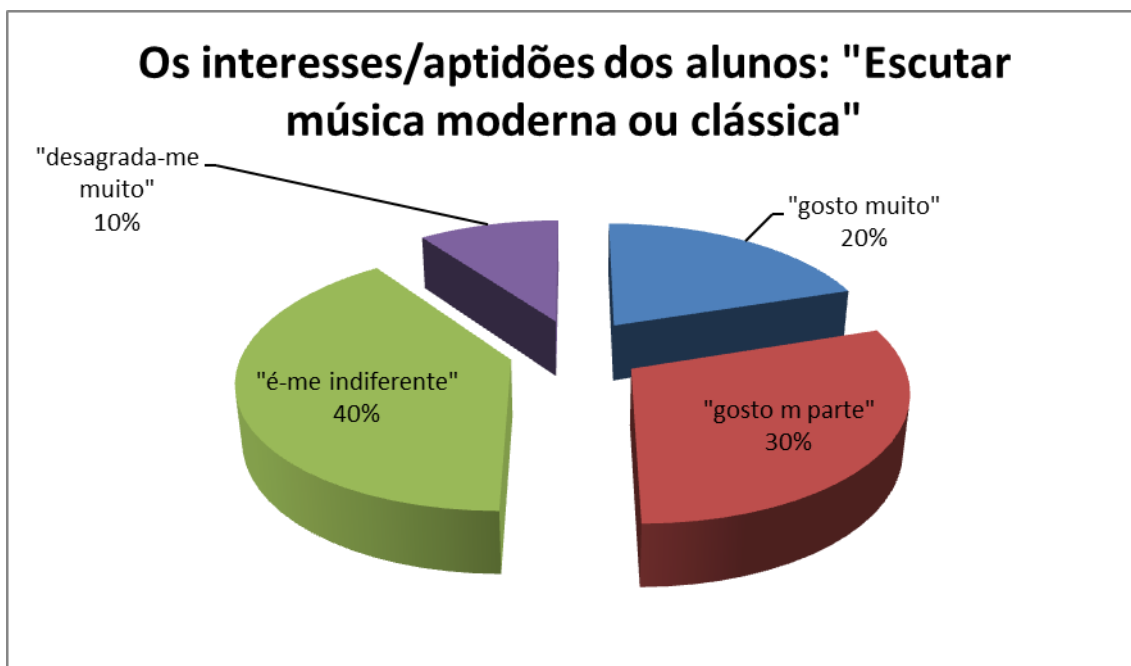


Gráfico 23: Níveis de interesse relativamente ao item 20 “Conhecer e cuidar das plantas”

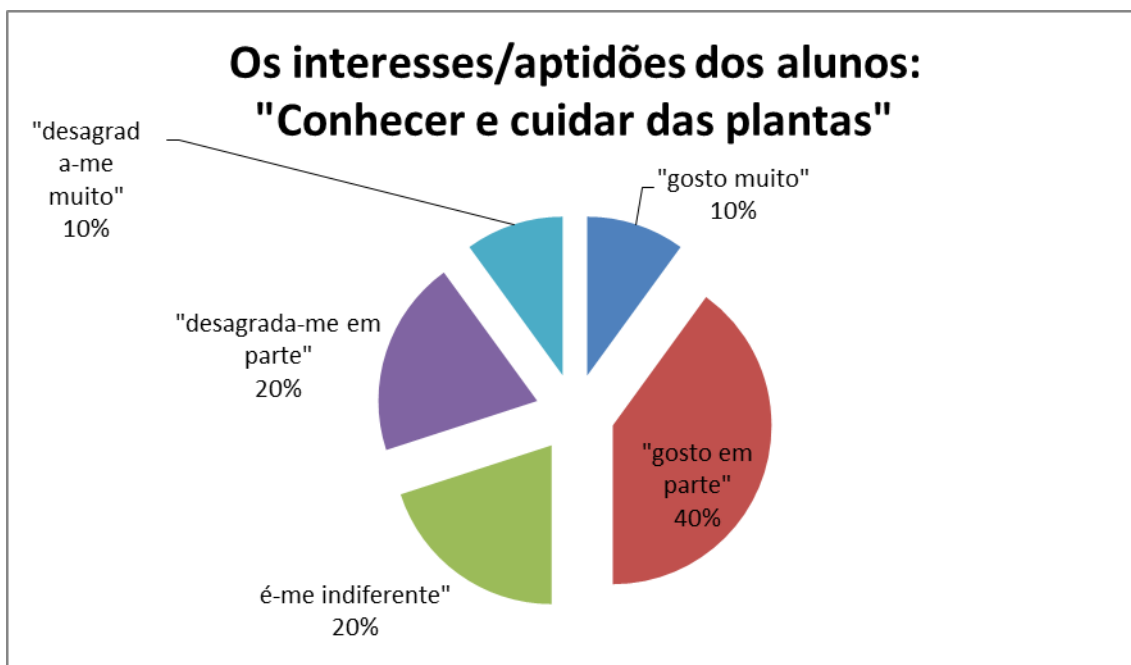


Gráfico 24: Níveis de interesse relativamente ao item 21 “Plantar árvores ou colher frutos numa herdade em férias”.

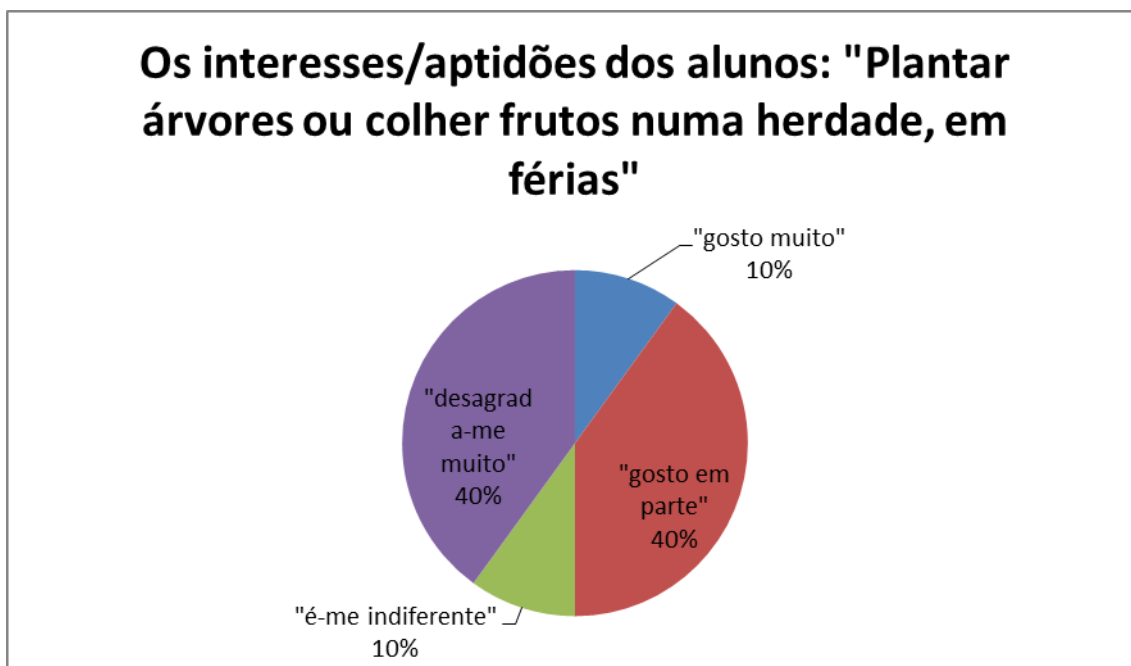


Gráfico 25: Níveis de interesse relativamente ao item 22 “Criar ou tratar de animais numa quinta, nas férias.”

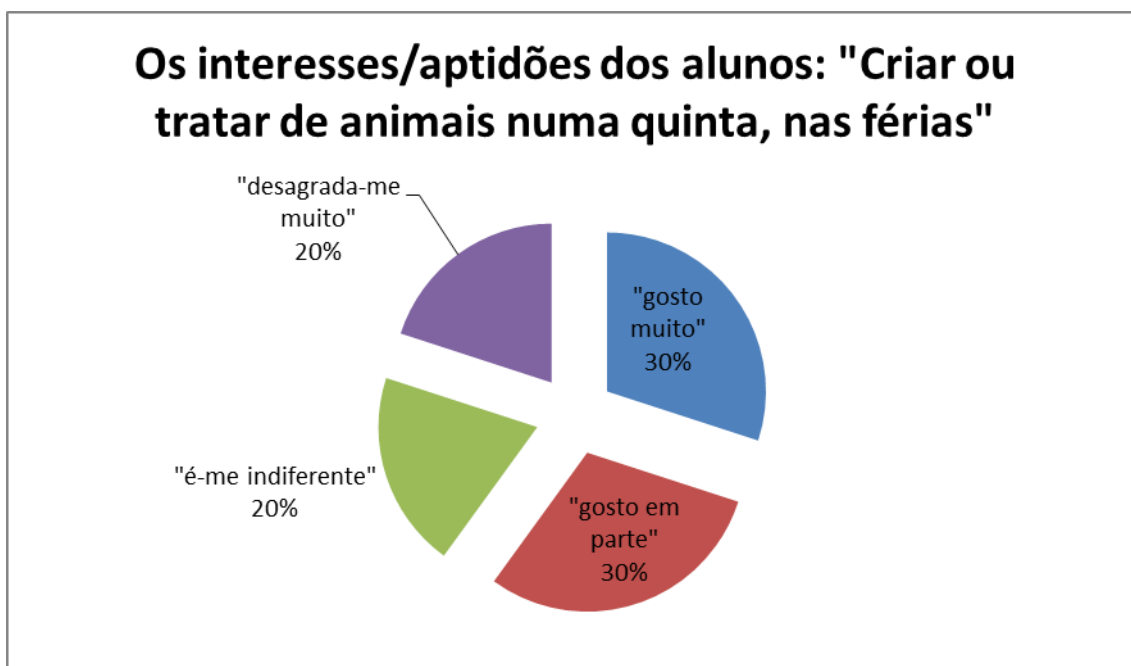


Gráfico 26: Níveis de interesse relativamente ao item 23 “Aprender a tocar um instrumento musical.”

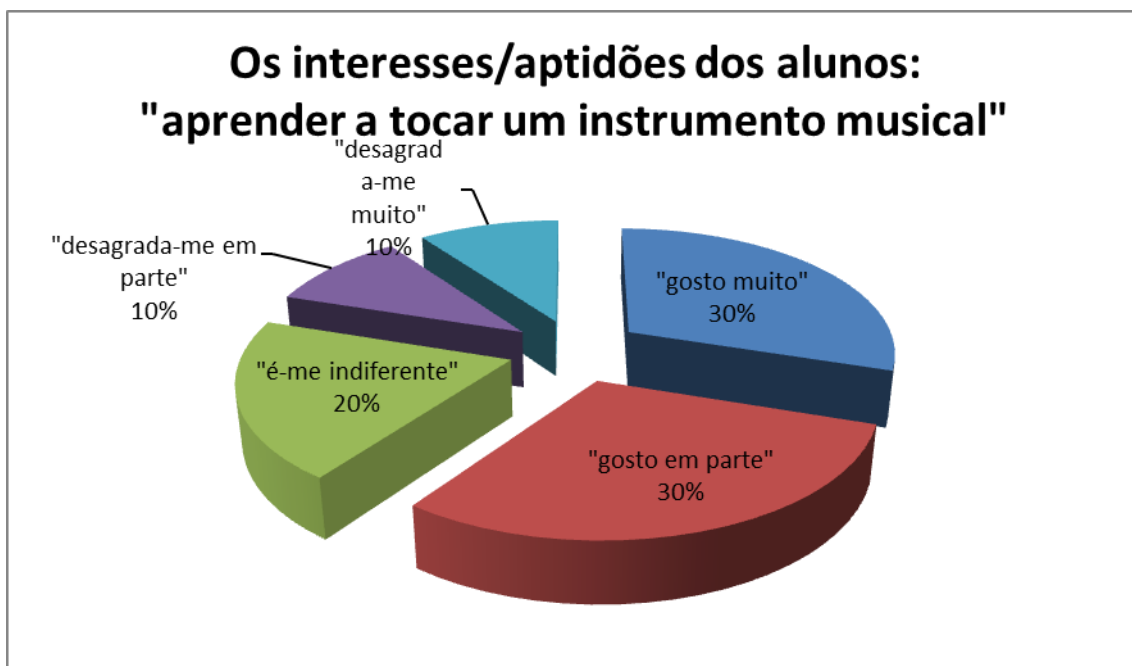


Gráfico 27: Níveis de interesse relativamente ao item 24 “Aprender a funcionar com os principais programas do computador.”

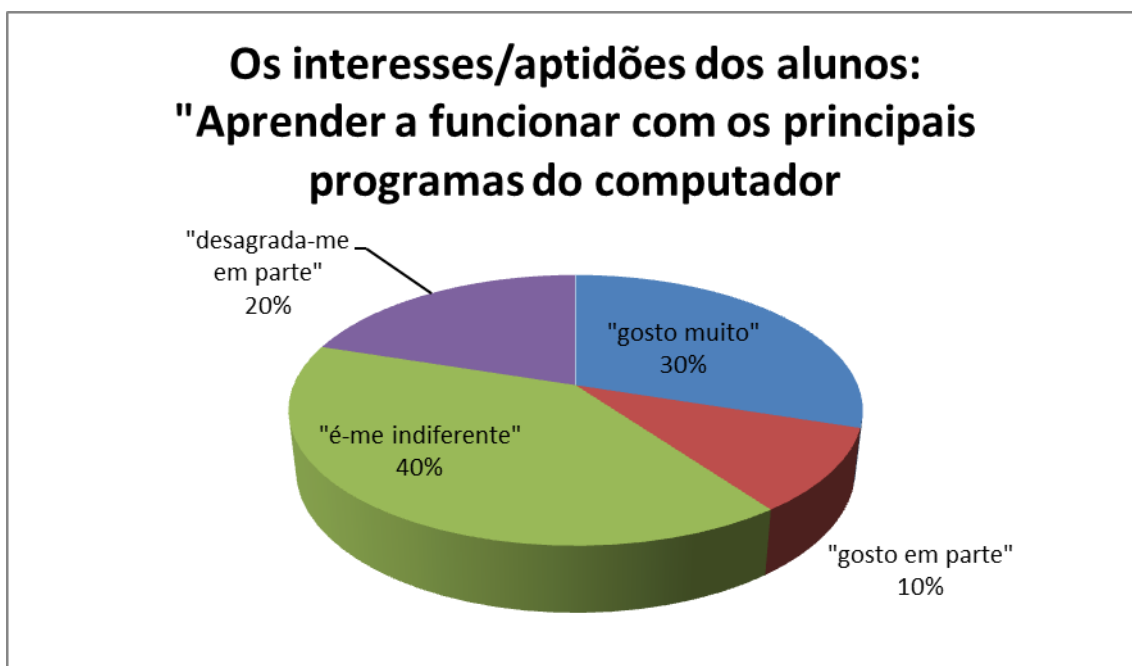


Gráfico 28: Níveis de interesse relativamente ao item 25 “Manejar ferramentas e maquinaria.”

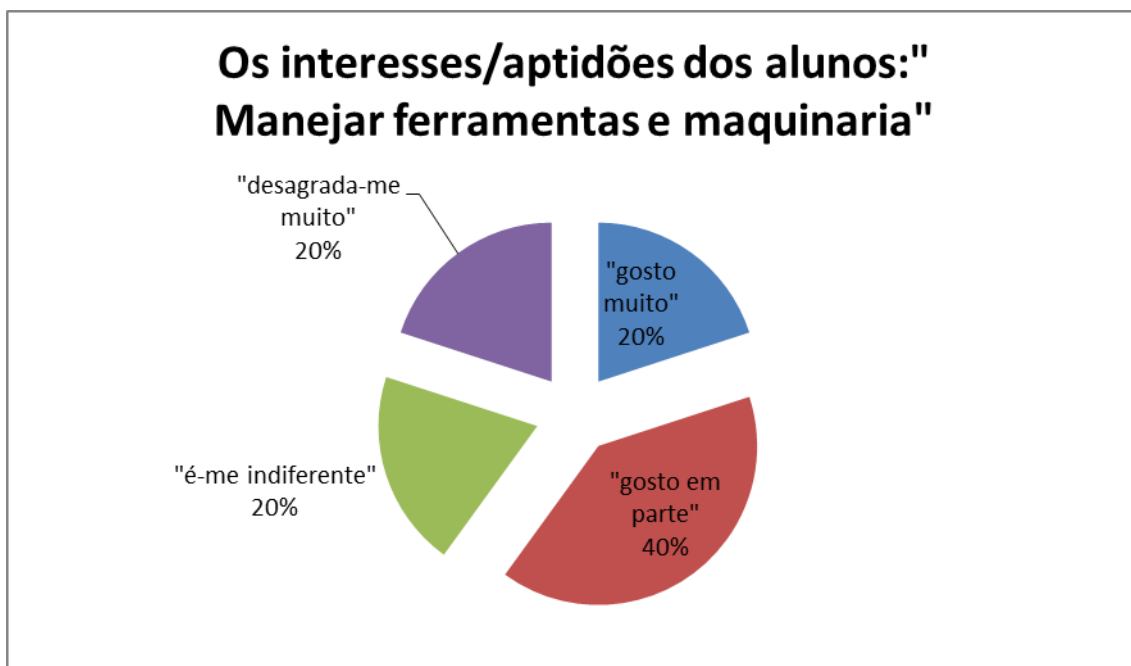


Gráfico 29: Níveis de interesse relativamente ao item 26 “Ser membro de uma associação musical”.

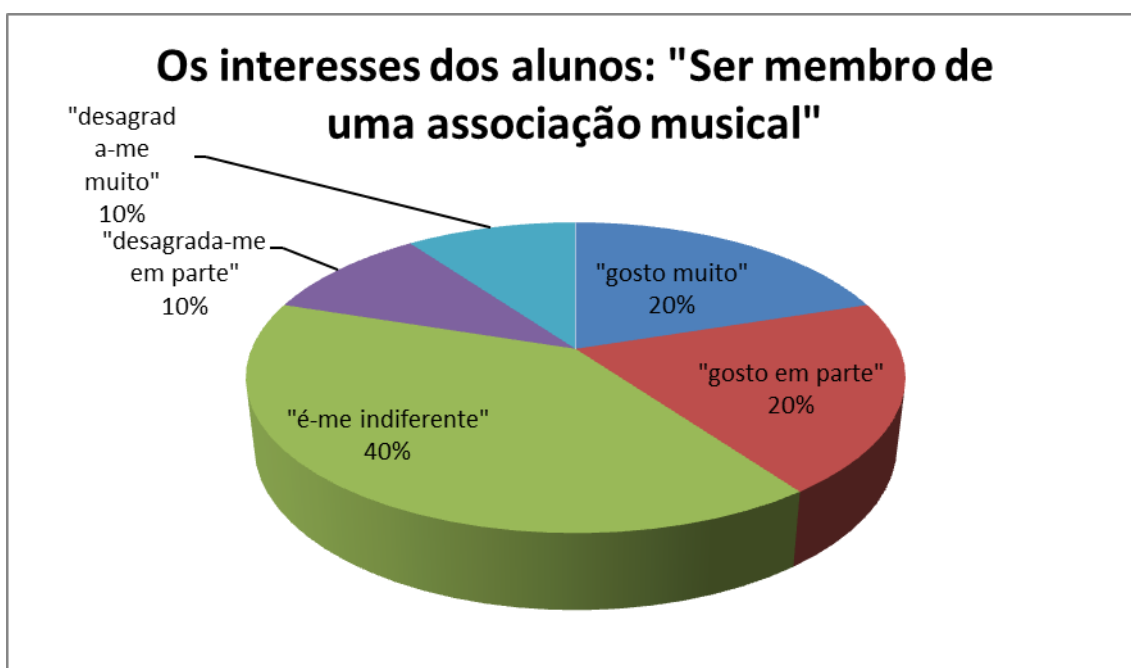


Gráfico 30: Níveis de interesse relativamente ao item 27 “ser mecânico numa grande oficina.”

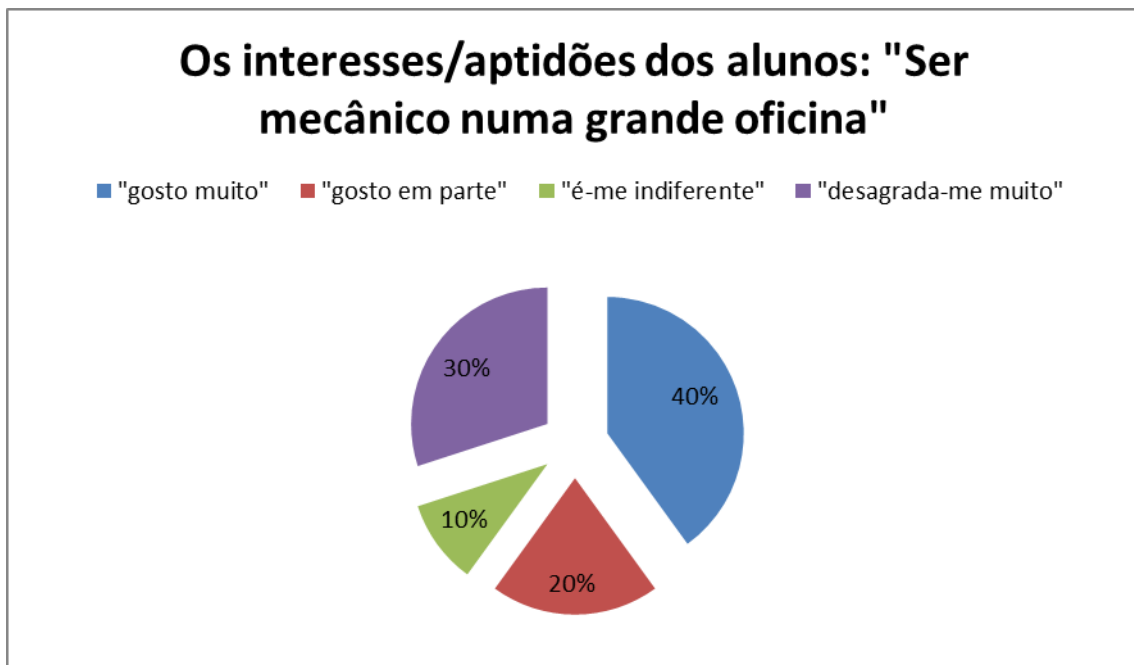


Gráfico 31: Níveis de interesse relativamente ao item 28 “Praticar desportos em recinto aberto, como actividade de lazer.”

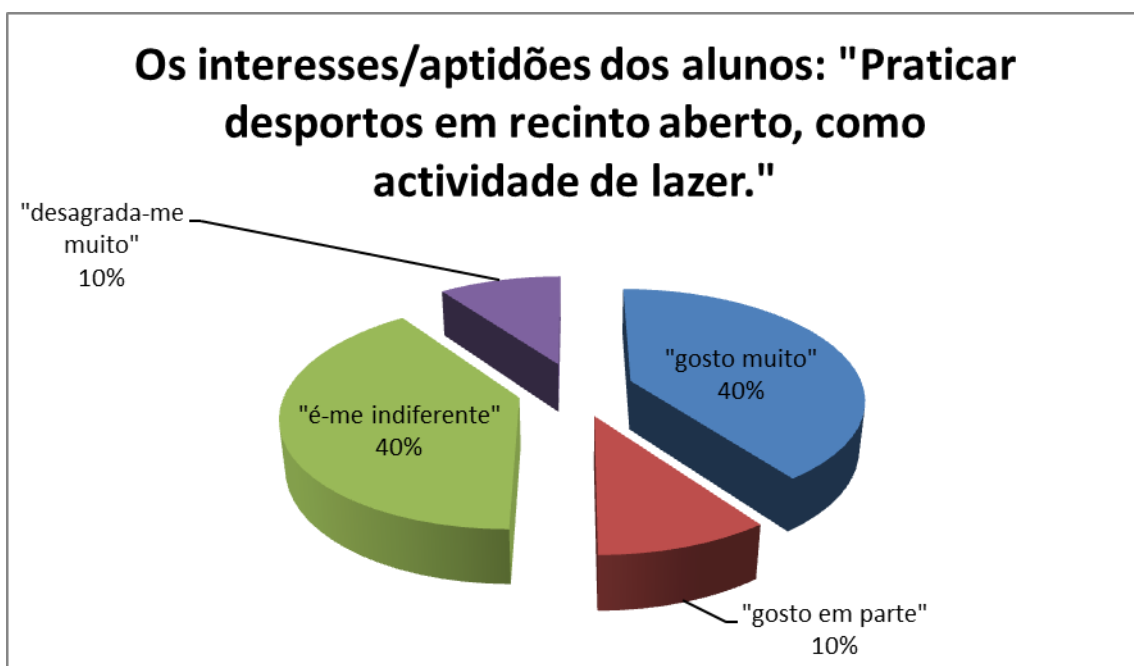


Gráfico 32: Níveis de interesse relativamente ao item 29 “Ordenar e classificar os livros de uma biblioteca.”



Análise Gráfica

- Análise aos interesses e aptidões profissionais dos alunos com dificuldades intelectuais, com base no questionário preenchido pelos alunos inquiridos e com o apoio na análise do quadro 5.

Gráfico 33: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 1 “Encarregar-se de uma exposição escolar.”

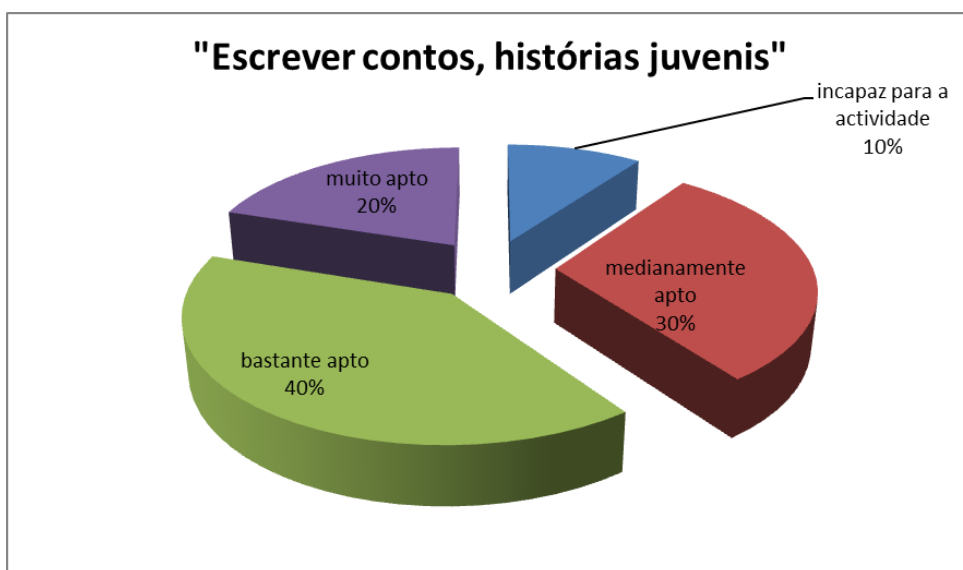


Gráfico 34: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 2 “Escrever contos, histórias juvenis.”

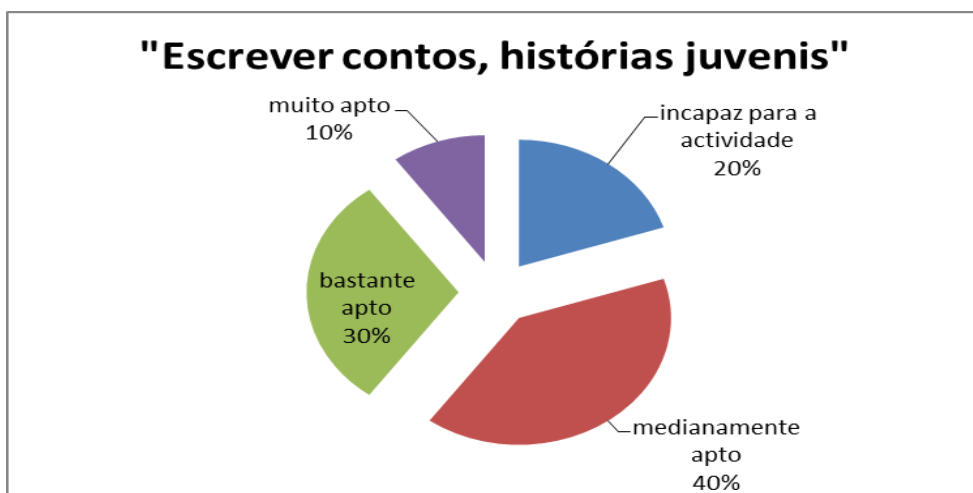


Gráfico 35: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 3 “Ler revistas e livros.”



Gráfico 36: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 4 “Para escrever composições ou artigos para um jornal?”

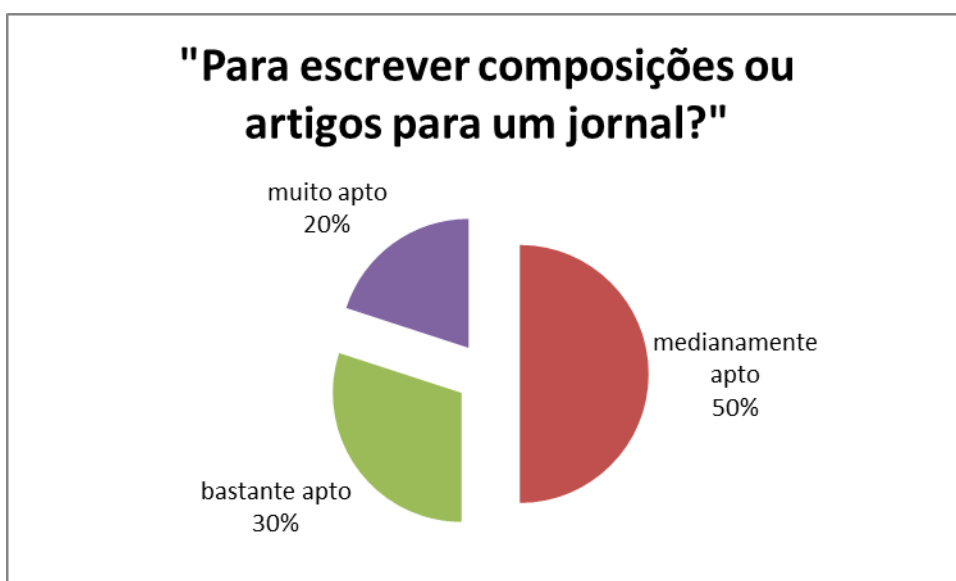


Gráfico 37: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 5 “Para tirar fotografias de qualidade?”

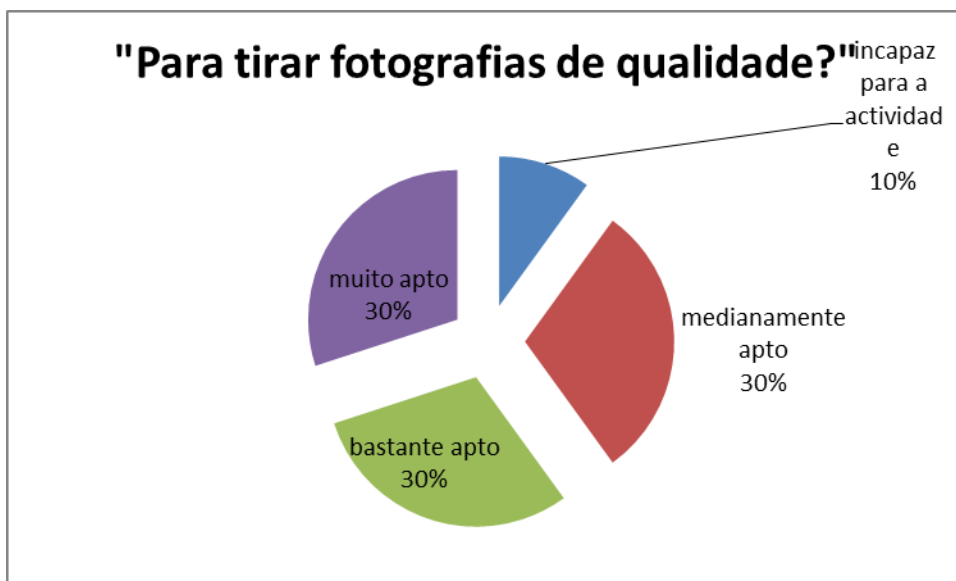


Gráfico 38: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 6 “Para escrever contos, narrativas, histórias?”



Gráfico 39: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 7 “Para fazer traçados geométricos com régua e esquadros?”

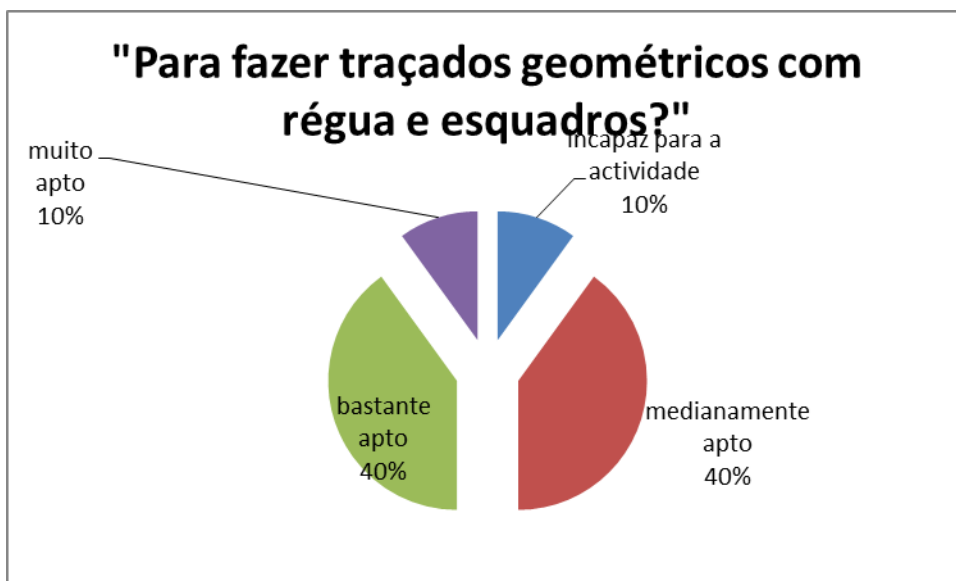


Gráfico 40: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 8 “Para ouvires os outros quando estão com problemas?”

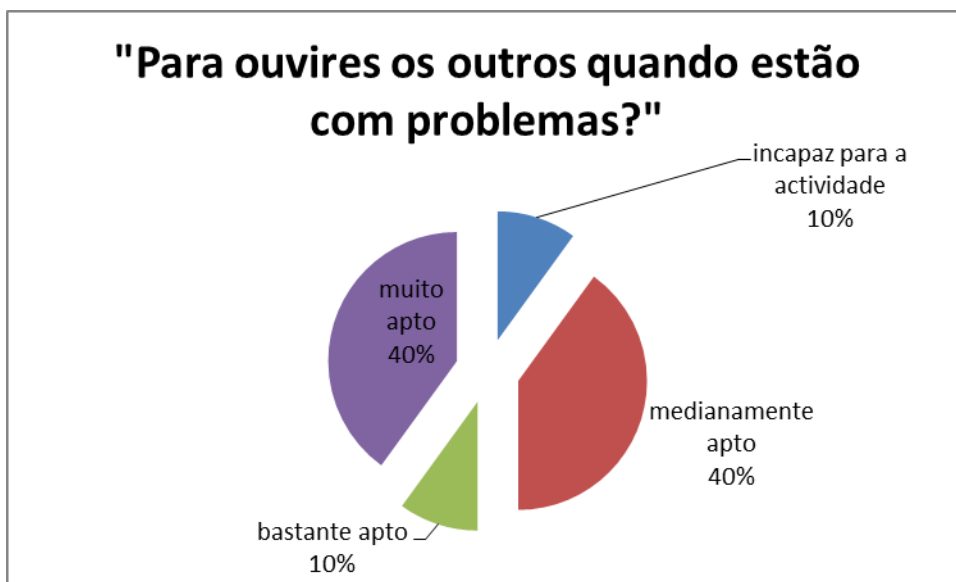


Gráfico 41: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 9 “Para aprender a usar o computador?”

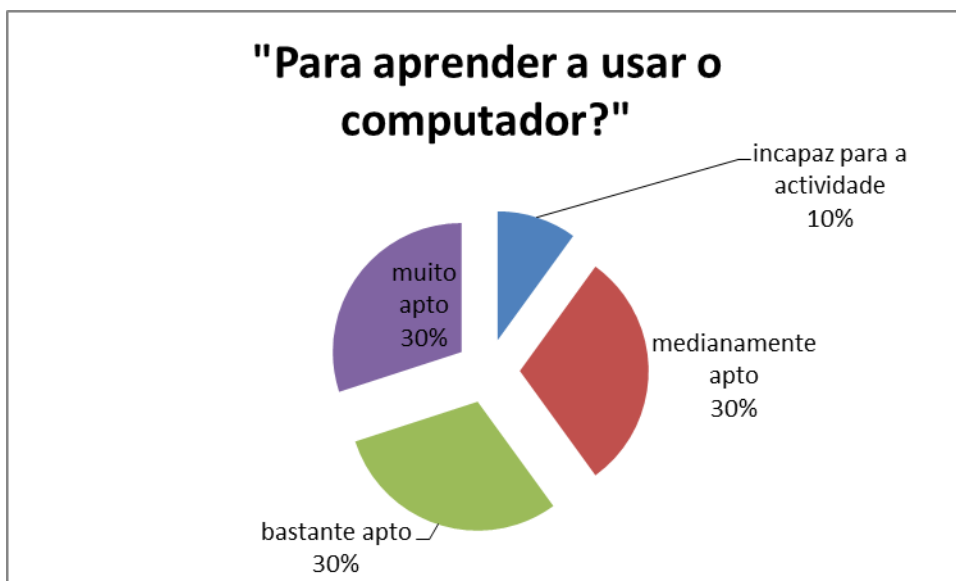


Gráfico 42: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 10 “Para montar e desmontar brinquedos complicados?”

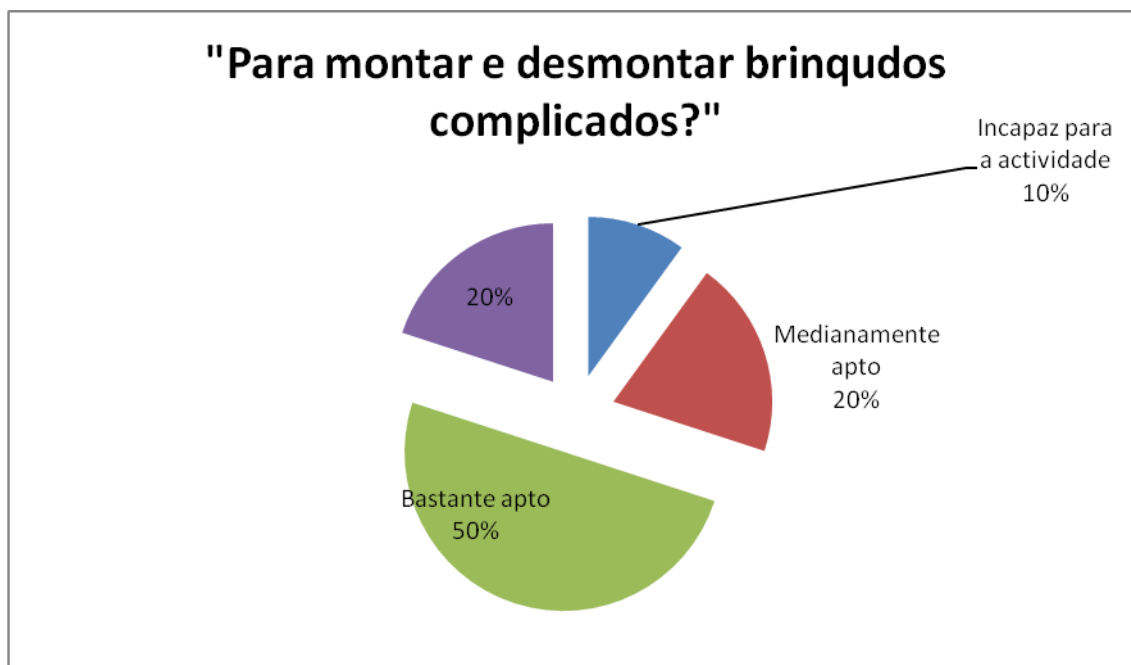


Gráfico 43: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 11 “Para arrumar e meter em ordem papeis?”

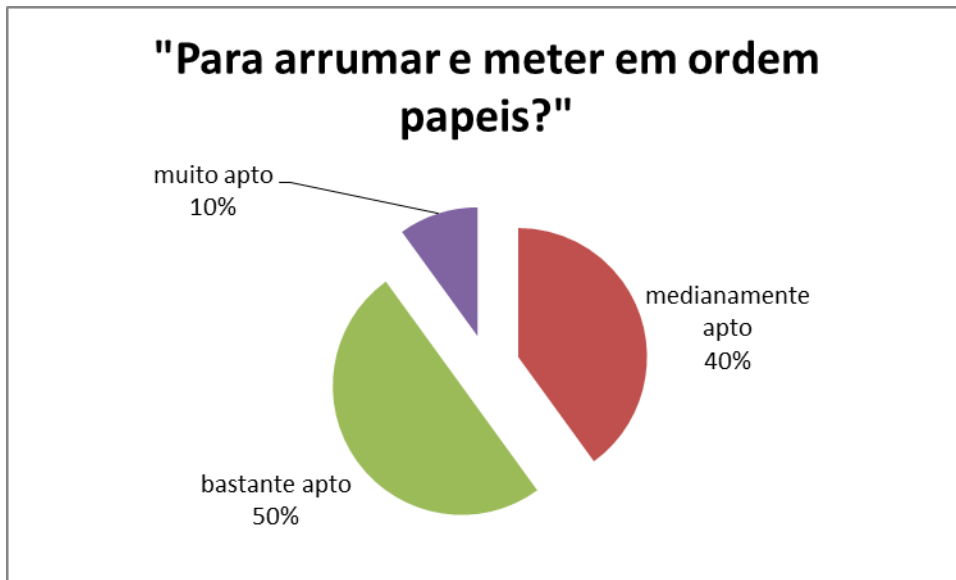


Gráfico 44: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 12 “Para ser um membro activo de um clube ou associação?”

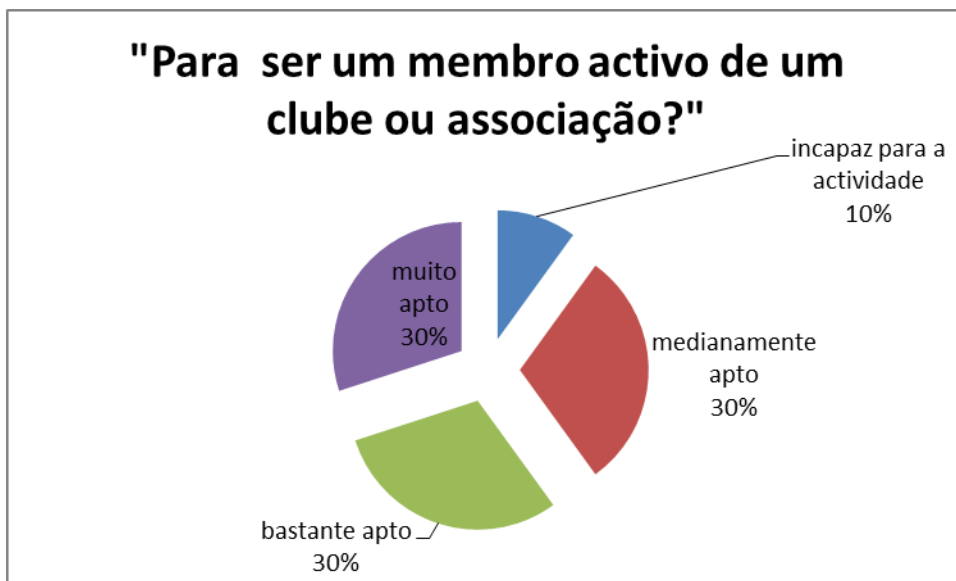


Gráfico 45: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 13 “Para fazer jogos de palavras, trocadilhos, etc?”

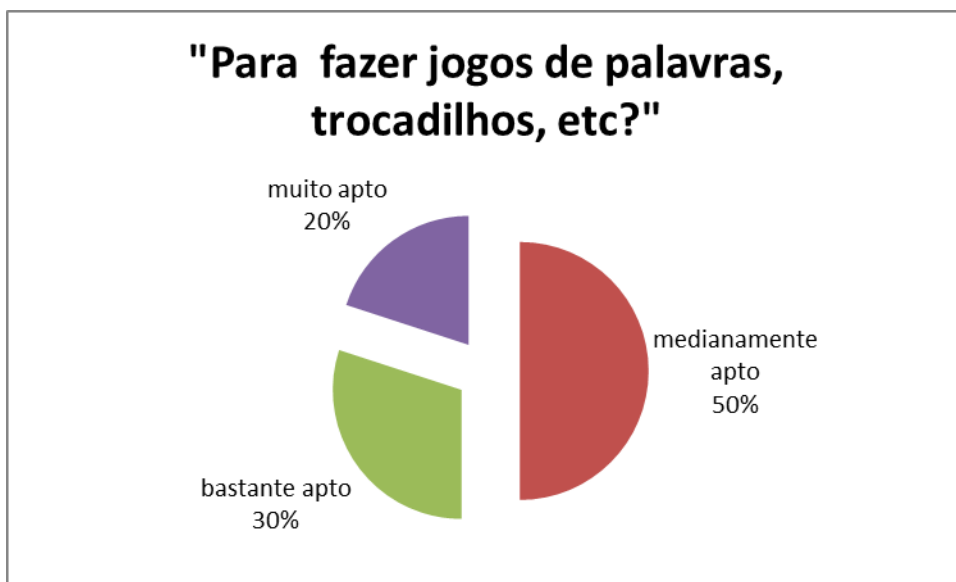


Gráfico 46: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 14 “Para modelar barro, plasticina, etc?”

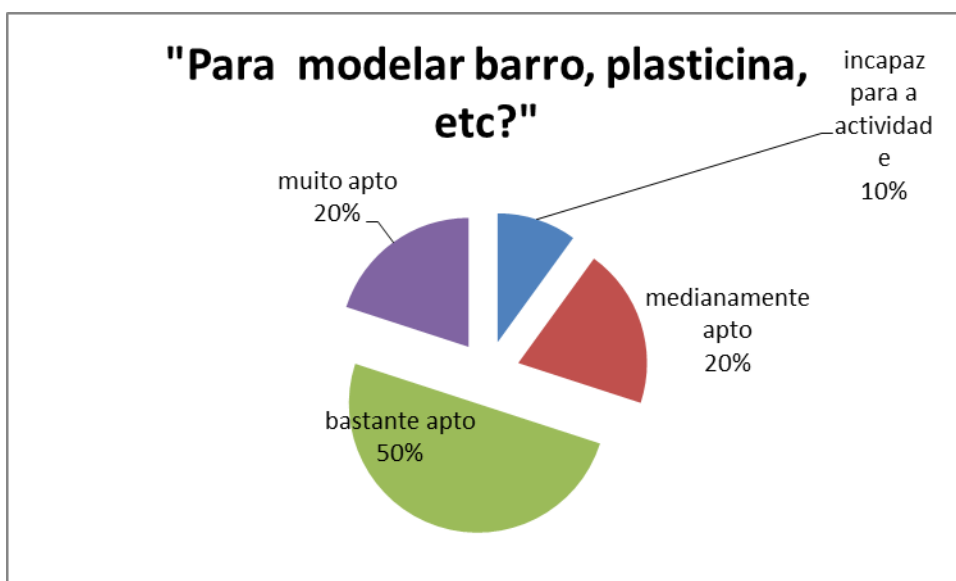


Gráfico 47: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 15 “Para inventar e realizar um cenário de teatro?”

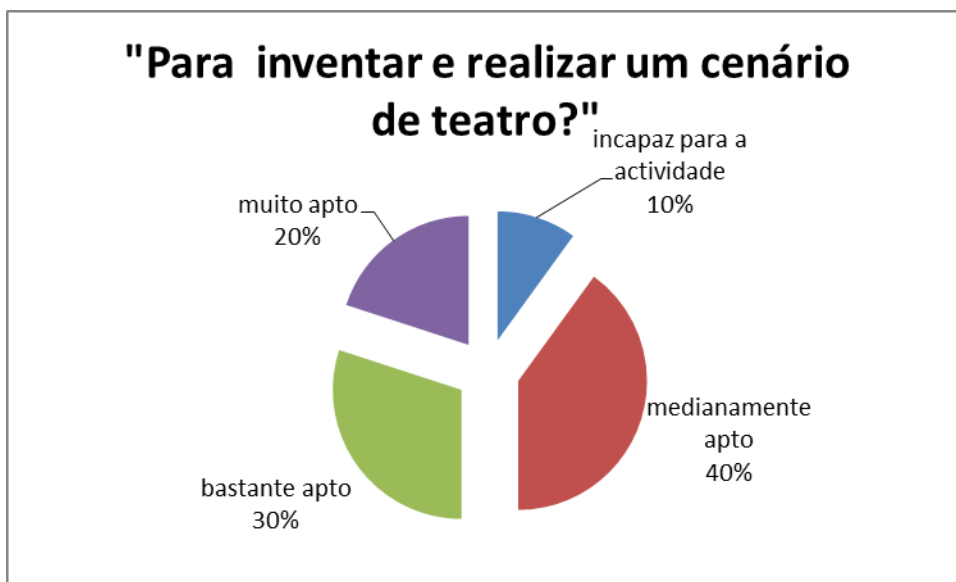


Gráfico 48: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 16 “Para desenhar casas, objectos, pessoas?”

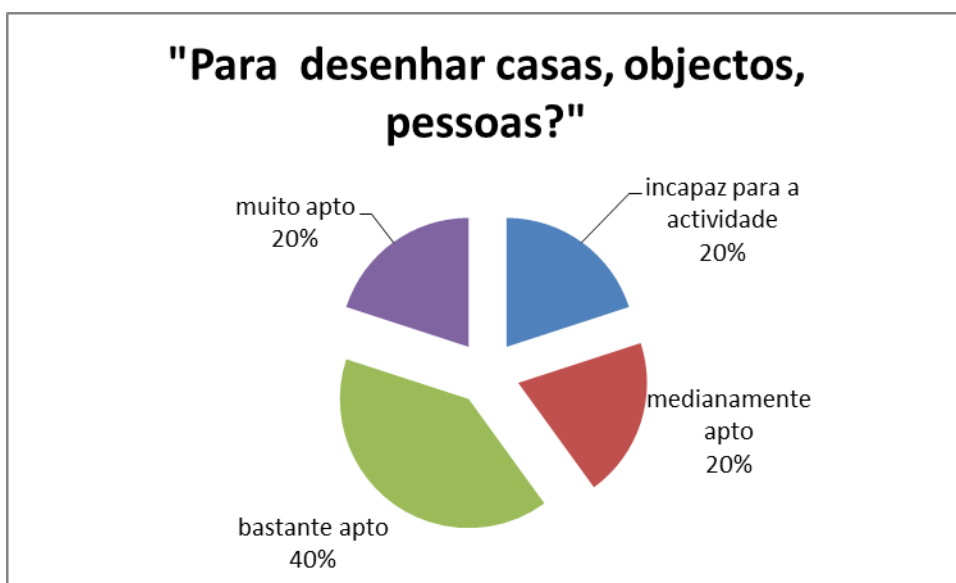


Gráfico 49: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 17 “Para inventar e criar roupa?”

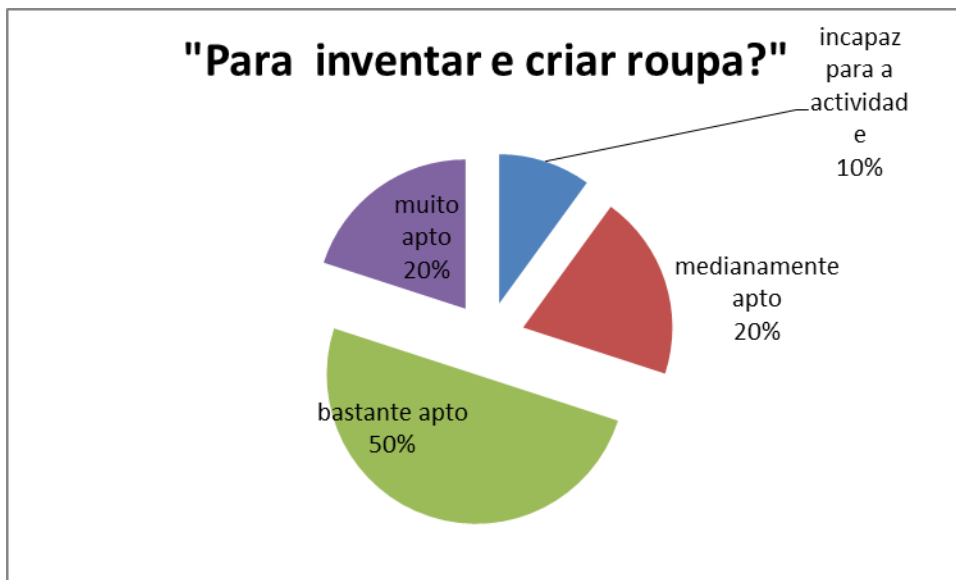


Gráfico 50: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 18 “Para vender objectos?”



Gráfico 51: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 19 “Para armar e compor objectos mecânicos?”

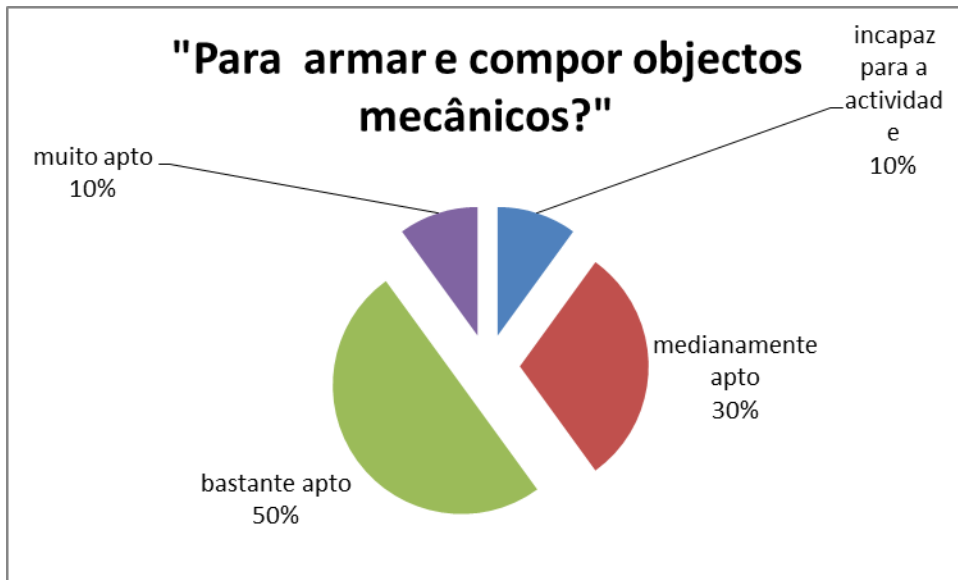


Gráfico 52: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 20 “Para perceber o funcionamento de certos mecanismos como motores, relógios, etc?”

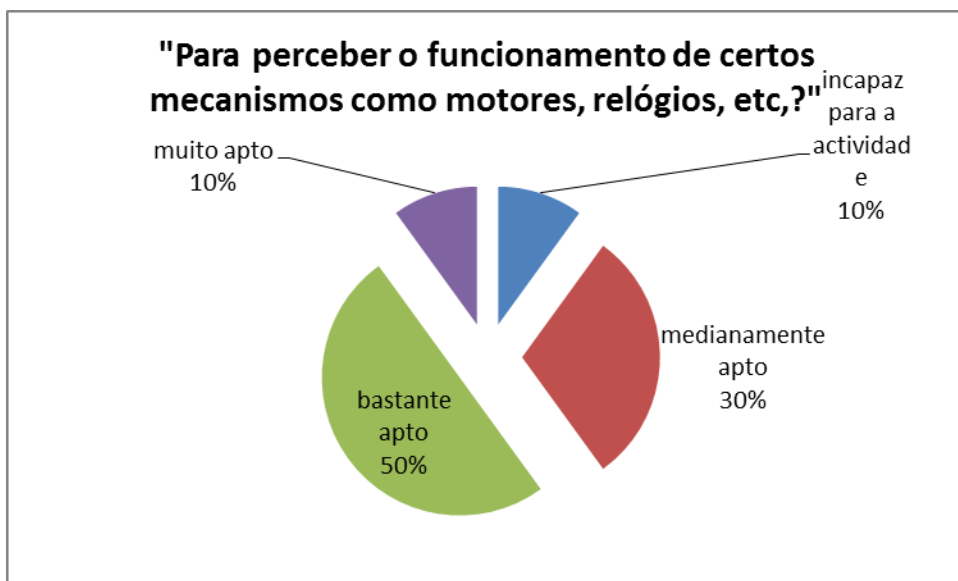


Gráfico 53: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 21 “Para tocar um instrumento musical?”

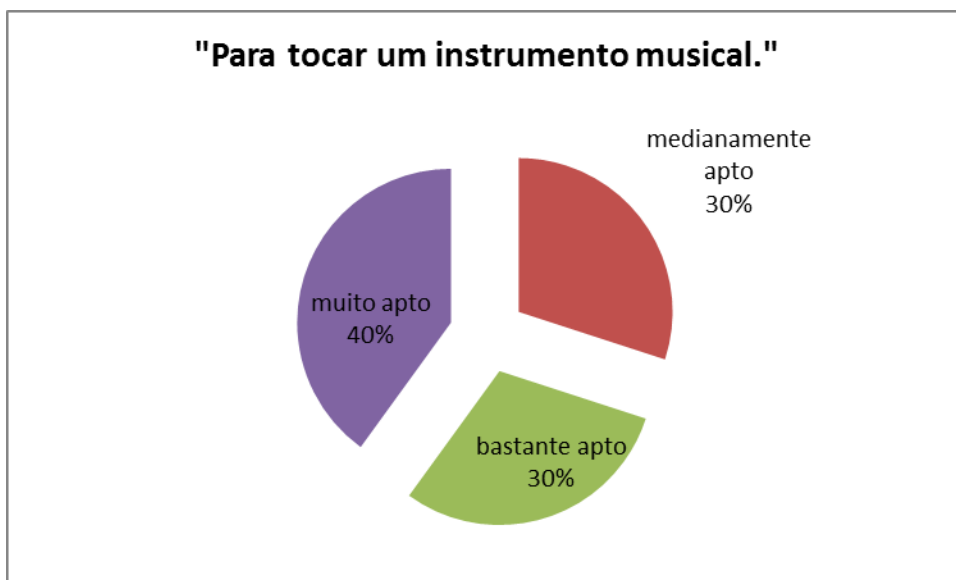


Gráfico 54: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 22 “Para manejar ferramentas como martelo, serrote, berbequim?”

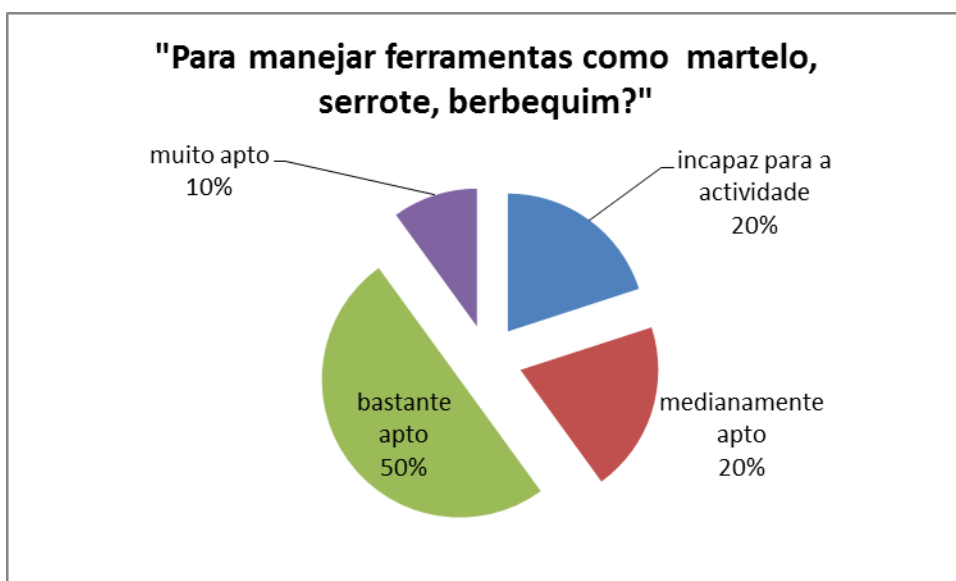


Gráfico 55: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 23 “Para perceber que alguém desafina quando canta?”

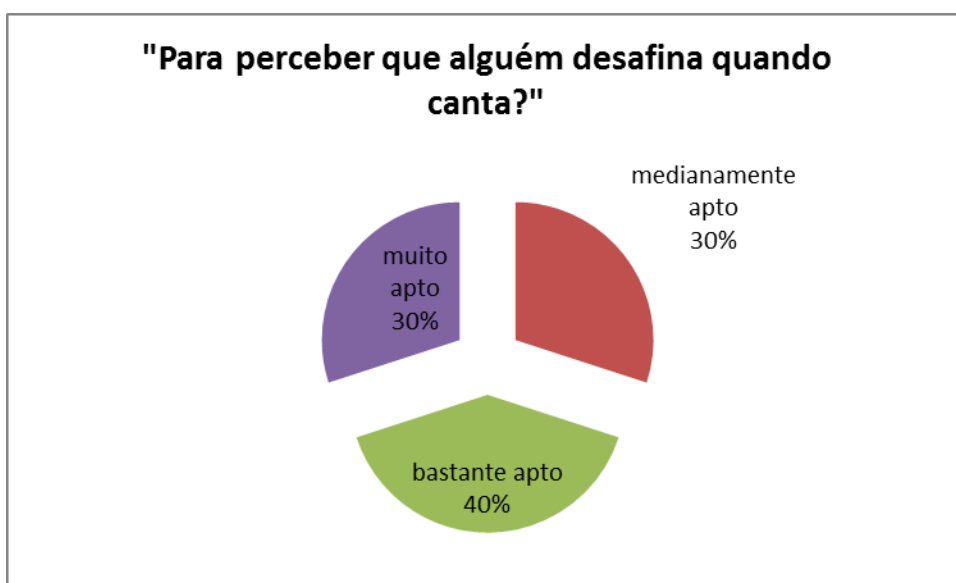


Gráfico 56: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 24 “Para distinguir diferentes instrumentos numa música?”

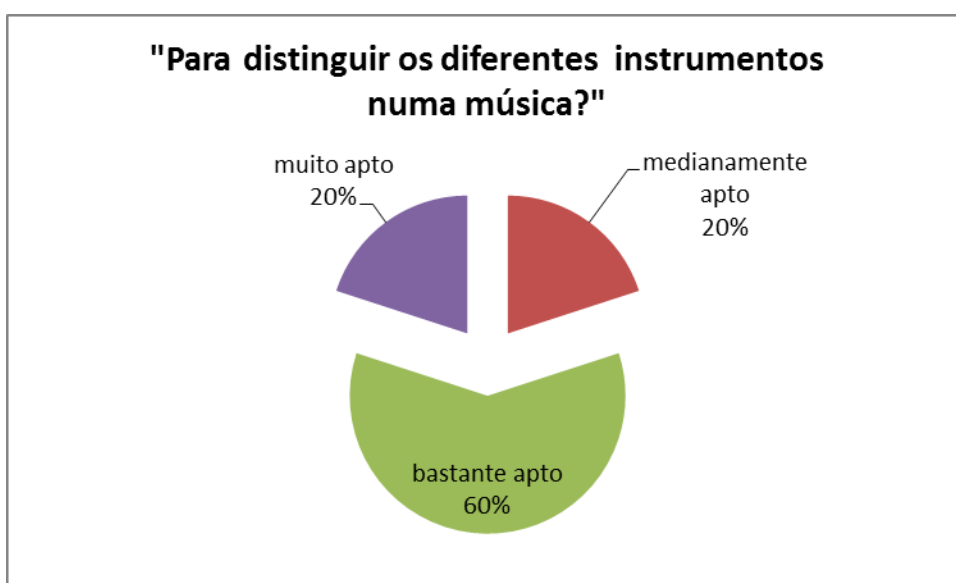


Gráfico 57: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 25 “Para tratar de alguém doente?”

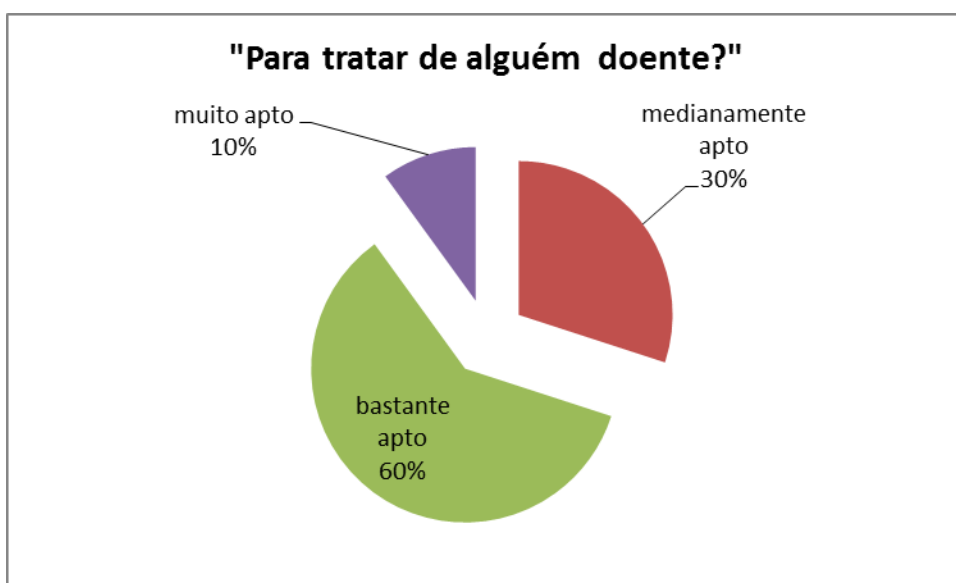


Gráfico 58: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 26 “Para trabalhar com ferramentas como chave inglesa etc. na reparação de um motor?”

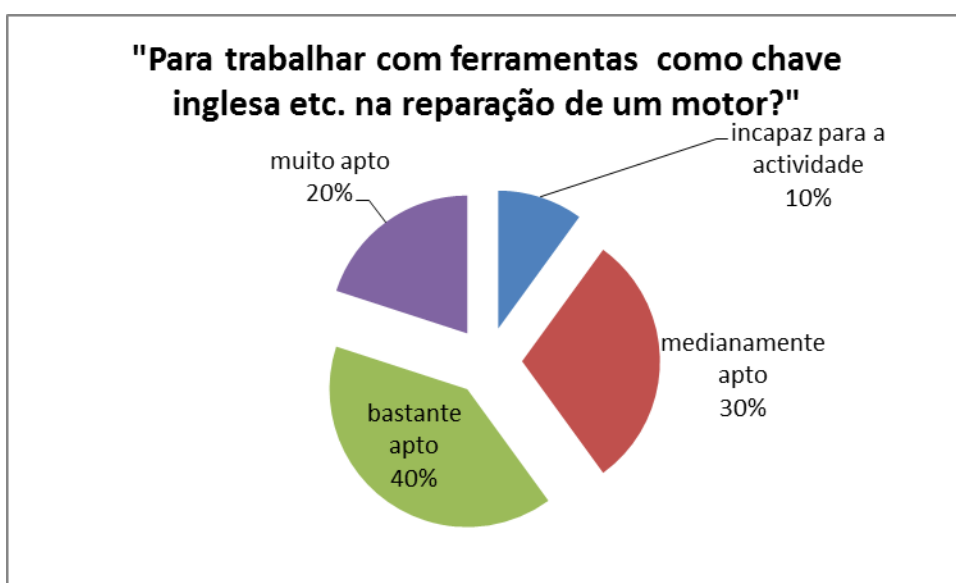


Gráfico 59: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 27 “Para cantar?”

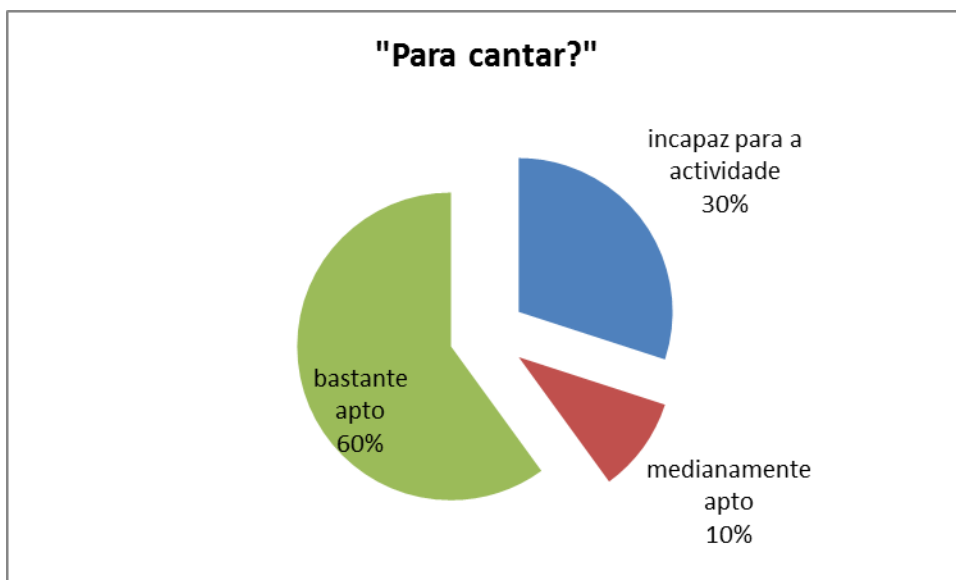


Gráfico 60: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 28 “Para colaborar com os teus colegas em trabalhos de grupo?”

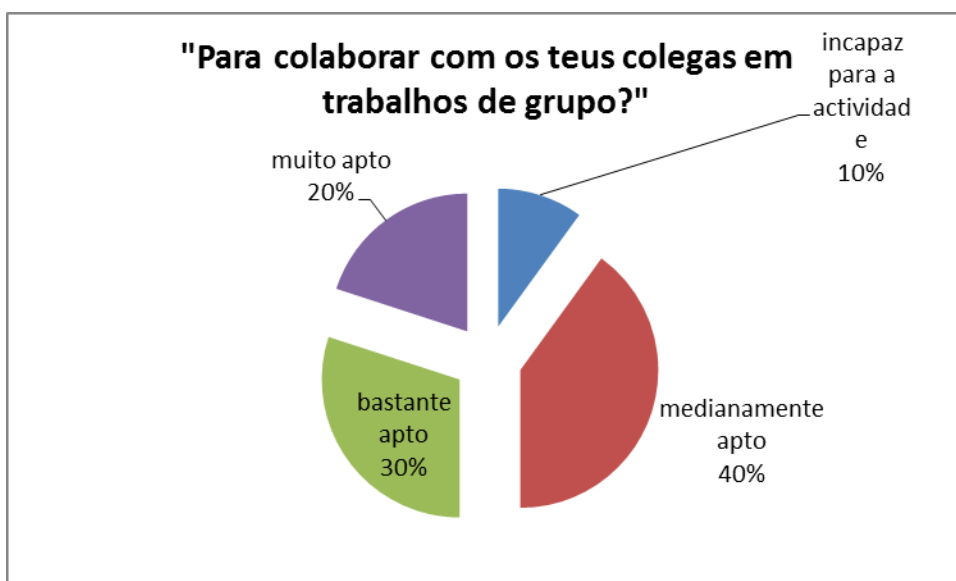
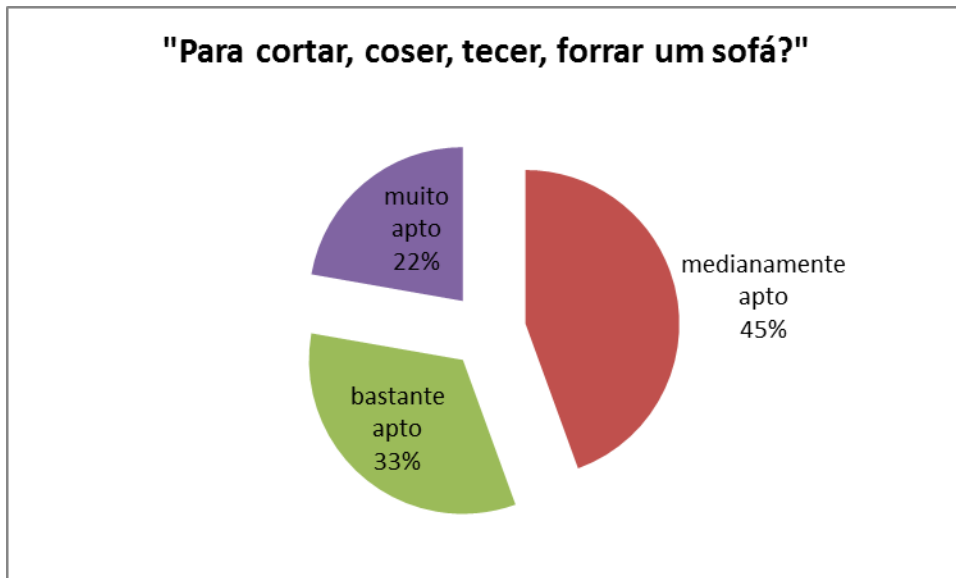


Gráfico 61: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 29 “Para cortar, coser, tecer, forrar um sofá?”



Nota: Um aluno não respondeu a nenhum nível, como se verifica pelos valores percentuais no gráfico 61.

Gráfico 62: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 30 “Para reparar uma tomada de corrente ou um interruptor?”

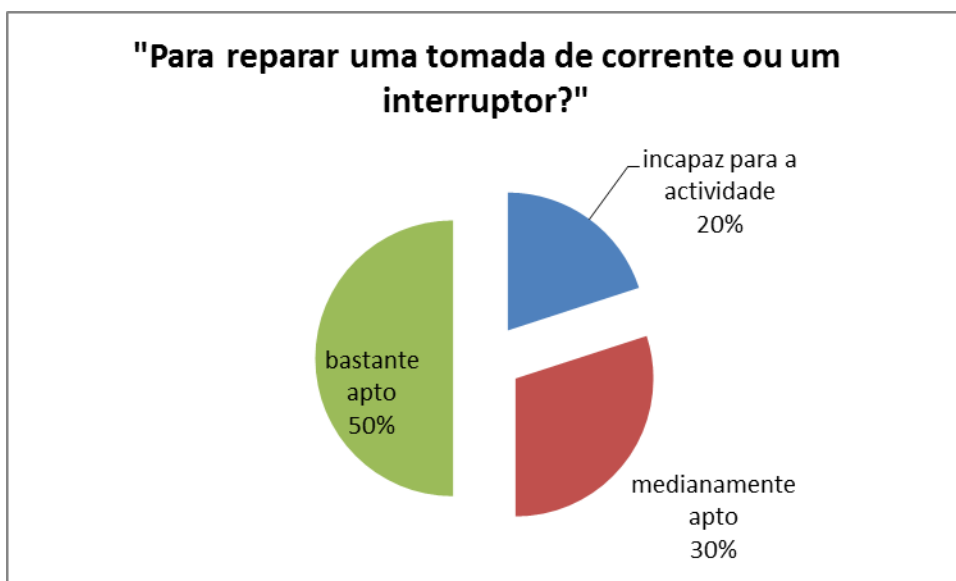


Gráfico 63: Níveis de aptidão dos alunos no desempenho de actividades: 31 “Para ordenar e classificar papéis correspondência ou documentos?”

